

# ANTOLOGIA DE CONTOS SELECIONADOS



EDIÇÕES APLACC  
2022





APLACC

# **ANTOLOGIA DE CONTOS SELECIONADOS**

**EDIÇÕES APLACC  
2022**

## **Academia Penedense de Letras, Artes, Cultura e Ciências - APLACC**

Presidente: Moezio de Vasconcellos Costa Santos

1° Presidente: Francisco Araújo Filho

2° Presidente: Clébio Correia Araújo

Editora: Márcia Brito Nery Alves

Curador de Conteúdo Digital: Carley Rodrigues Alves

### **Antologia de Contos Seleccionados**

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem prévia autorização das Edições APLACC.

Distribuição Gratuita.

### **Academia Penedense de Letras, Artes, Cultura e Ciências - APLACC**

Coordenação Edições APLACC – CEAP

Praça Barão de Penedo, 19 - Centro Histórico

Penedo - AL, 57200-000

[aplacc.org.br](http://aplacc.org.br)

e-book

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
Coordenação de Biblioteca. Seção de Catalogação.

---

Antologia de Contos Seleccionadas [recurso eletrônico]. Alves, Márcia Brito Nery (org.)

- Penedo, AL : Academia Penedense de Letras, Artes, Cultura e Ciências. Edições APLACC, 2022

Versão E-book.

Modo de acesso: [aplacc.org.br](http://aplacc.org.br)

1. Contos, Brasil. I. Alves, Márcia Brito Nery (org.)

CDU 869.0(81)

---

ISBN 978-85-907088-3-4

# *SUMÁRIO*

<i>Apresentação</i>	4
Renan da Silva Rodrigues Almeida	5
Jobber Rocha	16
Pedro Diniz de Araujo Franco	20
Evandro Valentim de Melo	27
Rodrigo Soares Duhau	32
Roberto Minadeo	43
Victor Evangelista	53
Coracy Teixeira Bessa	57
Lucas Rodrigues dos Santos	62
Clélia Jane Dutra	75
Rafael Alvarenga	89
Marcus Vinícius Gomes Silva	96
Luiz Sérgio de Carvalho	105
José Luiz Gomes da Silva	110
Maísa Gomes Brandão	115
Eder Duarte Lima	121
Mara Paulina Wolff de Arruda	128
Lena Luiz	131
Hannah Carpeso	144
Marinaldo Lima	148
Ana Paula de Souza Lima	158

# *APRESENTAÇÃO*

A Academia Penedense de Letras, Artes, Cultura e Ciências - APLACC - é uma instituição que tem como finalidade precípua promover a cultura e a literatura brasileira. Contamos com reconhecimento nacional e internacional que é fruto das inúmeras parcerias que construímos ao longo de nossos 57 anos de existência.

Dentre nossas atividades culturais, destaca-se o Concurso Literário da APLACC. Ao longo das edições do Concurso Cidade do Penedo de Poesia e Conto, recebemos textos literários oriundos de participantes de todos os estados da federação e de diversos países dos quatro continentes.

A obra Antologia de Contos Seleccionados organizada pela Academia Penedense de Letras, Artes, Cultura e Ciências - APLACC, reafirma o seu papel institucional de difundir a cultura nacional e a literatura brasileira, reconhecendo, valorizando e promovendo não apenas o livro e a leitura, mas também os autores que nos brindam e nos encantam com suas histórias.

Os contos seleccionados nesta obra abrangem as mais diversas temáticas de forma criativa e inspiradora. Todos os textos que compõem a Antologia de Contos Seleccionados foram submetidos por seus autores ao VII Concurso Literário Cidade do Penedo de Poesia e Conto e receberam menção honrosa por parte da Comissão Avaliadora da APLACC.

Boa leitura !

Márcia Brito Nery Alves  
Edições APLACC

RENAN DA SILVA RODRIGUES ALMEIDA

Fale com o autor: [renan.sralmeida@gmail.com](mailto:renan.sralmeida@gmail.com)

## A SÍNCOPE

Gilberto ia ao hospital pela terceira vez naquele mês. Na primeira, fora carregado por sua esposa até o carro e conduzido até lá. Na segunda, os vizinhos chamaram a ambulância após encontrarem-no desmaiado no chão da sala de estar. Não fosse a porta da entrada transparente, Gilberto poderia ter morrido. Foi dona Júlia quem primeiro o avistou. Achou estranha a forma do que parecia ser uma pessoa deitada próxima à porta. Mesmo com seus seis graus e meio de miopia e problemas oculares relacionados à catarata, dona Júlia foi essencial para salvar a vida de Gilberto. Evidentemente, não teria conseguido sem a ajuda do filho de José Pereira, Milton, que pulou o portão da casa de Gilberto e confirmou que este se encontrava desmaiado no chão. Logo providenciaram ajuda, chamando a ambulância. Se o resgate tivesse demorado – o que, por sorte, não aconteceu – talvez tivesse sido tarde demais.

Uma combinação particular de eventos tornou possível o adiamento da morte de Gilberto. Contudo, como todo homem e mulher, ele irá morrer. Infelizmente, devido a sua condição, morrerá mais cedo do que a média dos homens. Não estivesse dona Júlia varrendo a frente de sua casa quando o vizinho girou a chave do próprio portão, talvez este não tivesse tanta sorte. Ela ouviu o ruído de algo que parecia chocar-se contra o chão, mesmo possuindo problemas auditivos ocasionados por infecções na orelha externa. Após dois minutos apertando os olhos e ajeitando os óculos no rosto para melhor enxergar à distância, a aposentada aproximou-se da calçada da casa de Gilberto e fitou atentamente para a ampla porta de vidro da entrada. Tentou chamar pelo vizinho, mas não obteve resposta. Quando enfim desconfiou que ele pudesse estar desmaiado, correu – na medida em que uma senhora de setenta e dois anos é capaz de correr – para a casa de José Pereira gritar por sua mulher. Por sorte, esta não estava com o rádio ligado na altura em que costuma ouvi-lo e pôde responder ao chamado de dona Júlia rapidamente. Milton, que havia faltado à aula naquela manhã, foi acordado abruptamente e encarregado da missão de pular o portão da casa de Gilberto. O resto da história já é conhecido...

Gilberto ia ao hospital pela terceira vez naquele mês. Na primeira, a esposa o levava de carro. Na segunda, os vizinhos o acudiram quando desmaiou ao entrar em casa. Na terceira vez, estranhos providenciaram o socorro. Gilberto desmaiara na rua, relativamente longe de casa. Na ambulância, trataram de imobilizar o pescoço e examinar os olhos, bem como cuidar do ferimento na cabeça. A atenção dada a Gilberto foi suficiente para que ele acordasse antes mesmo de chegar ao hospital. Ele, desorientado, perguntou onde estava e o que havia acontecido. Explicaram-lhe sobre sua síncope e pediram-lhe para que não falasse mais. Ele obedeceu e acabou por adormecer. Exames foram realizados e, assim como nas outras vezes, nenhum problema foi encontrado. Gilberto teve uma longa conversa com um médico; explicou com detalhes sua rotina e hábitos alimentares, seu histórico de problemas de saúde e a frequência dos episódios de desfalecimento. Após longas horas no hospital, Gilberto foi levado para casa por sua esposa Sônia. Ela estava agitada e bastante preocupada com o marido. O filho de cinco anos do casal descansava tranquilamente no banco de trás do veículo. Decidiram que Gilberto se consultaria com o doutor Rogério, médico da mãe de Sônia, muito competente e confiável, segundo ela. A visita a um médico particular era um gasto que a família não havia previsto; porém, dadas as circunstâncias, era o melhor a se fazer. Na semana seguinte, Gilberto foi se consultar com o doutor Rogério. Este checou os exames que o primeiro havia feito nas outras idas ao hospital e pediu alguns outros, mais detalhados. As expectativas de Gilberto e sua esposa eram grandes. O médico, contudo, não soube com que expressão encará-los ao dizer que não era capaz de fazer um diagnóstico. O casal ficou melancólico; a esperança deles residia em Rogério; não sabiam o que pensar nem o que dizer; um silêncio de velório dominou a sala durante lentos minutos. O médico tentou controlar a situação, sugeriu outros – mais – exames, tentou levantar os ânimos, mas a ignorância e a angústia da espera eram demais para Gilberto e Sônia. Voltaram para casa tristes e preocupados. Temiam o pior: uma terrível e rara doença, que careceria de estudos e para a qual, conseqüentemente, não haveria tratamento. A cada novo desmaio a preocupação aumentava. A cada ida ao hospital o desespero tomava



conta da família. Gilberto consultou-se com diversos médicos, nenhum jamais conseguia descobrir a causa de suas crises. Estas, aliás, se tornaram cada vez mais frequentes: às vezes no banho, às vezes na sala enquanto assistia TV, às vezes no jantar. Além dos desmaios, não havia quaisquer outros sintomas. Não fosse a ideia de Sônia de manter a porta do banheiro aberta enquanto o marido banhava (ideia desenvolvida após o terceiro incidente), este poderia já estar morto. Era fundamental que Gilberto estivesse sempre acompanhado quando se davam seus desmaios. Até então, ele havia recebido ajuda em todas as vezes em que passara mal. Sem essa ajuda, ele morreria. Logicamente, Sônia e outros parentes não sabiam disso, mas no íntimo desconfiavam que tal coisa pudesse acontecer. Ficasse o homem só durante uma crise, morreria.

Dessa forma, Gilberto passou a ser rodeado de cuidados pela esposa. Insistia para que ele sempre voltasse do trabalho acompanhado de alguém, nunca ficasse um só momento sozinho, pois poderia apagar e então poderia ser tarde demais até que o encontrassem. Sônia também exigia que a porta do banheiro de casa se mantivesse aberta independentemente do que Gilberto fosse fazer ali. Tais cuidados e exigências aborreciam o homem, que se sentia sempre vigiado e tutelado, mas ele entendia a importância dessas medidas. O filho nada entendia daquela situação; via o pai ir tantas vezes ao hospital e perguntava que doença ele tinha; quase sempre, era uma pergunta desoladora para o doente, que não sabia como responder aos questionamentos da criança.

Então, os desmaios de Gilberto tornaram-se tão frequentes que ele não pôde mais trabalhar. Após uma longa e cansativa batalha judicial, conseguiu aposentar-se por invalidez. O desfalecimento era recorrente, mas durava pouco; alguns minutos bastavam para que o desmaiado recuperasse a consciência. Contudo, este ainda não podia, em hipótese alguma, ficar só. Os médicos, apesar de incapazes de diagnosticar Gilberto, haviam recomendado uma série de procedimentos a serem executados quando ele perdesse os sentidos. Assim, decidiu-se que a mãe de Sônia, que morava sozinha, mudar-se-ia para a residência do casal, a fim de cuidar do doente. Agora, havia

dois aposentados em casa.

Os primeiros dias, e mesmo os primeiros meses, da aposentadoria passaram agradáveis a Gilberto. Ele acordava mais tarde, lia o jornal inteiro, fazia as palavras cruzadas, almoçava a comida da sogra, cochilava na rede após a refeição, proseava com dona Júlia e com outros vizinhos e punha-se a observar, ao anoitecer, o movimento na rua, aguardando o regresso da esposa. Esta saía do trabalho e ia buscar o filho na escola, chegando a tempo de ajudar a mãe a preparar o jantar. A família jantava junta, e tudo parecia correr com relativa tranquilidade. Todos se esforçavam para adaptar-se às exigências da nova situação. Sempre que o doente desmaiava, preparavam-se os cuidados necessários e aguardava-se o retorno deste. Pode-se dizer que a família conseguiu acostumar-se bem à nova condição de Gilberto.

A vida de Sônia, no entanto, ao contrário da do marido, estava demasiadamente corrida: dormia pouco e mal, pois sempre estava preocupada com o parceiro; precisava pegar duas conduções para seu local de trabalho; a rotina no emprego era exaustiva, e as condições eram péssimas; findo o trabalho, tinha ainda de buscar o filho na escola; e ao chegar a casa, ainda era necessário cozinhar. Sua mãe possuía problemas na coluna, de modo que não podia fazer muito esforço; assim, realizava apenas algumas das tarefas domésticas, deixando a maior parte delas para a filha. Esta, um dia, relatou seu cansaço para o marido, que prontamente se dispôs a assumir algumas responsabilidades. Gilberto, então, passou a varrer a casa quatro vezes na semana, a limpar o piso três vezes na semana, a tirar a poeira dos móveis duas vezes e a lavar o banheiro três vezes. A lavagem da louça ficava por conta das mulheres, assim como das roupas. O almoço era feito pela mãe de Sônia, e o jantar pelas duas. A nova organização das tarefas agradou aos três envolvidos. Sônia, que nunca antes havia dividido as tarefas de casa, sentiu um peso sair de suas costas. Porém, o que diminuiu de trabalho dentro de casa, aumentou fora dela. O emprego exigia muito da mulher e, constantemente, ela se encontrava de mau humor.

Passado quase um ano, as coisas foram ficando um tanto repetitivas para Gilberto. Fazia quase sempre as mesmas coisas todos os dias:

acordar tarde, limpar algo, ler o jornal inteiro, fazer as palavras cruzadas, almoçar a comida da sogra, cochilar na rede após a refeição, conversar com dona Júlia e outros vizinhos, observar o movimento da rua ao anoitecer e esperar pela esposa, para assim jantar e assistir à televisão até sentir sono. Com o tempo, os serviços domésticos repetitivos passaram a irritá-lo, assim como as conversas de sempre de dona Júlia. A vida, então, passou a ser uma sucessão interminável de tarefas repetitivas. Lembrava-se de quando podia trabalhar, do quanto ansiava para chegar à própria casa e descansar; sentia saudades dos colegas e dos amigos com os quais perdera contato. Agora, sentia-se preso à própria casa, sempre perseguido por alguém, fosse a sogra, os vizinhos, a mulher ou os parentes, nunca estava sozinho. E os diabos dos desmaios continuavam, no entanto. Detestava a sensação que tinha quando acordava desnortado, sem saber direito onde estava e que horas eram, mesmo que ficasse pouco tempo sem consciência. Odiava o fato de que a síncope vinha sempre de surpresa, sem qualquer indício ou aviso, jamais seguia um padrão, ao contrário da sua atual rotina. Podia desmaiar enquanto estivesse almoçando, ou limpando o chão, ou conversando com alguém, nunca havia um momento certo para tal. Os médicos, apesar dos inúmeros testes que faziam no doente, seguiam incapazes de fazer um diagnóstico preciso. Uns desconfiavam disso, outros daquilo, mas todos eram refutados pela própria doença. Com o tempo, Gilberto deixou de fazer quaisquer testes e exames, deixou de visitar hospitais de todo.

O homem viveu assim três longos anos. Afinal, resignara-se a esse estilo de vida. Contudo, não sentia mais prazer em nada. Nem mesmo procurava a esposa mais. Viver tornou-se para ele sinônimo de simplesmente existir, sobreviver. Evitava as reuniões de família, preferia ficar no próprio quarto, vendo as imagens da televisão ou lendo a bíblia. O filho era incumbido da missão de verificar o estado do pai a cada vinte minutos, enquanto os parentes se distraíam em suas próprias conversas. Certa noite de páscoa, quando a família de Sônia se reunia em sua casa, Gilberto protagonizou uma cena constrangedora, segundo o que julgaram os presentes. O homem havia encontrado no armário da cozinha uma garrafa de cachaça. Pôs-se a bebê-la como se

água fosse. Já alterado, e reprovado em seu comportamento pela esposa, Gilberto adentrou a sala de estar, onde se encontravam todos os parentes de Sônia e começou a gritar:

- Eu vou morrer, seus desgraçados! Vocês... vocês me querem morto, que eu sei!

Os presentes se assustaram com o comentário e com a agressividade com a qual ele fora proferido. Gilberto cambaleava, mas esforçava-se para parecer sóbrio.

- Vocês... querem que eu morra... e que essa vagabunda encontre alguém melhor – disse, apontando para Sônia.

- Pode deixar que logo eu vou morrer... Aí vocês vão poder comemorar e falar “que bom que aquele doente miserável morreu”!

A plateia assistia horrorizada ao espetáculo. Sônia, muito envergonhada, tentou levar o marido para longe, puxando seu braço e pedindo desculpas por sua atitude, mas este resistia firmemente, buscando livrar-se da outra e equilibrar-se. Um primo de Sônia levantou-se para ajudar, dizendo palavras tranquilizadoras ao homem, mas este o ameaçou com a garrafa vazia. Após uma distração do bêbado, o primo conseguiu imobilizá-lo e levá-lo para o quarto. No processo, ouviram-se gritos e xingamentos terríveis, até que o bêbado se calou. Ador-meceu.

Na manhã seguinte, Gilberto acordou com terrível dor de cabeça. Olhou para o lado e avistou um balde de água com um pano de chão dentro. Durante a madrugada, Sônia teve o trabalho de limpar o vômito do marido. Já eram dez da manhã, ela já tinha saído ao trabalho há algumas horas. Gilberto buscou descansar a maior parte do dia. Permaneceu deitado em seu quarto a tarde inteira. A cada dez ou vinte minutos, a sogra o espiava pela fresta da porta. Quando chegou a esposa, ele se encontrava sentado à frente da casa. Os dois trocaram olhares, mas não palavras. O filho abraçou o pai e contou do que fizera na escola; entrou correndo em casa logo em seguida. O jantar se deu quieto, silencioso. Abriam a boca apenas para comer. Gilberto não sentia vontade nenhuma de pedir desculpas por sua atitude inapropriada da noite anterior. A esposa, contudo, assim esperava que ele fizesse. Frustrou-se. Foram dormir sem se falar.

Às duas da madrugada, Sônia já dormia pesadamente, mas o homem a seu lado remexia-se sem parar; não tinha o menor sono. Tentava não pensar em nada, mas pensava em um milhão de coisas. Não conseguia relaxar a mente, limpá-la, deixá-la tranquila. Recordava, ainda que as imagens fossem turvas, os acontecimentos da véspera. O primo da esposa o carregando para o quarto, a humilhação daquele ato... Sentia tanta raiva, tanto ódio. Passou a pensar em sua doença misteriosa, em como ela havia alterado radicalmente sua vida. Antes, era mais simpático com as pessoas, feliz com a vida, saía mais, tinha um emprego, tinha amigos. Agora, sentia-se como um animal de estimação que requer cuidados especiais. Não sentia que gostavam dele, apenas faziam o que faziam por obrigação, por costume. Imaginava que a qualquer dia desmaiaria e não teria ninguém por ele. Cansados de todo o trabalho, os familiares simplesmente decidiriam deixá-lo para morrer, decidiriam ignorá-lo quando ele precisasse. Absorvido nesse tipo de pensamento, ele havia esquecido algo muito importante, que quando lembrou inundou-o de felicidade: naquele dia não tivera nenhum desmaio! Em todos os dias desde que percebera que não poderia mais trabalhar, Gilberto havia desmaiado. Em todos esses dias tinha sofrido pelo menos um desmaio: fosse Natal, ano novo, páscoa, seu próprio aniversário ou qualquer outro dia comum, enfim, em todos esses dias desde a piora de sua condição Gilberto havia perdido os sentidos temporariamente. Sua alegria era tremenda ao encontrar tal exceção que, extasiado, acordou a esposa aos empurrões.

- Não desmaiei, amor! – exclamava – Não desmaiei!

- O quê? – perguntou a mulher, ainda muito sonolenta.

- Hoje eu não apaguei, benzinho. Fiquei o dia inteiro sem apagar!

O dia seguinte também correu sem desmaios. Gilberto sentiu-se ainda mais feliz. O próximo também passou em branco, e o outro também. Na sexta-feira, no meio da tarde, enquanto limpava alegremente o chão, Gilberto foi de encontro a ele. A sogra providenciou os cuidados de sempre e aguardou o genro recuperar os sentidos. Quando este acordou, após a confusão inicial quanto a onde se encontrava, levantou em tanto desanimado. Ao relatar o incidente horas depois para a esposa, ela disse que ainda assim deveriam permanecer esperançosos,

pois acontecera apenas uma vez ao longo daquela semana. Gilberto foi convencido, não haveria porque desanimar. De todo modo, desmaiar apenas uma vez durante uma semana era luxo com o qual ele não estava acostumado.

Nas semanas seguintes, o mesmo se deu: o homem apagava apenas uma, duas ou três vezes, no máximo, ao longo dos sete dias. Isso encheu a família de esperanças e ajudou a tornar o clima geral mais agradável. Gilberto sentiu-se mais feliz e disposto, saía mais de casa, interagiu mais com os parentes e vizinhos, sua relação com a esposa melhorara incrivelmente. A vida tornou-se mais leve e agradável, até lhe foi permitido buscar o filho na escola alguns dias. O doente não mais sentia raiva de ninguém, nem desgosto pela vida que levava, foi recuperando o gosto por estar vivo, por sentir o coração palpitar no peito, por conversar, por sentir frio ou calor, por comer. Por alguns meses permaneceu assim. Sempre que desmaiava, levantava triste, lembrando que a doença ainda existia. Contudo, quando olhava para trás, via que a vida antes era pior. Quem sabe, com o tempo, a doença não desaparecesse de todo? Quem sabe, após mais alguns anos, os desmaios não acabassem? A essa crença apegava-se com toda a força.

Sônia engravidou, apesar de não planejar fazê-lo. Ela estava muito preocupada com o que viria a seguir, já que agora era a única que possuía um emprego naquela casa. O marido não tinha a mesma preocupação, tinha ficado um tanto displicente com relação a métodos contraceptivos desde que sua doença regredira. Quando recebeu a notícia da esposa, que não estava nada contente, ele propôs uma comemoração. Alguns dias depois esta se deu: uma pequena reunião com alguns parentes de ambos. Lanches foram servidos, conversas foram travadas. O ambiente festivo animou Sônia, contribuiu para que ela eliminasse a tensão que antes sentia. O marido a tranquilizava o tempo todo, dizia que não havia o que temer. Tudo ficaria bem.

Algum tempo passou, e a barriga de Sônia começou a crescer. Com Gilberto, se dava o mesmo. O homem nunca tinha sido tão feliz como nos últimos meses. Tinha certeza absoluta de que, passado mais algum tempo, estaria totalmente livre dos desmaios. Quando estes aconteciam, nem se aborrecia mais. Toda a família estava mais

relaxada. Os cuidados e a vigília sobre o doente diminuíram. Frequentemente, ele saía sozinho, realizava caminhadas de curta distância, ficava curtos intervalos sozinho em casa. Tais momentos eram, porém, suficientes para que o homem saboreasse uma pequena dose da liberdade que perdera com a infeliz e misteriosa doença.

Certo dia, no entanto, aconteceu. O que todos antes temiam e de certa forma aguardavam, ainda que inconscientemente, mas que agora haviam esquecido de todo, agarrados à esperança de melhora que o arrefecimento dos sintomas indicava. Foi numa tarde de quarta-feira. A mãe de Sônia havia saído de casa para comprar frutas e legumes, que são mais baratos nesse dia da semana. Foi, e Gilberto permaneceu sozinho em casa. Não havia qualquer preocupação: a ida ao mercado, que ficava a poucos metros dali, seria rápida, num piscar de olhos. Mas assim como uma série de acontecimentos possibilitou que Gilberto sobrevivesse a um de seus desmaios, um conjunto de eventos contribuiu para sua morte. Não tivesse a sogra encontrado uma conhecida sua, há muito tempo sumida e com a qual tinha muitos assuntos a tratar, memórias e pessoas a recordar, Gilberto talvez tivesse sobrevivido. Não tivesse uma velha bloqueado seu cartão de crédito num caixa preferencial e requerido auxílio de terceiros, fazendo com que a mãe de Sônia tivesse de encarar uma fila cruel num caixa convencional, Gilberto talvez tivesse sobrevivido. Não tivesse Gilberto desmaiado no exato momento em que a mulher passara a chave no portão, o infeliz poderia ter sobrevivido. Até então, nunca tinha permanecido sozinho em seus desmaios. Sempre que aconteciam, tinha logo alguém para socorrer. Na primeira vez, fora carregado por sua esposa até o carro e conduzido até o hospital. Na segunda, os vizinhos haviam chamado a ambulância após encontrarem-no desmaiado no chão de sua própria sala de estar. Na terceira, estranhos foram ao seu resgate. Nas milhares de outras vezes depois, contou com a ajuda de Sônia, da mãe dela, de diversos parentes e amigos e até mesmo do filho pequeno. Agora, morria sozinho, largado no chão frio da própria casa, cinquenta minutos após perder os sentidos. Desta vez, os havia perdido para sempre. Em muitas outras ocasiões poderia ter morrido ao bater a cabeça contra o chão, mas apenas naquele exato dia havia encontrado a

tirana de vestes negras e foice, a própria morte!

O funeral foi simples, e o clima geral o mais triste que se possa imaginar. A viúva enxugava as lágrimas e buscava aceitar o fato de que um dos filhos não conheceria o pai. “Por que mamãe foi demorar naquele dia?”, pensava. Os parentes e amigos da família estavam consternados, e em cada grupo de pessoas se dizia o mesmo: “tão jovem...”.



JOBBER ROCHA

Fale com o autor: [rochajober4@gmail.com](mailto:rochajober4@gmail.com)

## ADUCHA FRIA

Eu a conheci durante uma festa. Era uma mulher linda e estava em um canto isolado do salão, como se esperasse alguém ou como se estivesse meio deslocada naquele ambiente alegre e festivo.

De onde eu me encontrava fiquei observando o seu corpo, suas roupas e sua postura. Era perfeita em tudo. Possuía um tipo asiático, de olhos amendoados, cabelos negros, corpo esbelto, dentes perfeitos. Seu vestido caia-lhe perfeitamente e devia ser produto da alta costura francesa. Parecia um pouco tímida e tive a intuição de que deveria ser excessivamente carinhosa. Resumindo, era o meu tipo de mulher.

Esperei um pouco e, finalmente, não me contendo mais, resolvi me dirigir a ela com alguma pergunta tola, só para entabular conversaço.

Ao me aproximar, ela, virando-se em minha direção, deu-me um sorriso maravilhoso que deixou as minhas pernas bambas.

Perguntei-lhe se esperava alguém e ela respondeu que não. Disse que havia sido convidada por um amigo e resolvera vir, embora não conhecesse ninguém naquele local.

Convidei-a para sentar e pedi uma bebida para nós. Não me cansava de fitar seus lindos olhos negros, seu sorriso juvenil e franco, o movimento de sua cabeça e o balançar daqueles longos cabelos negros tão bem tratados e perfumados. Suas mãos eram finas e suas unhas grandes esmaltadas em um tom suave. Em um dos dedos um fino anel com uma pequena esmeralda. No pescoço um lindo colar de brilhantes que fazia conjunto com seus brincos, também daquela mesma pedra preciosa.

A medida em que seguíamos conversando segredou-me, com uma agradável e excitante voz, que era pintora e que possuía um atelier na cidade. Premiada em várias exposições mundiais, seus quadros adornavam paredes de instituições públicas e privadas, além de mansões de milionários nos quatro continentes.

Eu estava, realmente embevecido. Tentando vasculhar o meu passado recente, buscava encontrar alguma boa ação que houvesse feito para merecer tamanha dádiva do Criador. Jamais imaginara estar frente a frente com uma mulher como aquela, que parecia, sejamos francos, simpatizar comigo desde o início.

Falei-lhe sobre a minha vida de piloto de caça da Força Aérea. Contei-

lhe sobre os exaustivos treinamentos que fazia sobre o território nacional, quer durante o dia, quer durante a noite. Ela mostrou-se deslumbrada com esta minha faceta, admirando a minha coragem e patriotismo.

Eu, aproveitando a deixa, comentei que enquanto ela dormia sonhando com suas novas telas, eu, sem que ela ao menos imaginasse, velava pelo seu sono percorrendo os céus do país a velocidades supersônicas, pronto para destruir qualquer inimigo alado que ousasse perturbar o descanso dela.

Ela, sorrindo, agradeceu-me de maneira carinhosa, segurando-me a mão por sobre a mesa.

Confesso, para aqueles que não conhecem o meu lado conquistador e ‘galinha’, que, naquele exato momento, eu já estava convencido de ter encontrado a mulher da minha vida. A companheira ideal para viagens internacionais, para temporadas de inverno em chalés suíços, para caçadas no interior da África negra, passeios de barco pelas águas do Nilo e excursões às pirâmides do Egito.

Prometi a mim mesmo que não deixaria passar aquela inesperada e única oportunidade. Iria pedir seu telefone, e-mail, whatsapp, facebook, twitter, endereço e não pretendia mais deixá-la só, dali em diante, nem um único dia que fosse.

Por vezes, nossos joelhos se tocavam por debaixo da mesa, deixando-me em uma excitação constrangedora.

A certa altura, ao tocar uma música romântica, perguntei a ela se desejava dançar. Tendo concordado, seguimos juntos para a pista de dança. Seu andar era o de uma verdadeira modelo internacional, desfilando em uma passarela na Maison Dior. Notei que homens e mulheres a observavam enquanto caminhava, admirando sua maneira elegante de se deslocar, quando parecia flutuar ao invés de andar.

Na pista, enlacei-a pela cintura e ela apoiou-se no meu ombro. Demos as mãos e começamos a dançar. Inicialmente afastados, aos poucos, fomos nos aproximando um do outro. Seu perfume era inebriante, seu hálito rescindia a jasmim, sua pele era macia como pétalas de uma flor.

Ao apertá-la com mais força, trazendo-a de encontro a mim, senti a presença de algo que me deixou intrigado. Que volume seria aquele, colocado em um local onde não deveria existir nenhum volume?

Talvez uma pequena bolsa contendo um batom? Mas por que logo ali? Afastei-me e ela percebeu que eu havia percebido. Disse que estava cansada e que queria voltar para a mesa.

Na mesa, já sentados, ela disse que queria confessar-me algo. Começou falando que havia simpatizado muito comigo e que, se eu relevasse algumas condicionantes do seu passado, estava convencida de que poderíamos ser felizes juntos.

Questionei a que condicionantes ela se referia. Com os olhos baixos e duas lágrimas furtivas rolando pela face, ela disse: - Eu me chamo Juvenal e nasci homem!

Embora eu já estivesse preparado, aquela confissão pegou-me, realmente, de surpresa. Não podia imaginar por que razão o Criador (ou a Natureza, se preferem) havia me pregado aquela peça. Será que desejava testar-me para alguma missão mais ‘cabeluda’? Queria conhecer meus pontos fracos?

Fiquei alguns minutos em silêncio. Não sabia o que dizer. Não desejava magoar uma criatura tão sensível e tão bonita. Todavia, dentre todos os sonhos que sonhara alguns minutos antes, havia um em que eu conduzia duas crianças ao colégio, crianças estas que eu havia gerado com meus próprios espermatozoides.

Percebi, naquele momento, que o baile para mim já havia terminado. Apertei a mão de Juvenal, agradei a sua companhia, desejei-lhe sucesso na carreira de pintor, levantei-me e me dirigi ao estacionamento, onde embarquei em meu carro e rumei direto para a base aérea onde servia.

La chegando, tirei o terno e a gravata, peguei uma toalha e me dirigi ao banheiro, onde tomei uma longa ducha fria, antes de cair na cama e sonhar com cenas de um combate aéreo no qual um piloto inimigo, com rosto de mulher, quase havia conseguido me iludir com a sua aeronave stealth (não detectável no radar) e derrubar com um míssil que trazia escondido sob as asas...

PEDRO DINIZ DE ARAUJO FRANCO

Fale com o autor: [pdaf35@gmail.com](mailto:pdaf35@gmail.com)

## DEFESA ESPECIAL

Todo advogado sabe que, quando participa de defesa especial e especial pode englobar vários aspectos, sua vida se complica. A do meu escritório era especial porque o chefe ia defender seu maior amigo e em caso difícil. E se negava a recorrer à eutanásia por amor como mote de defesa. Vamos começar do início para ver se fica claro. Lembro de pensamento de Mário Quintana, um de meus ídolos, que dizia “quando um leitor pergunta a um escritor o que quis dizer, um dos dois é burro”. Então não quero passar por burra, ainda que não seja expoente no escritório, ou na vida. Meu segundo ídolo é meu atual chefe que às vezes me distingue com uma noitada, ou até 48 horas, quando me leva para fim de semana. E nem me posso vangloriar de ser a amante de meu ídolo porque, sendo verdadeira e esta história, sou de fato mais uma e de modo concomitante com outras. O Dr. Amélio Bermudez Júnior foi meu professor no último ano do Curso de Advocacia. Tinha vinte dois e ele andava pelos cinquenta. Nesta ocasião tive o privilégio de acompanhá-lo em dois casos particulares. Estudantes de certo porte, físico e mental, eram convidadas a acompanhá-lo particularmente. De fato era ótimo para nossas carreiras ver como um ótimo advogado trabalha. Amélio sabia vender seu peixe, principalmente perante um júri popular e de forma notória. Logicamente estou dizendo que era um grande artista e nunca um canastrão. Advogados de juris populares precisam conhecer Direito, só que isto não basta para salvar clientes. Este artista tem que fingir que não é artista, para de fato representar perante os jurados. Deve haver enredo entre jurados e advogado de defesa, principalmente em relação a causas aparentemente perdidas. E que na prática foram ganhas pelo desempenho da defesa. Minha avó dizia que eu era a neta que tinha o dedo podre. Explicando vovó, meus encantos se destinavam a quem não merecia. E então com vinte e seis anos, já formada há 4 anos, tendo tirado a permissão da OAB para exercer a profissão tão logo me formei, atuei em pequenos escritórios, tive causa contra o do Dr. Amélio e perdi. Perdi e lutei muito, tanto que meu ídolo me chamou para sua equipe. A equipe caíra um pouco de padrão, porque dois de seus melhores auxiliares se cansaram de ser auxiliares e resolveram dar-se as mãos e voarem por conta própria. Não voaram alto e desfalcaram a equipe.

Escritórios de muitas causas precisam de equipe, porque o principal cuida do principal e nem sempre só do Direito. Ele pode dar o toque de Midas, só que a base da defesa tem que ser da equipe, do suor da equipe, do que descobriu sobre o que pode ajudar à causa. Depois de mais de ano contratada, apareceu a tal causa especial. Do maior amigo do Chefe. Amigo desde a faculdade e, ao se formarem e ambos escreviam, abriram uma pequena Editora, que só lançou um livro de cada sócio e depois por falta de interesse dos donos, extinguiu-se. Não a amizade, só que enquanto Amélio se manteve e com sucesso no Direito, Amado foi para a política, chegou a candidato a presidente, não venceu, só que fez nome. Foi deputado federal e no momento, quando do crime, era candidato ao senado. Na tal Editora A & A, logicamente Amélio e Amado, ou vice-versa, no livro “Contos – Amados” o terceiro conto versava sobre escritor que teve mulher, que já não mais amava, com Doença de Alzheimer precoce. Resumindo o herói do conto mata a mulher, fica parecendo eutanásia caridosa, só que nem isto a Promotoria consegue provar e o criminoso sai ileso. Ele e a amante vão viver no Taiti. Conto fraquinho até. E a mulher de Amado faz um Alzheimer precoce e, seguindo a receita do tal conto, a mulher é morta e com os mesmos ardis de alergia, usados no conto. Diga-se que se Amado não era um santo e que marido é, era devotado à mulher, mulher de família rica e que sempre, mulher e família, apoiaram sua carreira política. Amado não tinha álibi, a campanha estava em efervescência e o candidato bem nas paradas de colheitas da opinião pública, virou réu e se viu atacado de todas as formas. Logo havia foco no candidato e de todos os lados vinham setas venenosas, “fakes” e não “fakes”. Dá para fugir de anglicanismos? Dá, se quiser ser chato. Eu usualmente era encarregada de pesquisar dados, que pudessem ajudar na defesa, diga-se defesa difícil, beirando a impossibilidade. O autor seguira bem o tal conto e deixara Amado sem muita defesa. Tendo já trabalhado com Amélio e o conhecendo de cama e mesa, pareceu-me diferente em relação à sua atuação em casos complicados. Ele, nestes casos difíceis e especiais, ficava numa espécie de transe emocional e se preparando continuamente para o desempenho. Naquele caso não vi o tal “frisson”, como se não houvesse possibilidade de sucesso. Era nestas eventualidades difíceis que meu ídolo se superava. E inverteu funções, carregando toda a

pesquisa, da qual eu era encarregada em outros casos. Comentei que não o via no tal transe contínuo e que ele nem sabia bem fazer pesquisa de campo. Ele me olhou, riu e disse que Amado era seu melhor amigo e estava de fato encrocado, por esta razão queria se dedicar de corpo e alma à sua absolvição. Perguntei se tinha alguma dúvida sobre a inocência. Não, o cara entendia de mulher, mas depois de casado só via Margarida e nem por isto iria à eutanásia caridosa. Quero a absolvição completa. Encerrou o assunto, dizendo que eu estava me dando mais valor do que tinha e que ele faria um trabalho de campo melhor do que uma advogadzinha metida a esperta. Dava diminutivo e mais o zinha. E passamos para o capítulo sexo, para o qual estávamos em Porto de Galinhas, como era o lugar da moda na ocasião. Foi chegando a data do julgamento e Amado, com quem simpatizei muito, quando pedi dados sobre sua vida antes da carreira política, deu-me as chaves da casa que tinha em Petrópolis, no Morin, a qual raramente ia e onde colocara todas suas reminiscências, havendo até um diário. A casa estava tratada e uma velha senhora cuidava dela. Adorava Amado e também conhecera Amélio na mocidade e disse que os dois eram inseparáveis. Comecei a fuçar os guardados de Amado e descobri que até a Universidade fizera de fato uma espécie de diário, onde anotava os principais fatos. Amélio aparecia muito e era de ver como Amado valorizou a tal Editora, que os dois amigos fundaram. Se não esperava muito daquela pesquisa, enganei-me, já que dela pude recorrer a outras pesquisas e tive certeza que muito poderia contribuir para que a defesa do futuro senador fosse promissora. Como sempre recomendava Amélio, a defesa deveria ter carta na manga e percebi que teria, se fosse usado meu material e fugindo das regras habituais. De uma não me afastaria e seguindo o chefe. Tudo pela absolvição do cliente. Fazia parte do “show” Amélio perante os Jurados, muitas vezes fazer determinada intromissão na defesa. Amélio fingia que era intromissão, só que tudo fora previamente combinado e pormenorizadamente treinado e ai de mim se não me saísse bem na pretensa intromissão. Como todo bom advogado Amélio tinha lá seus bordões e alguns eram destacados. Tudo que interessa é defender o acusado, independente da forma encontrada por ele, por mim, ou alguém da equipe e muitas vezes um detetive particular, que fora policial e era ótimo para destrinchar provas, era usado e a peso de ouro. Amélio



dispensou sua participação, porque até esta parte investigativa quis fazer. O segundo conselho que dava sempre era não mostre aos jurados, o que ele já estão vendo. Vira enredo o que é verdade. E Amélio estava nervoso naquela defesa, apontou até a fisionomia triste do amigo aos jurados, fato que era contra suas próprias regras. Não foi o Amélio de sempre, a defesa estava deixando a desejar e até o ar dos componentes da Promotoria mostrava que julgavam a causa ganha e que não esperavam que a Defesa fosse tão fraca naquele caso, até porque sabiam da relação réu e defensor. O Promotor usara até esta relação para tirar força da Defesa e ao ver de todos tal relação havia de fato abalado o Dr. Amélio, que saíra da sua boa forma, para apresentar defesa chocha, como se tivesse certeza de que as provas eram de fato indestrutíveis e o deixando de mãos atadas. Quando Amélio estava fazendo o final de sua defesa, usando até o tolo argumento que o tal conto do acusado, seguido ao pé da letra naquela morte, era dado não para acusar o réu e sim para defendê-lo, já que era homem inteligente, político tarimbado e famoso e não cairia na esparrela de copiar seu próprio conto. Nunca usaria método exposto no conto para fazer uma eutanásia, mesmo se fosse caridosa. Meu Deus, Amélio falou em eutanásia caridosa, o que era absolutamente contra o que defendia. Amélio jogava Amado aos leões. Então me levantei e fiz uma intromissão não combinada, o que deixou Amélio estupefato. Tentou até que não falasse. Só que eu pedira ao Juiz para me aproximar e lhe dei os documentos, que julguei necessários. Não sem antes fazer um pequeno discurso, onde exaltava meu aprendizado com o Dr. Amélio, no qual o principal é tudo fazer para provar a inocência do réu. Era isto que estava fazendo e seguindo as coordenadas do meu mestre. Fui ao juiz e entreguei os documentos que mostravam que havia um contrato feito entre Amélio e Amado, que dizia que, se algum morresse, ou se estivesse impossibilitado de usufruir de seus bens, por prisão, o outro sócio ficaria com seus bens, independentemente de outros compromissos que tivesse. Este documento fora feito em cartório, quando da fundação da Editora. Amado depois comentou que o documento fora assinado na comemoração da inauguração da Editora e nem se lembrava de o ter assinado, até porque estava em estado etílico. Fora Amélio quem cuidara de dar valor jurídico ao documento. A papelada da Editora fora guardada na casa do Morin e esquecida por

Amado. A procuração, assinada pelos dois sócios, era feita nos conformes, ainda que fosse estapafúrdia e de acordo com a amizade dos dois jovens. Junto a este documento, havia outros, que apresentei ao Juiz. Neste outro comprovava que o Dr. Amélio estava hospedado em hotel em Paquetá onde Margarida e Amado estavam também, onde ocorrera o assassinato e nos moldes do conto. O Dr. Amélio tinha se hospedado com outro nome, sob disfarce, só que as câmeras do hotel não deixavam dúvidas que era o Dr. Amélio, hospedado e disfarçado. O alibi do Dr. Amado fora inconsistente, porque na noite do assassinato tivera compromissos políticos na ilha, o primeiro no Campo de São Roque, das 16 horas até mais ou menos às 18:15. O outro na igreja perto das barcas, que se iniciara às 21 e terminara às 23 h. O momento da morte fora verificado entre 18:30 e 20:30 h, pela polícia, chamada pelo gerente do hotel e por alarme dado pela camareira do andar. Dr. Amado não se lembrava de ter falado com alguém, ou visto qualquer conhecido e contara que ficara vagando pela Ilha, onde tivera também casa e matando saudades em solitária caminhada. Margarida fora deitar-se cedo, que estava com dor de cabeça e Amado não quisera fazer barulho, voltando ao quarto. Em dias de enxaqueca, desde o início do casamento, tomava remédios e dormia muitas horas, para acordar sem dor. Fui andando pela ilha com o retrato de Amado e doze pessoas corroboraram que o viram passeando pela ilha, devagar e parando várias vezes para olhar uma praia, ou uma árvore, ou casa, entre 18:30 e 21 horas e em horários que não permitiriam ter ido ao quarto do hotel e voltado depois. Este dado eu colherei por conta própria, depois de estar com a pulga atrás da orelha e de ter sido chamada de advogadazinha. Amélio não quisera fazer o dever de casa por ter absurdos interesses, com base na tola procuração, que dois jovens fizeram em impulso. Mostrei ao Juiz outro documento, que apresentava o momento falimentar do nosso Escritório e as dívidas do Dr. Amélio na Bolsa de Valores e em três bancos. Notei que o Juiz, um velho juiz, muito bem conceituado pela sua seriedade e devoção ao Direito, estava pasmo. Após ler os documentos e fazer-me as perguntas cabíveis, chamou a Promotoria, pediu que eu permanecesse junto à sua tribuna e só então permitiu que o Dr. Amélio se aproximasse. Os jurados estavam espantados com aquela longa interrupção. Um estupefato e apavorado

Dr. Amélio me fazia sinais e eu fingia que não via, postando-me de costas para ele. Por várias vezes tentou me interromper e foi severamente advertido pelo Juiz. E o Juiz falou. Senhores a Dra. Eunice Albuquerque e Silva, assistente da Defesa, trouxe documentos importantes. Se forem falsos a Defesa será responsável por esta torpe maquinação e tomarei as providências que o caso exige, principalmente em relação à Dra. Só que não parecem ser falsos os documentos, que me foram entregues e que espantaram um juiz tarimbado feito eu. A Dra. me entregou um bem fundamentado dossiê, que mostra que o acusado é inocente. De alarmante também há documentos que imputam ao Dr. Amélio a autoria do crime. Dr. Amélio Bermudes Júnior se considere preso. Tudo foi provado e no cofre do Dr. Amélio, confiscado pela Polícia, a velha procuração foi encontrada e com várias anotações de cunho jurídico assinaladas e na caligrafia do próprio dono do cofre. A continuação desta sessão ocorrerá em outros tribunais e para resumir não mais pertenço à equipe do Dr. Amélio, de quem tenho muito medo. Acredito que vá ser condenado e serei parte da acusação, desde que continue viva.

EVANDRO VALENTIM DE MELO

Fale com o autor: [ordnave.melo@gmail.com](mailto:ordnave.melo@gmail.com)

## MODERNO E RETRÔ

Daqui a exatos quarenta e um dias será a vez de Carolina. Ela hesitou, adiou o quanto pôde, porém, a cada fim de mês, mais amigas se despediam. As jovens contratadas para substituí-las, cheias de sonhos, de ideais, pouco lhe diziam, ainda que se reconhecesse naqueles olhares impetuosos e desafiadores do sistema, da ordem estabelecida. Num passado longínquo, ela expressava esse mesmo olhar.

O esvaziamento do espaço profissional com o qual passou a conviver a encorajou bastante, contudo, a variável de maior peso na decisão de se aposentar foi o nascimento da neta: Luzia. Apaixonou-se pela criaturinha e pelo nome escolhido. Ela iluminou o túnel de suas dúvidas, a ponto de convencê-la. Comunicou à diretora a decisão de também se aposentar.

Desde tal opção, a mente de Carolina tem visitado lembranças ‘arquivadas’ para reflexões futuras. Em ritmo meditativo passou a examinar mais acuradamente tais episódios. Quanta coisa ocorreu nesses últimos tempos!

Deteve-se em Glória, ex-coordenadora pedagógica da escola. Há seis anos foi a primeira delas a se aposentar. Mulher forte, verdadeiro farol desde a chegada do primeiro grupo de professoras. Ensinou-lhes a lidar com as mais diversificadas situações.

Ao mesmo tempo que Glória utilizava discurso rebuscado, com palavras que obrigavam às demais a frequentes consultas ao dicionário, era a mais progressista. Apesar da diferença de idade em relação às outras da equipe, paradoxalmente, era Glória a mais atenta aos avanços tecnológicos.

A firme postura de comando de Glória na escola com as professoras, se replicava no ambiente familiar. Viúva precocemente, determinou que, no campo profissional, Marly, sua única filha, trilharia os caminhos da Tecnologia da Informação.

Tanto assim, que Marly se tornou internacionalmente reconhecida no nicho do entretenimento, pela criação de jogos eletrônicos. Vive a maior parte do tempo no exterior.

A filha de Marly, Antônia, nasceu na Califórnia, fruto de uma aventura nada virtual com certo indiano, expert em TI, que ela conheceu no Vale

do Silício.

Glória contou a Carolina, que o tal indiano, tão rápido como surgiu, desapareceu. Ao menos, a consequência desse encontro trouxe novo propósito para aquela avó aposentada, que não hesitou em atender ao pedido da filha para que a bebê viesse para o Brasil.

Um dos primeiros presentes de Glória para Antônia, era de se esperar, foi um tablet, que não lhe saía das mãos aonde quer que fosse. Indubitavelmente, trilhará o mesmo caminho de Marly, graças ao fascínio da avó pelas modernidades eletrônicas.

Carolina, de certa forma, também admira o incrível dinamismo desse mundo novo, repleto de tecnologia, de “internet das coisas”, de impressoras 3D. Todavia, experimenta algum desconforto, proveniente de suas reflexões, de suas observações sobre o quanto são, no mínimo esquisitos, os comportamentos dessa geração nascida em uma era tão repleta de eletrônicos.

Ainda que possua um microcomputador e um celular, Carolina garante não ser dependente como os jovens, que, além de se deixarem escravizar, apresentam postura horrível de dromedário, tamanha é a corcova desenvolvida, do tanto que, conotativa e denotativamente, se curvam, diante da tela do celular.

Quanto à Luzia, Carolina fez a si a promessa de, no que depender dela, evitar ao máximo esse jeito “moderno” de ser, para sua neta. Ao contrário, será uma avó como o foi sua própria, à moda antiga. A depender de Carolina, Luzia brincará com bonecas de pano, artesanalmente criadas pela dupla avó/neta. Juntas, costurarão roupas para elas e se divertirão a valer, afinal, as habilidades manuais de Carolina sempre foram seu diferencial na atuação como docente.

Em face das recordações sobre Glória, que lhe preencheram bom tempo na noite anterior, Carolina decidiu visitá-la. Fazia questão de se manter próxima àquele grupo de amigas, por ela considerado tão especial.

Às quatro da tarde, Glória abriu a porta, sorriu e convidou Carolina a entrar. Pediu-lhe que aguardasse finalizar a conversa pelo notebook, via um desses aplicativos que permite, simultaneamente, ver e ouvir uma pessoa, pela internet, aonde quer que esteja. Mais alguns minutos e Glória se despedia de Marly.

À mesa, café e pão de queijo. As amigas conversaram longamente.

Carolina contou a Glória a decisão de se aposentar e recebeu caloroso abraço pela decisão. Ouviu, na sequência:

- Creia, amiga, há vida depois da aposentadoria.

Ambas riram bastante. Carolina contou da intenção de ensinar à neta a fazer bonecas de pano, roupas para essas criações, enfim, de preservar um estilo mais bucólico, nesses novos tempos.

O tempo transcorreu em atmosfera agradável. Aproximava-se a noite, antecedida do céu crepuscular, quando Antônia apareceu e cumprimentou a visitante. Carolina não sabia que a criança estava em casa, tão quieta se mantivera, em outro cômodo, todo o tempo.

Antônia mostrou algo no tablet para a avó, que a fez brilhar os olhos e abrir imenso sorriso. Exultante, Glória pediu que Carolina se sentasse próximo a elas, a fim de que conhecesse o blog recém-criado por Antônia, para que elas, Carolina e Luzia expusessem a futura produção artesanal, sem necessitar de loja física, o que lhes permitiria economizar um bom dinheiro.

- Tia Carol - falou Antônia -, por enquanto, está off-line. Para entrar no ar e todo mundo ver, é só clicar neste botão aqui, ó. Assim que vocês tiverem os produtos, fotografem e façam upload para o blog. É fácil.

No percurso de volta para casa, Carolina ainda sentia os bons fluidos e o bem-estar da visita. Admirou-se com a perícia de Antônia, uma criança e já tão desenvolvida nos assuntos de TI.

Ao se despedir, Carolina levou consigo uma dúvida: não sabia se o comentário final da amiga havia sido sarcástico ou sério. Disse-lhe Glória, naquele seu jeito tão idiossincrático (palavra aprendida da convivência com ela): “Acredite-me, Carol, entenece-me saber que, hodiernamente, ainda haja avós que queiram ensinar suas netas a costurar roupinhas de boneca. Estimo que Luzia aprecie tal folguedo com ar retrô. Chama-se isso de moda vintage”.

Sarcasmo ou não, pouco importa, Carolina manteve firme seu propósito de se relacionar com Luzia de maneira diferente. Grande estranhamento lhe causou saber que Glória e Antônia, ainda que sob o mesmo teto, se falavam por mensagem de texto via celular e não utilizando os “aplicativos” naturais com os quais nascemos, conhecidos como boca e orelha.

Carolina resolveu descer na estação que dava acesso a uma rua repleta de

lojas para artesãos. Maravilhada com as possibilidades de fazer arte com os produtos lá expostos. Em tão pouco tempo de caminhada, já portava diversas sacolas plásticas repletas de aviamentos, de bugigangas. Tudo ali se transformaria, inclusive, as próprias sacolas, que se descartadas sem o devido cuidado, poluem rios e mares e são capazes de levar à morte inúmeros animais. Nas mãos de Carolina, porém, sacolas plásticas têm destino muito mais nobre: se transformam em arte.

Caminhou empertigada para sua casa. Faltam poucos dias para ela se despedir da escola, que frequentou por tantos anos. Da mesma forma que ocorreu durante toda a convivência profissional com Glória, uma vez mais, as palavras da amiga a guiavam, a inspiravam. Repetia mentalmente: “há vida depois da aposentadoria”. Carol garantiu a si mesma: sim, há!



RODRIGO SOARES DUHAU

Fale com o autor: [rodrigoduhau@gmail.com](mailto:rodrigoduhau@gmail.com)

## ATATUAGEM

As paredes tinham a cor sombria de uma noite carente de estrelas. O marrom avermelhado revelava que a mesa fora feita de cedro. Resistente. Duraria por décadas. Sobre o móvel, uma branca xícara com algum café amargo ainda morno e um prato com migalhas de pão. Insignificantes sobras de uma ligeira refeição. Havia, também, uma estante de ferro pintada de um cinza abatido, com algumas partes descascadas, exibindo ferrugens. Nela, uma ordinária televisão. Era a hora do telejornal. O oficial fazia anotações apressado, enquanto ouvia as notícias. As letras que saíam da tinta azul da caneta pareciam garranchos, quase ilegíveis. O militar escrevia em pé mesmo, um tanto quanto curvado, apesar de ter duas ou três cadeiras ao seu dispor.

O capitão Montenegro era alto. Corpulento. Pele morena. Cabelos pretos azulados, penteados para a direita. Olhos grandes, bem negros e inquiridores. Ostentava um bigode grisalho, o que revelava já ser um homem de meia idade. Tinha um queixo quadrado de cantos arredondados. Dificilmente sorria. Dificilmente era simpático, a não ser com os seus superiores. Fazia questão de trabalhar exageradamente. Tudo pelo regime, costumava dizer. Entretanto, tinha seus momentos de folga. Aproveitava-os principalmente com a família. Era casado há pouco mais de duas décadas. Tinha apenas um filho. Às vezes, o jovem lhe desobedecia, mas o amava incondicionalmente.

– Que venha o próximo! – ordenou ele, sem erguer a cabeça, sem interromper o preenchimento do formulário.

Incontinenti, dois soldados entraram no recinto. Em seus braços, sendo arrastado e de capuz com somente dois diminutos buracos na altura das narinas, um garoto que recém havia abandonado a adolescência. Era estudante universitário. No pano que lhe cobria o rosto, percebiam-se manchas de sangue. O menino resistira, porém a captura fora inevitável. Também não conseguira escapar dos golpes de cassetete. As costas haviam sido atingidas. Sentia dores agudas. Agora, estava com as mãos e os pés atados, literalmente.

– Boa tarde, capitão! – falou um dos soldados, batendo continência.

– Boa tarde, capitão! – disse o outro, fazendo o mesmo cumprimento militar.

– O que temos aqui? – indagou o capitão Montenegro, relendo o formulário que acabara de preencher e se encaminhando até a estante para desligar a televisão.

– Esse elemento estava protestando contra o governo lá na Avenida Rebouças. Gritava palavras de ordem pró-Comunismo, fazendo rebeldia. Balbúrdia.

– Ele estava sozinho? – inquiriu o capitão.

– Não, senhor. Estava com um grupo. Cinco ou seis elementos. Dispersaram-se quando nos aproximamos. Capturamos apenas este.

O oficial balançou a cabeça negativamente. Não se sabia se o descontentamento era com os soldados que deixaram os outros fugirem ou com o comportamento dos jovens, que o regime considerava subversivo. Os subordinados entreolharam-se meio apreensivos, ainda segurando os braços do jovem rapaz, que se debatia.

– Quietos, seu moleque! – esbravejou o capitão.

A triste coincidência era que aquela voz grossa era bem familiar aos ouvidos de Marcelo.

O capitão Montenegro rubricou o papel. Seu relatório sobre o procedimento ocorrido na noite anterior estava pronto. Revelou o que poderia ser revelado. Escondeu o que deveria ser escondido. Edificou mentiras. Criou verdades. Concebeu um discurso ideal para exibir aos seus superiores e para ser veiculado na mídia. Pôs o documento dentro de um envelope pardo e, em seguida, colocou-o na gaveta. Bebeu o restante do café. Amaldiçoou a bebida, que, àquela hora, já estava gélida. Arremessou a xícara na parede, espatifando-a. O garoto estremeceu. Um calafrio atravessou-lhe os ossos. Os soldados gargalharam com o temor que acometia aquele franzino corpo.

– Calma, rapaz. Está se assustando muito fácil. Era tão valente na rua, agora se treme todo – disse, com sarcasmo, um deles.

– Seu dia está apenas começando. Você, meu simpático rebelde, não perde por esperar. Depois de hoje, você terá muitas histórias para contar a seus amiguinhos – garantiu o outro.

Riram.

– Silêncio! – vociferou o capitão. – Se vocês não tivessem sido tão incapazes, teriam trazido dois ou três insurgentes para que eu pudesse cuidar deles também – completou.

Os soldados engoliram o riso e, em uníssono, soltaram um “Sim, senhor”.

Após o serviço burocrático, que não o aprazia de modo algum, e a descompostura nos soldados, o oficial determinou que seus subordinados fizessem Marcelo se sentar. Os soldados levaram o rapaz e o arremessaram na cadeira. Ele se desequilibrou e caiu. Seu rosto foi de encontro ao chão. Grunhiu. Seu gemido só não foi ensurdecedor porque, além do capuz e das algemas, estava amordaçado. O capitão reergueu o menino e o assentou com um irônico e extremo cuidado, sorrindo timidamente e dando uma piscadela para seus peões de farda.

– Agora, sim. Devidamente acomodado. Peço perdão pela atitude mal-educada dos meus soldados. Ocasionalmente, eles são meio sem jeito, mas são boas pessoas – elogiou, jocosamente, os subordinados, que acharam graça da situação.

O rapaz gania. Remexia-se. Intentava se desvencilhar. O suor começava a umedecer o tecido que lhe impossibilitava a visão. O capitão Montenegro clamava por silêncio. Lançou um tapa na face esquerda de Marcelo – o oficial sempre agredia suas vítimas nesse lado do rosto. O menino desejou gemer na tentativa de aliviar a dor, mas a mordaca o impossibilitou. Ouviu-se apenas um tímido chiado, que irritou o agressor.

– Engole esse choro! – berrou o capitão, desferindo-lhe outro tapa no mesmo lado esquerdo do rosto. Marcelo, dessa vez, aguentou calado. Não era possível ver, mas uma lágrima escorregou pelo seu rosto. A gota tocou-lhe os lábios.

A tortura iniciar-se-ia em breve. O capitão era reconhecido por sua criatividade, sangue-frio e ausência de remorso. O militar martirizava seus prisioneiros simplesmente pelo sabor áspero da maldade, pelo aroma de dores lancinantes que exalava da pele de suas miseráveis vítimas. Apreciava o sofrimento que conseguia proporcionar àqueles que eram encaminhados à sua sala. Não necessariamente pretendia descobrir algum segredo, alguma estratégia contra a famigerada segurança nacional. Raramente fazia perguntas. Nem mesmo indagava o nome dos infelizes que ficavam frente a frente com ele. Desconhecia o rosto daquele rapaz, ainda oculto pelo capuz. Ignorava se o estudante tinha pai e mãe ou qual curso fazia na faculdade. Não sabia seu nome e,

principalmente, o motivo de ele estar naquela sala. Mesmo assim, o oficial Montenegro lhe ofereceria uma lição dolorosa.

– Melhor professor não há, meu jovem – suspirou o militar próximo ao ouvido do rapaz, que novamente estremeceu.

Marcelo tinha 19 anos. Estatura mediana. Magro. Pele clara. Cabelos lisos e negros, que ele raramente penteava. Olhos encapsulados. Castanhos escuros. Seu nariz era adunco. Sua boca tinha lábios finos. Costeletas e cavanhaque compunham aquele rosto quadrado. O estudante cursava o segundo semestre de História em uma universidade pública na capital. Gostava de ler contos de terror e de ficção científica, mas também apreciava os romances e a Filosofia. Poesia, nem tanto. Conheceu Isabel em uma festa universitária realizada pelos alunos de Direito. A amizade logo se transformou em namoro. Amava-a. Tinha absoluta certeza disso. A garota chegara aos 20 anos no mês passado. Estudava Geografia. Desejava ser professora. Era loira. Cabelos curtos. Franja. Seus olhos eram fundos. Castanhos claros. Seu rosto tinha formato de diamante. Lábios grossos. Nariz fino e arrebitado. Era maior que Marcelo.

– Lembra a primeira vez que nos vimos? – perguntou Isabel.

– Estávamos meio bêbados, mas lembro. Você me achou jovem demais...

– É que só havia me relacionado com caras mais velhos do que eu...

– Inclusive com um professor de História Moderna, né? – lembrou Marcelo.

– Mas isso, meu querido, é, literalmente, coisa do passado – brincou a moça.

Sorriram do chiste improvisado e se beijaram. Marcelo a amava, porém, havia um senão particular que o inquietava naquela relação.

...

O capitão Montenegro ordenou que os soldados deixassem o recinto. Um deles até solicitou para que ficasse. Desejava ajudar e assistir aos atos torturantes que o garoto enfrentaria.

O capitão Montenegro sorriu diante do pedido.

– Meu caro soldado, o senhor acha, seja sincero com o seu capitão... o senhor acha que eu preciso de ajuda para essa tarefa?

– Não, senhor! – limitou-se a dizer em voz baixa.

– Não ouvi, soldado!

– Não, senhor! – gritou com mais energia.

O capitão Montenegro aproximou-se do soldado e suspirou ao pé do ouvido, categoricamente:

– Dê o fora daqui!

Repetiu o ato para o outro militar.

Resignados, ambos deixaram a sala e se colocaram em pé junto à porta, fazendo a guarda, para que o inescrupuloso serviço protagonizado pelo capitão Montenegro não fosse interrompido. Então, o oficial iniciou os preparativos para o que chamava de procedimento padrão.

Marcelo já estava ciente de quem era aquele homem. Melancólica ironia. “Tudo bem ser militar, mas um torturador?” – pensava o garoto.

O capitão Montenegro, além de militar, era engenheiro eletricitista. Portanto, é de se supor que seu instrumento de tortura preferido fosse a temida cadeira elétrica. Na sala, havia uma, que ele mesmo edificara.

– Certa vez, li, não me lembro onde, que o rosto tem onze músculos. Adoro saber que esses músculos ficam todos contraídos na hora do choque – dizia o oficial aos seus subordinados e às suas vítimas.

O capitão Montenegro esfregou as mãos de satisfação. Aproximou-se do jovem e suspirou:

– Você terá um dia inesquecível.

O rapaz se remexeu na cadeira, tentando mais uma vez se desvencilhar. Novamente não teve sucesso.

– Quietos, seu moleque! Deixe-me trabalhar em paz – repreendeu o militar.

O oficial preparava meticulosamente todo o necessário para que o aparato engendrasse uma penosa corrente de eletricidade. A descarga machucaria os órgãos de sua vítima, sem, no entanto, matá-lo. O capitão Montenegro pegou uma tesoura. Sem tirar o capuz do garoto, recortou um pedaço do pano. Depois raspou o cabelo do rapaz, fazendo um círculo de alguns centímetros. Era ali onde seria fixado um dos eletrodos.

– Você não vai querer sentir o desagradável aroma de cabelo queimado, não é mesmo? Estou fazendo isso para o seu próprio bem. Houve uma vez que não raspei o cabelo de uma menina. Coloquei o eletrodo nela. Fixei-o com uma fita. Fiz assim apenas por curiosidade. Outros vão dizer

que foi por maldade, por um fetiche mórbido. Ela tinha uns 20 anos. Liguei a máquina. De repente, um cheiro desagradável de cabelo tostado tomou conta da sala. Tive de abrir a janela, mas a catinga demorou umas duas horas para sair – relatou o capitão, fazendo careta e meneando a mão, para baixo e para cima, próximo ao seu nariz romano. Resignado, já sem forças para lutar, faminto e sedento, Marcelo escutou a história em silêncio.

Em seguida, o capitão Montenegro segurou Marcelo pela gola. Ergueu-o. O garoto se debateu. O militar o admoestou. Disse, com sarcasmo, para ele se acalmar. Arrastou-o até a cadeira elétrica.

– Iniciaremos nossa brincadeira em breve. Garanto que será divertido... pelo menos para mim – ironizou, novamente.

Marcelo já estava devidamente acomodado na cadeira elétrica. Ele trajava uma camisa de algodão vermelha. Sem estampas. Com um rasgo na gola. A calça jeans era de um azul desbotado. A peça tinha uma abertura na panturrilha direita. Via-se uma tatuagem. Na vestimenta, notavam-se manchas de sangue. Uma aqui. Outra ali. Mais outra. O par de tênis desgastado tinha a cor preta. Estava meio enlameado. Um dos cadarços estava desamarrado.

– Essa tatuagem é um tanto quanto subversiva, atenta contra a moral, os bons costumes e, quiçá, a segurança nacional, não acha, meu querido amigo? – indagou o capitão Montenegro, alisando com sua mão grossa e gelada a perna de Marcelo.

A pergunta era retórica. Marcelo estava impossibilitado de responder. Além da camisa vermelha, da calça jeans e do tênis preto, o garoto ainda usava o capuz e a mordaça. Enquanto o militar falava e preparava o que chamava de brinquedo, o rapaz sentia seus pelos se eriçarem. Calafrios tomavam suas costas. A desmedida aflição fazia-o pressionar os olhos. Seu corpo, de vez em quando, tremia. Tinha espasmos. Acreditou que estava febril. Ora um calor lhe tomava o interior. Ora vinha um frio excruciante que lhe macerava os ossos. Lamentou que aquilo não se tratava do mais apavorante dos pesadelos e, sim, de uma sinistra realidade.

De maneira metódica, o militar aprontava a cadeira elétrica. Era a vez de preparar a esponja, que foi encharcada numa solução de água e sal para que a eletricidade fosse devidamente conduzida. Não poderia faltar

o capacete de metal, revestido de lã. O tecido era extremamente útil para não permitir que o metal entrasse em contato com a pele.

– Se isso acontecer, meu estimado amigo, sua pele ficará queimada, e o metal grudará na sua cabeça. E nós, meu caro... nós não queremos isso – explicava o capitão Montenegro de forma sombria.

Marcelo tinha. Os ruídos que escutava recrudesciam seu nervosismo, seus tremores. A pele estava úmida pelo suor. Uma acentuada sequeidão na boca. E uma enjoada sensação de mistério quase o levou a vomitar. Próximo a ele, o militar prosseguia com o seu labor, o que lhe proporcionava um imensurável deleite. Assoviava uma música desconhecida enquanto preparava o equipamento. O agudo do assovio também contribuía para que o medo tomasse conta da carne e dos ossos de Marcelo. O capitão Montenegro trabalhava mecanicamente. Já sabia passo a passo o que era necessário fazer para que a tortura na cadeira elétrica fosse eficaz e eficiente.

– Meu camarada, você sabe qual é a diferença entre ser eficaz e eficiente? Bem, se você não sabe, explicarei. Com o maior prazer. Ser eficaz é fazer determinada tarefa de maneira certa. Ser eficiente é fazer essa mesma tarefa em menos tempo e com menos recurso. Ora, ora, meu camarada. É ou não é o que estamos fazendo aqui? Estamos fazendo a coisa certa, sendo eficazes, ou seja, trabalha-se aqui pela sua educação. Trabalha-se nesta sala extremamente aconchegante para corrigir determinados comportamentos que você teve e que o regime considerou, vamos dizer, inadequados. O país está crescendo. A economia está pulsando. Ameaças estrangeiras estão sendo extirpadas, e obras estão sendo realizadas. Não vejo motivos para rebeldia, tumultos, revoltas ou outra coisa que o valha. Bem, se estamos sendo eficazes por fazer o serviço certo, estamos também sendo eficientes. Veja, para montar esse equipamento no qual você está sentado, quase não gastamos recursos do Estado. É tudo muito simplório. A trivialidade é uma das minhas peculiaridades. O Governo não pode e nem deve gastar dinheiro público com qualquer um. E, meu jovem companheiro, você é qualquer um – ofendeu o militar, voltando a assoviar logo em seguida.

Alguns minutos depois, o preparo estava completo. O gerador testado. Os eletrodos fixados. A esponja embebida na solução salina.

– Chegamos a uma das minhas partes preferidas – comemorou.



A parte em questão era a que o capitão Montenegro colocava cintas de couro nos pulsos, nos tornozelos e no peito da vítima. Isso permitia uma imobilização do corpo, apesar das violentas chacoalhadas proporcionadas pelas descargas elétricas. E assim foi feito. Esse era o último passo antes de ligar o gerador e iniciar a sessão de choques que iriam oferecer ao corpo de Marcelo dores indescritíveis.

– Porém, primeiro, um pouco de, digamos, conhecimentos gerais. O primeiro uso da cadeira elétrica aconteceu no final do século XIX, nos Estados Unidos...

Antes do término da história, de supetão, o capitão Montenegro acionou a máquina... para pegar Marcelo desprevenido. Seu magro corpo começou a se contorcer na cadeira em um dançar sinistro e doloroso. Ouviram-se abafados gemidos. O som de uma dor agonizante, que era acompanhado pela frieza do assovio do oficial. O capitão escutou risos de seus subalternos, que ainda estavam próximos à porta para que ninguém atrapalhasse o trabalho violento realizado dentro da sala. Os militares não conseguiam ver, mas sabiam exatamente o que ocorria.

– Ele deve estar se requebrando todo... – disse um deles.

O outro se tremeu, imitando o corpo de Marcelo recebendo as descargas elétricas. Gargalharam.

Os choques se sucederam, ofertando um sofrimento inesquecível ao rapaz. O capitão Montenegro ligava e desligava o aparelho. Para ele, era uma brincadeira sórdida que lhe trazia deleite. Marcelo gania. Um uivo aprisionado por causa da mordança na boca. Se não fosse o capuz, era possível ver os músculos da face do rapaz saltitarem freneticamente, numa dança louca, desajeitada, no ritmo dos choques propiciados por aquela máquina do mal. O corpo do garoto balançava. Sua tatuagem na panturrilha parecia estar viva devido ao requebrado das pernas.

O aparelho de telefone bege tocou sobre uma mesa de madeira envernizada. A estridente campainha se misturou às lamúrias de Marcelo, propiciando ao recinto uma mistura de sons azucrinante.

– Quem será agora, meu Deus do céu? Logo agora!

O oficial reclamou e soltou um palavrão. Abominava ser interrompido, ainda mais em momentos como aquele. Esperou o telefone tocar três vezes para ver se parava. Não parou.

– Mas que droga!

O capitão desligou o gerador e se dirigiu até o telefone. Seu caminhar era apressado. Queria voltar rapidamente ao trabalho. Pigarreou e atendeu, engrossando a voz.

– Capitão Montenegro, pois não.

Era o major Fontenelle.

– Como vai, major? Como posso lhe ser útil?

Os oficiais começaram um diálogo sobre questões burocráticas. Novos procedimentos para preencher formulários e elaborar relatórios; remoção de soldados; medidas para aumentar a economia dentro dos quartéis, dentre outros assuntos administrativos. Marcelo estava imóvel, com a cabeça pendendo para o lado esquerdo. Às vezes, o capitão Montenegro fitava o garoto, mas logo concentrava-se no que o major dizia. Não queria, de jeito nenhum, interromper a conversa com o seu superior. Pretendia despachar todos os assuntos com ele e tomar nota de suas próximas missões. E assim o fez, sem questionar, como um viralata sarnento e encoleirado que aceita tudo o que seu dono lhe impõe.

– Sim, senhor, major!

– Claro, major!

– Providenciaremos, major!

– Sim, senhor. Faremos da melhor maneira possível, major!

– Senhor, estamos, hoje, com um garoto que havia protestado mais cedo contra o Governo. Sabe aquela balbúrdia na Avenida Rebouças? Pois é. Capturamos esse sujeito para... algumas averiguações. Não sei o nome dele, mas ele veste uma camisa vermelha. Sem estampas. Com um rasgo na gola. Calça jeans, com uma abertura na panturrilha direita. Vejo uma tatuagem, que, pela cor viva, parece que foi feita recentemente. Está calçando tênis preto, que está sujo. Um dos cadarços está desamarrado. Fui informado pelos meus soldados que ele é um garoto jovem, recém-saído da adolescência. Ele ainda está de capuz e amordaçado.

– Como quiser, major.

O major Fontenelle quis saber como era o rosto de Marcelo. O capitão Montenegro esticou o fio do telefone e retirou o capuz que cobria a cabeça do garoto. Aterrorizado, o capitão deixou o telefone cair. Incrédulo com a identidade revelada de Marcelo. Averiguou se o garoto estava vivo. Não sentiu o seu pulsar. Aquele jovem coração não aguentou as descargas elétricas. O oficial ajoelhou-se aos pés do garoto

morto e pôs-se a chorar. Desesperado.

Marcelo era bissexual. Ele era o companheiro preferido de Montenegro para noites de intenso e escondido prazer carnal. No outro lado da linha, o major Fontenelle estava aos berros.

– Capitão, capitão, capitão Montenegro! Aconteceu alguma coisa? Que barulho foi esse? Foi um tiro?

O capitão Montenegro já não respondia mais. Ele posicionara seu revólver calibre .38 abaixo do queixo. Antes de apertar o gatilho, o militar ainda sentiu uma lágrima escorrer pelo lado esquerdo da face e se lembrou dos momentos de regozijo que vivera com aquele garoto morto, sentado na cadeira elétrica, o seu brinquedo de tortura cujas vítimas eram acusadas de atentar contra a moral e os bons costumes ou de defender ideias comunistas. Para o oficial, Marcelo era um corpo que ele conhecia cada centímetro e que servia como uma espécie de palco no qual o capitão protagonizava suas fantasias mais íntimas, que o discurso da época classificava como imorais, anormais e até patológicas. Entretanto, sentia um doce carinho, um inexplicável amor por aquele garoto.

O militar realizava com Marcelo o que não poderia realizar com a esposa a quem, sim, amava há mais de duas décadas. E o jovem realizava com o capitão o que não poderia realizar com Isabel a quem, também, amava. Esse era o “senão” que o inquietava na relação com a namorada.

No chão, um papel do estúdio de tatuagem que havia caído da calça jeans devido aos tremores de Marcelo. O rapaz alterou naquela manhã o desenho que tinha na panturrilha e depois foi protestar contra o regime. Isso determinou para que o capitão Montenegro nem desconfiasse de quem estava torturando. No chão, estava também a cabeça do oficial, ou o que sobrou dela, já ensopada de sangue.

ROBERTO MINADEO

Fale com o autor: [rminadeo@gmail.com](mailto:rminadeo@gmail.com)

## AS VALKYRIES DESCOBREM O BRASIL

As Valkyries são divindades femininas, portanto, imortais e invencíveis. Ademais, são sedutoras ao extremo: ninguém resiste aos seus mágicos encantos. Com esses atributos, o que mais poderiam almejar? Infelizmente, tais prerrogativas eram acompanhadas de um preço, às vezes elevado: precisam obedecer ao deus Odin sem espaço a discussões. Havia outra condição, ainda mais difícil: deviam permanecer virgens. As poucas Valkyries que resolvem se casar, se tornam mortais – da mesma forma que seus parceiros humanos.

As ordens de Odin as obrigam a servir nas mesas em Valhala, salão que abriga os guerreiros vikings mortos com distinção nos combates e por elas mesmas conduzidos para lá.

Odin precisa desesperadamente desses guerreiros vikings, por ele tornados filhos adotivos, para o Ragnarök – a temível batalha do final do mundo, após o que, os deuses também morrerão, para se tornarem seres totalmente espirituais.

Daí que, para Odin, o fato de poder contar com o melhor exército possível representa a possibilidade de adiar a sua própria passagem a esse plano espiritual.

Entretanto, nem todas as ordens dos deuses às Valkyries são tão desagradáveis de serem cumpridas. Elas são enviadas por Odin a cada batalha na Terra, detendo a incrível prerrogativa de definir quem vai vencer – incluindo os subprodutos: quem deve morrer. Ou seja, são muito poderosas, e esse elevado poder é sempre invejado. Novamente, como tudo na vida, aspectos bons se mesclam aos ruins, pois são elas as terríveis matadoras de homens, enquanto mensageiras e executantes das duras sentenças de Odin.

As Valkyries usam a Ponte Bifrost, a reluzente ligação formada pelo arco-íris, para levar os mais destemidos guerreiros mortos em combate ao Valhala.

Em seus voos à Terra, as Valkyries usam plumas de cisne. Ao chegarem as tiram para banhar-se. Se algum mortal as surpreender no banho e se apoderar das plumas, pode forçá-las a não retornar ao Valhala, e, pior ainda, a que se desposem com eles.

Jormungand é o filho do deus Loki que foi jogado por Odin no mar, e que

cresceu imensamente, em seu tamanho e em seu poder sobre os mares, as criaturas marinhas e as embarcações.

Nas mais longas de suas viagens, os vikings – apoiados por Jormungand – chegaram à Groenlândia e a alguns trechos da Costa Leste do Canadá. Houve, porém, uma única expedição que conseguiu chegar ainda mais longe, à região do Caribe, onde enfrentaram com sucesso algumas tribos locais.

Tais expedições foram possíveis dado que os barcos vikings, navios-dragão, eram capacitados a percorrer longas distâncias e a enfrentar meses e meses no mar. Além disso, podiam realizar manobras rápidas de ataque e de fuga. Tais embarcações também podiam navegar em águas rasas, permitindo o ingresso em terra, mediante os rios. Assim, os vikings escaparam desse perigo.

Ao ver que os vikings haviam chegado tão longe de suas casas, e que apesar disso não costumavam gastar sequer um momento para lhe agradecer, Jormungand – tão temperamental como o pai – se enfureceu como nunca. Deliberou o surgimento das maiores tempestades jamais vistas, que passaram a ser habituais no Caribe.

A ira de Jormungand continuou subindo em grau. Julgou uma afronta ver os vikings superarem o perigo pensando estarem apenas apoiados nas qualidades de seus barcos. Assim, colocou em prática uma segunda etapa de punição: a criação do terrível Triângulo das Bermudas. Prevendo a catástrofe, as Valkyries pediram a intercessão de Loki para que as tempestades fossem amainadas apenas nesta ocasião, prometendo fazer os vikings se arrependerem de sua ingratidão.

Loki estava em um raro momento de bom humor, de forma que o pedido foi aceito e encaminhado a seu filho – que nem pensou em desobedecer a um raro pleito paterno.

As Valkyries comemoraram tal resultado, pois queriam os vikings vivos para que treinassem mais e se superassem ainda em outras batalhas. Dessa forma, o que seria um naufrágio garantido se converteu em uma retomada da navegação.

Dado que a atitude de ingratidão dos vikings prosseguia, as Valkyries começaram a pressentir que não mais iriam poder continuar prestando proteção aos vikings, a milhares de quilômetros de casa, e sobre um mar que se fazia cada vez mais revoltoso.

As primeiras menções de que talvez fosse interessante levá-los todos ao Valhala – para incrementar o exército de Odin ao Ragnarök – foram mal-recebidas por algumas Valkyries, todavia a maioria se apercebeu da impossibilidade de propiciar um retorno, dadas as circunstâncias envolvidas.

A descontrolada navegação prosseguiu rumo ao Sul, atingindo o atual Estado do Ceará, habitado por Tupis-Guaranis.

Jormungand, ainda aborrecido pela ausência de gratidão dos vikings, fez com que, ao invés de aportar, os barcos fossem estilhaçados pelas ondas do mar, ao darem de encontro com as pedras que cercavam a Praia da Lagoinha, em Paraipaba, cercada por uma deslumbrante vegetação. Diante de tal fato, e para não aborrecer o filho de Loki, as Valkyries foram obrigadas a tomarem a mais dura decisão de sua existência: não haveria vikings sobreviventes nesse grupo.

Como eram fortes e sabiam nadar bem, quase todos os vikings haviam conseguido se fazer ao mar para sobreviverem em meio aos destroços. Entretanto, ao se reagruparem na praia para buscar mantimentos, foram surpreendidos pelos Tupis-Guaranis, que se viram face a face com os primeiros invasores europeus – totalmente desconhecidos por eles.

Os tupis estavam superiores sob o aspecto numérico, e não poderiam permitir a chegada de estranhos invadindo seu próprio território. A batalha foi acirrada e os vikings se portaram com a dignidade esperada pelas Valkyries – que se alegravam em poder levar todos eles ao Valhala. Ellinor liderou outras três Valkyries, que não gostaram da decisão de dar fim a todos os vikings. Enganaram-se ao pensar que o combate não seria rápido. Na dúvida sobre o que fazer, abandonaram a praia e se deixaram seduzir pela abundância das belezas naturais cearenses.

Grim, o brincalhão espírito aquático dos rios e das cachoeiras, lançou mão dos sons daquela floresta e daquelas águas – jamais sentidos por Ellinor e suas três companheiras – e as foi atraindo suavemente, fazendo-as embrenhar por um riacho em meio à vegetação.

O riacho formava uma ligeira elevação a partir da praia e se localizava em um corte no terreno. Dessa forma, havia enormes samambaias e outras plantas belíssimas, que chegavam a cobrir o curso d'água, cuja transparência era tal, que se viam os pequenos peixes. Estes, curiosamente, não fugiam assustados ao sentirem a aproximação de

estranhos, mas – como que sabendo não existir o perigo de serem pescados – guiados por Grim, as iam observando, extasiados ao verem criaturas jamais vistas naquelas águas e de beleza inaudita.

Outro atrativo era formado pelas pedras, caprichosamente arredondadas que se espalhavam pelas águas, alternadas com uma finíssima areia – artifício usado por Grim para não ferir os delicados pés das rebeldes Valkyries. Enfim, todas essas novas experiências se mostraram irresistíveis, ainda mais no estado de ânimo em que se encontravam.

Tristes ante a perspectiva da próxima morte de todos os guerreiros por elas escoltados com tantas dificuldades desde o Caribe, o grupo de Ellinor estava cada vez mais indeciso sobre o que fazer. Essa atitude fez as Valkyries ter o ânimo seduzido pelas belezas locais – especialmente preparadas pelo espertalhão do Grim.

Após quase uma hora de caminhada, jamais haviam estado tão extasiadas em suas vidas. Apesar de suas muitas andanças, jamais haviam empreendido uma subida em meio a um curso de água, e tudo para elas representava uma novidade. Além disso, encontraram-se com barulhentos bandos de araras azuis e amarelas – que também as cativaram.

Em meio à subida dentro do curso do riacho, as três companheiras de Ellinor se depararam com uma fruta desconhecida, amarela, saída de trepadeiras e acessível a partir do próprio riacho. Era dotada de um aroma profundo e marcante. Rindo, colheram alguns frutos e não sabiam como deveriam comê-los.

Ellinor, receosa pelo motim que liderara, pediu às colegas para que abandonassem as brincadeiras com essa desconhecida e perigosa fruta. Todavia, cometeu a bobagem de acrescentar que já estava na hora de regressar. As companheiras disseram que não era o momento de queixas nem de ordens ridículas. Acrescentaram que o mal já estava feito, pois mesmo se quisessem ou tentassem retornar agora, não mais encontrariam as demais Valkyries – pois a batalha certamente já teria sido encerrada e os guerreiros vikings já estariam no Valhala.

A atraente e exótica fruta era o maracujá, que serviu como pretexto para elas se sentarem em meio às mais altas pedras do rio para descansarem. Apenas após várias tentativas desengonçadas de morder a casca, uma delas a perfurou por acaso, e começou a sorver o extasiante conteúdo que



se encontrava no interior. Ellinor não resistiu, uniu-se às colegas, e passou a provar avidamente da divina fruta.

Elas simplesmente não conseguiram se conter até dar conta de todas as frutas existentes, atraídas pelo suave néctar. Em seguida, continuaram a subida riacho acima. Quando a quantidade das belezas naturais parecia já ter sido esgotada, chegaram a uma pequena cachoeira, que, ao cair, formava um lago em meio às pedras.

Após olharem em torno e não avistarem nenhum perigo, não tiveram dúvida em despirem as suas plumas de cisne para se banharem. A água, morna, somada ao incrível brilho da luz solar – conferiu a melhor sensação de suas existências. Esqueceram-se de qualquer controle do tempo, afinal, não portavam relógios. Além disso, não sabiam estar sob os mágicos efeitos do maracujá, que as haviam deixado levemente sonadas.

Mal sabiam Ellinor e suas amigas que estavam sob o crescente controle de Grim, que se divertira em apresentar às fujonas tantas belezas, de forma gradual, tendo em vista uma finalidade bastante definida: fixá-las no Brasil, para que se mesclassem aos Tupis-Guaranis. Sua diversão era dupla, dado que elas estavam fugindo, ele brincava com elas sem ser visto.

Era o dia de sorte das fujonas, pois todos os guerreiros adultos estavam envolvidos com a batalha e os problemas dela derivados. Dessa forma, não sofreram quaisquer ataques violentos. Porém, Grim fez com que surgissem quatro jovens, ainda imberbes para que tivessem sido alistados nas lides bélicas. Sequer repararam nas plumas de cisnes – afinal, desde crianças conheciam aves dotadas de cores mais ricas. Não tiveram qualquer outra atitude senão a de dirigirem toda sua atenção às estonteantes Valkyries, e foram entrando no lago, sem intenções hostis.

O acaso se apoderou da situação: Ellinor não sabia nadar. Sob os encantos de Grim, foi traída pela pequenez do lago, que, todavia, no centro era profundo. Os recém-chegados Tupis-Guaranis adolescentes dominavam a natação e em meio minuto já tiveram a felicidade de a resgatarem.

O acaso atuou poderosamente nesse dia: as quatro Valkyries rebeldes foram recebidas por quatro adolescentes, inocentes e preocupados em conceder tratamento hospitaleiro às estranhas. Ellinor – cujo nome

representa a beleza e o fulgor da luz – fez jus ao nome, encantando aos que a salvaram.

Ellinor caiu em si, à mercê de seu salvador, embora este nada soubesse a respeito do poder que teria sobre ela caso escondesse as plumas. A situação se inverteu: não foram os Tupis-Guaranis a tentar se apoderar das hóspedes mediante alguma violência, mas as rebeldes tiveram receio de irem correndo atrás das plumas de cisne, sob o risco de que sua vulnerabilidade fosse denunciada. Disfarçaram, e apenas se vestiram depois de um prudente espaço de tempo, preenchido em conhecer mais algumas belezas locais, guiadas pelos anfitriões.

Vendo-as com fome, mostraram as suas habilidades de pesca nas águas do rio, mediante certeiras flechas que logravam superar a difração dos raios da luz e atingir os alvos, alegrando as hóspedes, que se viram servidas de um banquete.

Em função do calor da batalha, nas quais as Valkyries se envolveram com maior ardor do que o habitual, tardaram em notar a falta das três fugitivas. Cansadas da batalha e da espera, tiveram que decidir-se pelo retorno. Afinal, tratava-se de cumprirem sua missão, dado que estavam incumbidas de levarem os gloriosos vikings, afinal, todos haviam tombado com as maiores honras possíveis em um combate francamente desigual.

Após alguma indecisão, a Valkyrie que tomara a decisão de que não haveria vikings sobreviventes trouxe outra ideia inovadora: levar ao Valhala quatro guerreiros Tupis-Guaranis tombados na batalha com as maiores glórias.

A ideia foi alegremente aceita, em especial pelo simbolismo de que cada um deles representaria uma das fujonas, e que provavelmente teria resolvido ficar nesse país maravilhoso, certamente atraídas pelos tantos encantos existentes. Aliás, vários fuxicos das Valkyries já davam por certo que a fuga era devida justamente à atração ou mesmo à captura por parte dos Tupis-Guaranis.

Assim foi feito, e as Valkyries que retornaram da batalha no Ceará passaram pela Ponte Bifrost portando pela primeira vez algum guerreiro não viking.

Em pouco tempo, as quatro Valkyries que ficaram junto aos Tupis se aperceberam de que não haviam sido objeto de nenhuma violência.

Ellinor manifestou com um olhar às companheiras que havia sido salva, por não saber nadar.

Esse olhar comunicou tudo: Ellinor preferiria manter-se unida por gratidão ao Tupi que a salvara do que manter sua condição imortal. Além do mais haveria a vergonha de ingressar no Valhala sem portar nenhum viking tombado em combate – algo jamais visto. As três outras Valkyries, que em nada perdiam em beleza nem em gratidão, resolveram acompanhá-la na decisão de ficar em terra tão hospitaleira e de beleza tão exuberante.

Em uma rápida conversa, as Valkyries fujonas se depararam com mais um fator a auxiliar na decisão de permanecer nas tépidas terras do Ceará: tratava-se da primeira vez que alguma delas resolvera se estabelecer nessas terras tão distantes e tão maravilhosas, o que as permitiria aprender dos costumes dos Tupis-Guaranis.

Essa decisão coroou os esforços de Grim, que as mantivera nas águas, conduzindo-as desde as praias até a cachoeira, usando os atrativos das pedras, das areias no fundo do riacho, dos peixes, das aves e do maracujá – sem contar a alegria de serem recebidas de forma tão hospitaleira.

Enquanto isso, as Valkyries que chegaram ao Valhala não tinham a menor ideia de qual seria a recepção de Odin diante da surpresa dos primeiros guerreiros não vikings. Foi feita uma demorada e completa descrição do que ocorrera.

Odin solicitou que os Tupis-Guaranis falassem sobre sua terra e seu povo. Dentre outras coisas, narraram que o barulho dos navios vikings sobre as rochas havia atraído todos os guerreiros da tribo à praia.

Com isso veio a dúvida: o que teria ocorrido às Valkyries fujonas? A que liderara a expedição estava começando a sentir complexo de culpa, não pela decisão tomada – cujo acerto se vira confirmado pelo próprio Odin – mas pela forma atabalhoada com que fora comunicada às outras, gerando desconforto e o motim.

Odin tomou a inédita decisão de fazer com que uma nova expedição dos vikings aportasse a esta terra tão hospitaleira, tanto para resgatar as Valkyries fugitivas quanto para trazer mais Tupis-Guaranis ao Valhala. Essa decisão foi amplamente comemorada por todos os deuses e em especial pelas Valkyries.

Uma grande expedição viking estava sendo preparada – tendo por

destino conhecer melhor e explorar a já tão conhecida Groenlândia. Melhor ocasião não era necessária. As experientes Valkyries foram destacadas para acompanhar tal grupo à região dos Tupis-Guaranis, tendo recebido um simbólico reforço de outras quatro companheiras – que simbolizavam as fujonas. O indispensável apoio de Jormungand foi solicitado para que esta expedição também fosse desviada, de modo a atingir o Atlântico Sul.

Todavia, desta vez a tradicional irreverência e falta de gratidão dos vikings fez despertar a impaciência e a ira de Jormungand em pouco tempo. Assim, após cruzarem o Atlântico, as terríveis tempestades do Triângulo das Bermudas formaram um obstáculo intransponível, a ponto de que as Valkyries ficaram desnorteadas, por não saberem o que fazer, e desapontadas por preverem que novamente sua ação seria restrita a levar os vikings ao Valhala e por não terem conseguido cumprir as ordens de Odin.

O naufrágio foi previsível e inevitável, tendo ocorrido no Caribe, infelizmente, muito longe das costas cearenses. A líder das Valkyries fez de tudo para que os guerreiros locais demorassem a aparecer, de modo a que os vikings sobreviventes tivessem tempo para se prepararem e poderem oferecer alguma resistência. Todavia, novamente, o combate foi desigual. E, novamente o Valhala se viu recebendo um ingente reforço de bravos combatentes.

Ao menos houve a certeza pelas Valkyries de que levar alguns dos melhores guerreiros caribenhos tombados em combate seria uma decisão acertada e elogiada por Odin e assim foi feito.

De fato, Odin se alegrou com a chegada dos novos guerreiros, mas continuava irritado pelo motim de Ellinor. Tudo se resolveu com a chegada de Grim, que se desculpou por não ter podido chegar antes, devido às suas ocupações em terras brasileiras. Descreveu as belezas locais e a paixão que fez Ellinor e as colegas optarem por ficar. Falou do rio percorrido pelas Valkyries, atapetado de pedras incríveis, ladeado por frutos exóticos como o maracujá. Finalizou apontando as vantagens de que um imenso e novo território, habitado por bravos guerreiros, fosse conhecido por elas e habitado por descendentes delas, ao invés de guerreiros estranhos e mal-intencionados. Seus argumentos convenceram aos ouvintes.

Enquanto isso, Ellinor e suas companheiras estavam tendo dias cada vez mais felizes em meio aos Tupis-Guaranis cearenses. Criaram famílias de guerreiros e foram estimadas pelo povo. O mais importante, seus filhos foram os primeiros da região a mesclar olhos azuis com a pele da cor dos índios. As filhas surgiram com a estonteante beleza de olhos azuis amendoados – vindo a ser desposadas por líderes de outras tribos, ampliando o poder dos Tupis-Guaranis, e cimentando sólidas alianças entre eles, que preparariam um povo forte para enfrentar possíveis invasões.

Ellinor e suas colegas perceberam a necessidade de aprenderem a nadar, para poderem ganhar autoridade em um meio que privilegiava a vida nos rios e no mar e, em especial, para ensinarem aos filhos. Após algumas tentativas malsucedidas, realizado às escondidas dos Tupis-Guaranis, passaram a ser auxiliadas por ninguém menos que o próprio Grim.

Em todas as ocasiões que seus filhos e netos perguntavam sobre como haviam chegado àquelas praias, a resposta era que a culpa fora das plumas dos cisnes. Dado que tais aves não eram nativas da região, a desculpa jamais foi questionada.

Jormungand, atendendo a um pedido de Odin, trabalhou no sentido de que os Tupis tivessem acesso aos restos dos navios-dragão – a partir do qual criaram os mais hábeis barcos jamais feitos pelos povos nativos de toda a América. Assim, o “Cisne Branco”, hino oficial da Marinha brasileira e o próprio veleiro de igual nome, foram originados dessa herança trazida pelos vikings e da imemorial tradição das Valkyries, casualmente aportadas na Praia da Lagoinha, em Paraipaba e que lá se deixaram ficar – abrindo mão livremente da proteção de suas plumas de cisne.

VICTOR EVANGELISTA

Fale com o autor: [victor\\_evangelista@hotmail.com](mailto:victor_evangelista@hotmail.com)

## (NÃO) FOI FEITA A JUSTIÇA (!)

No início do meu sétimo período no curso de Direito, o professor de Prática Jurídica propôs que nós assistíssemos a audiências cíveis e criminais, além das sessões do júri. Pra mim, aquilo não era nenhum sacrifício, longe disso. Vesti-me com meu melhor terno e, acompanhado de mais dois colegas, cheguei cedo ao fórum.

Decidíramos começar pelo show maior! Por causa de uma briga de bar, mais uma vez, havia subido o número dos homicídios passionais. Sentamos tão próximo da tribuna quanto pudemos, para aguardar a realização do pregão pelo oficial de justiça. Um dos meus camaradas era inconformado com a existência de um conselho de sentença composto por cidadãos leigos:

- Velho, não faz sentido! O cara pode matar, confessar e, se ele for bom de papo ou tiver um advogado bom de papo, vai ficar livre! Tem jurado semianalfabeto, cara. Uns não têm a menor noção do que estão fazendo ali, outros ficam assustados... Vêm porque são obrigados. “Justiça” é “dar a cada um o que é seu”, já dizia Ulpiano. Enfiaram na cabeça da gente que todo mundo merece uma segunda chance, que o certo é perdoar.

- Meu pai é advogado, falou que esse cara, que vai fazer a defesa na sessão de hoje, é um escroto. Todo mundo vira santo na mão dele. Coloca logo Deus no meio, vocês vão ver... vai dizer que quem julga é Ele.

Pedi aos dois, gentilmente, que se calassem. “Depois a gente discute, a sessão vai começar”. Todos entraram e tomaram os seus lugares. Após o anúncio do início dos trabalhos, o juiz chamou o acusado a frente, confirmou sua identidade e fez umas perguntas mais. Quando o réu regressou ao seu banco, baixou a cabeça, e assim permaneceu, como se simplesmente não estivesse autorizado a levantá-la.

Com os cotovelos apoiados em seus joelhos, descansava a coluna arqueada. O braço esquerdo estava caído entre suas pernas. Só movia a outra mão, sempre alternando: ora passava os lábios na lateral externa da segunda falange do indicador direito, ora tocava um piano imaginário em seu bigode.

O promotor de justiça, em sua fala, esgotou todo o tempo a que tinha direito, então o magistrado passou a palavra para a defesa. A acusação

havia dado uma aula! Mais do que isso, havia sido um espetáculo. Falara sobre o compromisso dos jurados com a justiça, e sobre o dever cívico de contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Ainda, afirmara que jamais seria leviano ou perseguiria uma condenação a qualquer custo, mas que, daquela vez, os autos estavam repletos de provas.

O réu aproveitou o breve intervalo e se ajeitou na cadeira, muito rapidamente. Após endear o juiz em sua saudação de abertura, o advogado cumprimentou a todos os presentes. Gastou uns cinco minutos ressaltando o quão honrado era o seu cliente, “pai de família, cidadão exemplar”. Ao ouvir aquelas palavras, nem o homicida se conteve. Uma lágrima rolou pelo seu rosto.

Tive a impressão de que ele mesmo sabia que não fazia jus aos predicados enaltecidos. Acredito que ele chorava, justamente, por não merecê-los: o “digno chefe de família” nunca tinha provido uma cesta básica para os filhos menores. Tampouco tinha se dado ao trabalho de registrá-los. Na verdade, ele também não tivera uma vida fácil, recebera a mesma indiferença de seu pai.

Não havia nenhum jurado inexpressivo. Dividiam-se entre três emoções: uns encaravam o causídico, com o desprezo de quem já havia decidido o voto; outros estavam completamente envolvidos por seu discurso; o último, externava profundo comprometimento com a escolha que fora fazer, estava concentrado. Era impossível adivinhar seu posicionamento, se é que já possuía um.

E lá se foi mais uma hora e meia. Depois, o promotor fez uso da tréplica e, novamente, a defesa falou. O Ministério Público estava inquieto, não concebia a possibilidade daquele homem se livrar de um longo período no cárcere. A votação foi apertada: por quatro a três, culpado!

O juiz o condenou a doze anos de reclusão, numa sentença breve, que estabeleceu o regime inicial fechado, mas trouxe um parágrafo inusitado para aqueles que não eram da área jurídica: “Ante o princípio da presunção de inocência e do fato de o réu ter respondido a todo o processo solto, concedo-lhe o direito de apelar em liberdade”.

O sentenciado demorou cerca de dez segundos para entender que seria preso, pois fora julgada procedente a acusação. Na verdade, ele demorou mesmo a assimilar que seria recolhido à prisão, mas só dali a alguns dias, quando a sentença transitasse em julgado – ocorrendo o escoamento do



prazo para a interposição de recursos, ela se firmaria definitiva. Olhou para seu advogado, que esclareceu: “tecnicamente, para o Judiciário, você ainda é inocente.”

Alguns dos jurados, que haviam gasto toda a coragem para votar pela condenação, entreolharam-se. Saíram pelo corredor do fórum, já à noite, ladeados pelo infeliz. Para a surpresa deles, não os encarou. Em pouco tempo, a pequena multidão se dispersou.

- Ele vai fugir, certeza!

- Não vai fugir, cara... A vida de foragido não é mole. Às vezes, esses caras preferem pagar o que devem e pronto. Se forem primários, cumprem um sexto, ou mais, quando é hediondo o crime, e progridem de regime.

No outro dia, na sala da faculdade, antes de começar a aula, comentamos com outros estudantes a respeito da sessão a que tínhamos assistido. Impressionaram-se com a contagem dos votos, o réu quase se livrara. De repente, instalou-se uma discussão sobre o que era “Justiça”. Expuseram-se argumentos religiosos, filosóficos e sociológicos, além daqueles estritamente técnicos. Até que ponto as desigualdades sociais são responsáveis pelas falhas dos indivíduos? E a crença ferrenha na possibilidade de regeneração de todos, até dos mais perversos, de onde veio?

Finalmente, o outro colega que estava comigo no dia anterior chegou. Disse: “Ei, vocês não sabem... O cara lá não vai ser preso.” Perguntaram se ele havia fugido. Imediatamente, respondeu: “Matou-se!”. O silêncio tomou conta de tudo por alguns segundos. Do fundo da sala, gritaram:

- Foi feita a Justiça!

- Não foi feita a Justiça.

Foi feita a Justiça?

CORACY TEIXEIRA BESSA

Fale com a autora: [coracybessa@gmail.com](mailto:coracybessa@gmail.com)

## BUSCANDO O CAMINHO

Fechou a mala. Relanceou o olhar em volta tentando descobrir se algo fora esquecido. Nada encontrou. Dos quadros dependurados na parede, faltava apenas a reprodução fotográfica daquele amanhecer que clicara através da janela do avião. Não conseguira se desprender dele e o colocara na bagagem. Selecionar os livros demandara mais tempo e cuidado. A maior parte restara nas prateleiras rendadas pelos cupins. A lareira apagada testemunhava a montanha de retratos transformados em cinzas. Queria viajar com a herança das emoções guardadas na memória, preservadas do lento transmutar, comandado pelo tempo, em pálidas sépias do que fora a colorida realidade.

Resoluta, vistoriou-se no espelho, uma última vez. O que viu não a desagradou de todo: cabelos curtos, de um branco brilhante e sedoso, rosto sério, olhar franco, direto; boca de poucos sorrisos, marcada pelas finas pregas impostas pela idade; nariz ousado, perscrutador. Seu trunfo maior eram os olhos: grandes, de um verde misterioso, pleno de nuances, desafiador, encastrados em órbitas profundas delimitadas por linhas sutis de concentração. Acomodou, com dedos diligentes, a echarpe colorida em volta do pescoço. Estava pronta!

O trem resfolegava mansamente trincando os trilhos nas passagens de níveis. Buscou o cheiro de fumaça conhecido na infância. Nada! Trem moderno não expele fumaça, saracoteia impulsionado por comandos elétricos. “Em breve virão os gerenciados por energia solar”, pensou, “o que será uma benção para o mundo todo”, concluiu. Seria bom aproveitar o tempo para um cochilo – se não fosse a curiosidade de examinar os vizinhos de assento e “inventar” uma estória de vida para cada um deles. Era seu passatempo favorito quando estava impossibilitada de realizar qualquer outra tarefa.

Ao seu lado, a senhora de expressão triste – olhos cansados, mãos deformadas por artrite – arfava levemente aos discretos solavancos do trem. Imaginou-a madrugando no dia que se anunciava friorento, ansiosa com os últimos preparativos para embarcar, preocupada em não perder o horário do comboio. Seu destino: a cidade longínqua onde sua caçula esperava o quinto filho de uma união nada feliz... Iria ajudá-la,

cuidar dos pequenos, assisti-la na hora do parto – como se sentem obrigadas muitas mães a fazê-lo.

Virando-se ligeiramente para o lado, Lizete observou o rapaz acomodado no banco paralelo ao seu. Parecia muito tranquilo, talvez sonolento. Um livro aberto de borco sobre o joelho direito, a mão tamborilando preguiçosamente sobre a capa; os dedos da mão esquerda perdidos entre os cabelos negros, cotovelo apoiado na moldura da janela empoeirada do veículo. Teria cerca de vinte oito, vinte nove anos. Provavelmente abandonara os estudos e perambulava de subemprego em subemprego enquanto decidia o quê fazer da vida. Haveria uma companheira à sua espera, ao fim da viagem? E onde seria esse final de trajeto? O lugar vago ao seu lado era uma tentação para Lizete. Avaliou prós e contras de se mudar para lá e entabular uma conversa. Talvez ainda fosse muito cedo.

A velha senhora ao seu lado mexeu-se barulhentemente, puxou uma cesta de palha de sob o banco, abriu uma caixa de papelão retirando dela um embrulho laminado, desembulhou-o e passou a comer gulosamente um sanduíche de queijo e presunto. As papilas gustativas de Lizete entraram em ação, ela desviou o olhar da tentadora merenda da velha – e flagrou o olhar cobiçoso do rapaz. Ele também estava com fome...

Procurando ignorar a mensagem do apetite, Lizete focou sua atenção no banco à sua frente. Acima do pescoço esguio, a cabeleira castanha, presa num coque severo, insinuava tratar-se de uma mulher de meia idade, talvez uma professora... de canto? Lembrou-se da sua professora de canto orfeônico, no longínquo curso ginásial no colégio de freiras: era uma mulher “trintona”, como se dizia então, morena amulatada, de lábios grossos e voz de contralto. O curso durou pouco tempo, um ano, apenas, e Lizete continuou sem conseguir afinar a sua voz. “Se ao menos ela tivesse me ensinado a assobiar!”, suspirou Lizete. Continuou a observar a vizinha de banco. A linha do mento era firme, não havia sinais de frouxidão muscular abaixo do queixo. Reconsiderou sua avaliação: a mulher deveria ser mais nova do que imaginara. Um impulso incontrolável fez Lizete bater levemente no ombro da mulher à sua frente. Ela se voltou, inquisitiva: “Sim?!” “Desculpe-me! Foi sem querer”, retrucou Lizete. A jovem se voltou para frente. Sim! Era uma jovem. Com pouco mais que vinte anos, calculou Lizete. Bela! Olhos

negros, pele nacarada, lábios rubros, nariz afilado e dentes, ao que parecia, perfeitos. Mas o olhar despertou calafrios em Lizete. E um mal-estar inexplicável. Onde já vira aquele olhar? Uma leve tontura fez Lizete cerrar as pálpebras e respirar profundamente.

Com a boca ainda cheia de restos de pão, a mulher ao lado de Lizete perguntou: “Está sentindo alguma coisa? Quer um pouco de vinho?” e retirou da cesta uma garrafa escura, sem rótulo. Percebendo o olhar de dúvida de Lizete, acrescentou: “É fabricado pelo meu filho, lá no meu sítio. Quer?”. Aliviada, Lizete aquiesceu. O vinho desceu quente e perfumado pela garganta da mulher que, aos poucos, relaxou. Suas mãos deslizaram pelo regaço, as pálpebras pesaram, a cabeça descaiu lateralmente até encontrar o ombro forte da velha senhora.

Impaciente, a jovem à frente se voltou e indagou: “Já dormiu, velha? Vamos logo! Falta pouco para chegarmos à próxima estação!”.

“Deixe de agonia, mana!”, retrucou o rapaz no banco lateral. “Ainda temos tempo de sobra para depenar essa penosa!”.

“Vocês podiam respeitar a pobre coitada e não falar desse jeito na minha frente. Eu também sou velha e avó de vocês!”.

“Qualé, voinha! Se eu não tivesse levantado a lebre, a gente ainda ‘tava procurando alguém pra achacar!”.

“Não se esqueçam que fui eu que vendi o roteiro de viagem pra velhota! A coitada fazendo planos pra recomeçar a vida lá na Austrália! Só rindo!”, e caiu na gargalhada.

A avó não se deu por achada: “E quem preparou o “boa noite Cinderela”, heim? Fui eu! A maior parte tem que ser minha! Preciso comprar as terras do vizinho!”.

“Como é que é?!” , explodiu o rapaz. “Eu preciso comprar a minha Honda!”.

“E eu tenho que ir com Tudinho pra nossa lua de mel! A minha passagem já está garantida, aqui, pela “coroa”!”.

A discussão se acalorava, Lizete roncava, a avó suava, arfava e vomitava, os jovens se engalfinhavam e o trem entrava na estação. O coletor de passagens avançou pelo vagão, viu a cena estranha – os jovens a estraçalharem os pertences de Lizete, a velha caída sobre o banco, Lizete como uma boneca de pano na mão dos ladrões –, acionou o freio do trem e apitou até que suas bochechas ficaram púrpuras. Policiais

saltaram da plataforma para dentro do trem, agarraram o casal e constataram: a velha estava morta.

Na delegacia, o delegado de plantão escarneceu: “Vocês acreditaram que uma mulher experiente, entraria numa viagem dessas carregando jóias e as economias de toda uma vida, “ao vivo”?! É claro que ela enviou tudo pelo banco, “seus” tolos!”. E, para os guardas: “Pode levá-los para a cela!”.

Lizete, da porta, se despede: “Obrigada por tudo, Delegado! Vou pegar o próximo trem: ainda dará tempo para eu tomar o avião para a Austrália!”.

\*\*\*

LUCAS RODRIGUES DOS SANTOS

Fale com o autor: [lucas\\_rodrigues@yahoo.com.br](mailto:lucas_rodrigues@yahoo.com.br)

## AREVOLTADA CEDILHA

- Boa noite a todos e com a benção do alfabeto fenício dou início à presente sessão. Vamos apreciar o item 3 da pauta.

Entra o assistente do Conselho e cochicha no ouvido da deputada Á, presidente da casa e quem acabara de anunciar o julgamento.

- Excelentíssima, a imprensa está em peso lá fora. É prudente deixá-los entrar?

- Pode autorizar. Estamos bem preparados para qualquer showzinho que você sabe quem possa fazer - responde ela, no mesmo tom e volume.

- Ok.

- (no microfone) Uhum, continuando... Item 3 da pauta, projeto de emenda constitucional proposto pelo deputado Zê, visando a extinção do sinal diacrítico cedilha, cê-cedilha ou demais denominações do sinal gráfico ‘ç’ atrelado ao seu primo Cê, assim como a cassação do mandato perante este Conselho. Passo a palavra ao relator.

Começam as vaias e gritos de protesto. Com forte influência política, a Cedilha havia conseguido reunir apoiadores de diversas partes do mundo em sua defesa, desde lideranças dos alfabetos grego e coreano a representantes dos grupos tradicionalistas responsáveis pela preservação do latim. Uma petição online já contava com mais de 3 milhões de assinaturas.

Os “cedilhetes” não só repudiavam a tentativa de abolição, como acusavam o relator do projeto, deputado Ésse, de suspeição motivada por conflito de interesse. Para eles, era evidente o prestígio e poder que Ésse ganharia assim que a Cedilha saísse de cena.

- Silêncio, por favor, ou terei que retirar todos da sala e realizar o julgamento em sessão secreta. Passo a palavra ao deputado Ésse.

O relator se dirige ao púlpito, passando confiante pela bancada. Além da presidente A, também compunham a Mesa Diretora do Conselho Alfabético os deputados Érre (vice-presidente), Ésse (vice-presidente) e a deputada Gê (2ª secretária).

- Boa noite a todos. Trata-se de projeto de emenda constitucional visando a abolição da Cedilha, com a consequente cassação do mandato perante este Conselho e exclusão do sinal gráfico de todos os materiais virtuais e impressos anteriores, em andamento e futuros. O argumento



principal é baseado em supostos prejuízos de toda ordem trazidos pela Cedilha, que justificam a medida reivindicada. É o relatório, senhora presidente.

- Lido o relatório pelo deputado Ésse, passo a palavra para a defesa da deputada Cedilha.

Silêncio e pausa. A deputada Cedilha, sem contar com auxílio do microfone, faz sinal para que a presidente Á verifique a informação no relatório.

- Oi? Não entendi... Hã... Ah sim, deixa eu ver aqui. (volta ao microfone)  
Correção: a deputada Cedilha fará a própria defesa e está com a palavra. Bottons, adesivos e todo tipo de material gráfico com seu símbolo estão espalhados pela roupa da parlamentar. Ao se dirigir ao púlpito, mal dava para ver a cor ou modelo das vestes da deputada Cedilha, tamanha a poluição visual.

- Boa noite senhora presidente, pela qual cumprimento todos os demais deputados membros do Conselho Alfabético. Cumprimento também a imprensa, apoiadores e cidadãos que se fazem presentes aqui nessa Casa. Não é preciso muito esforço para entender quão injusta é a acusação que paira sobre mim. Mas antes de entrar no mérito desse projeto que tenta me derrubar via “tapetão”, quero tratar das preliminares e mostrar o quanto elas contaminam e ferem de morte todo esse processo.

As impropriedades causam espanto pela nítida suspeição do relator, deputado Ésse. Não se trata de um mero conflito de interesses. Não estou a falar que o excelentíssimo colega terá esse ou aquele benefício, que terá algum ganho, que será um dos vitoriosos com a minha derrota. É mais grave. Ele será o MAIOR beneficiado com a minha extinção do alfabeto. Milhares de palavras com o meu sinal terão que ser substituídas e, por critérios estéticos e fonéticos, não haveria outra opção senão passar a usar o “ss” ou de forma minoritária o “s”. TODO o meu prestígio e espaço passaria a ser ocupado pelo deputado Ésse, boa parte dele de forma dobrada em cada palavra. É possível que o nobre relator vote ao meu favor com tamanha benesse à sua espera? Bastando apenas usar o poder de seu voto para que meu mandato seja A-SSAS-SI-NA-DO, com os quatro “ésses” que a palavra dispõe? Só por esse motivo o projeto deveria ser considerado natimorto.

Outra irregularidade que salta aos olhos é a falta de previsão orçamentária no que tange às consequências da PEC. Ora, imagine o quão dispendioso será aos cofres públicos modificar todos os materiais impressos e eletrônicos já existentes, e os ainda em andamento, por conta dessa possível alteração. Impressão, manutenção, digitalização, contratação de técnicos. Milhões? Bilhões? Ninguém sabe, exatamente porque não houve planejamento.

Mas vamos ao objeto da PEC. O texto afirma que, abre aspas, “a Cedilha nunca foi absorvida minimamente a contento pela sociedade brasileira, levando a inúmeras confusões e empobrecendo a Língua Portuguesa de forma irreparável”. Me pergunto qual é base na qual está alicerçada essa afirmativa. Achismo? Quantas pessoas foram ouvidas para que se pudesse cravar esse argumento como algo unânime na sociedade? É certo que algumas palavras que contém meu sinal ainda causam pequenos lapsos, mas nada que chegue perto do que está sendo colocado aqui. A minha importância para esse Conselho é vital. Para o Conselho, para a gramática, para a ortografia, para a sintaxe, para tudo.

O princípio de tudo, que é “criação”, tem Cedilha. O capítulo posterior, a “evolução”, idem. Estou inserida nos principais alicerces da humanidade, como “crença”, “emoção”, “coração” e o que mantém o sopro da vida, a “respiração”. Representada na culinária pela “linguiça”, “maçã”, e por quem a serve, o “garçom”. O que seria da Economia sem “orçamento”, “balanços” e “finanças”? E ainda assim, depois de todo esse tempo relevando o estigma de “prima pobre do Cê”, sem nunca reclamar para não expor essa Casa como um ambiente de preconceito, montam essa farsa para me derrubar? Entendam senhores, é insano querer aplicar uma mudança dessa magnitude nessa altura do campeonato.

- A senhora tem só mais um minuto, deputada – alertou Á.

- Ok, presidente, serei breve. Devido à escassez de tempo, peço aos senhores deputados que analisem bem as inconsistências tratadas aqui, que são gravíssimas. E que, não sendo arquivada essa proposta na fase preliminar, que seja rejeitada pela falta de fundamentação mínima e pelas consequências nefastas que essa PEC pode trazer se aprovada. Peço que meu legado seja honrado. E peço que não só eu, mas toda a nação brasileira, possa continuar usando o “peço” com o meu sinal, e

não com a aberração que seria dois “ésses” nesse termo. Obrigada, presidente.

- Devolvo a palavra ao deputado Ésse, relator da PEC, para a leitura do voto.

Andando em zigue-zague, o parlamentar volta ao púlpito. Demora um pouco para organizar as laudas. Seria mais fácil se tivesse grampeado as folhas. Usa um terno de cor indefinida. Dependendo de onde bate a luz, ora parece azul, ora parece roxo.

- Obrigado senhora presidente, passarei a leitura do voto. Analisei minuciosamente a proposta trazida pelo deputado Zê, bem como a argumentação da deputada Cedilha. Foi feita ampla discussão sobre o tema nas comissões e nas audiências públicas. O tema certamente é polêmico, mas necessário. Necessário com cê e dois ésses, diga-se de passagem.

Passamos às preliminares. De antemão, registro que não me declaro suspeito. É preciso salientar que a proposta não é de minha autoria, mas do deputado Zê. Sou um dos membros mais antigos do Conselho. Se tivesse qualquer animosidade com a deputada Cedilha, porque durante todo esse tempo nunca protocolei qualquer projeto que ferisse os interesses dela? A resposta é simples. Porque nada possuo contra a nobre deputada. A relatoria dessa PEC foi distribuída a mim por sorteio. Poderia ter ido para qualquer um dos membros. Beira teoria da conspiração imaginar que eu teria usado um colega para ingressar com a PEC. Ainda que assim fosse, como eu poderia garantir que o projeto iria para a minha relatoria? A preliminar de suspeição só faltou insinuar que contratei um hacker para que o projeto fosse distribuído a mim.

Também não convence a tese de que eu seria o principal beneficiado com a extinção da Cedilha. A defesa fez exercício de futurologia ao dizer que todas as palavras com o sinal gráfico dela seriam substituídas por “ésses”. Quem garante? É o Conselho que decide isso. São 26 membros além dela. Eu sou apenas um. Não decido sozinho. Logo, não é possível prever uma situação que ainda sequer aconteceu e adivinhar o posicionamento de todos os membros. Em resumo: nada de concreto foi apresentado que pudesse indicar minha suspeição.

A presidente Á toma a palavra.

- Preliminar de suspeição em votação. Os que concordam com o voto do

deputado Ésse permaneçam em silêncio, os que votam de forma contrária se manifestem.

Silêncio absoluto. Ésse retoma o voto.

- A segunda preliminar trata de falta de previsão orçamentária para o impacto da mudança causada com a aprovação da PEC. Nesse aspecto, de igual maneira, não há elementos que fundamentem. É de conhecimento de todos aqui dessa Casa que o FUROR (Fundo da Reforma Ortográfica), que possui verba vinculada de 2% do orçamento do Conselho, existe justamente para isso. Por óbvio que não houve a previsão da forma como a defesa cita, uma vez que o projeto foi protocolado após a aprovação da lei orçamentária. Se o argumento da deputada Cedilha passar a ser aplicado, essa Casa já pode fechar as portas. Porque não há nenhum projeto aprovado neste Conselho que não implique em gastos. Toda mudança, mínima que seja, envolve a revisão e correção de todos os conteúdos que estão sob a nossa alçada e supervisão. E é justamente por conta dessa particularidade que o fundo existe. A defesa quer reinventar a roda e trazer novamente uma discussão que já foi debatida de forma extenuante na época em que o fundo foi criado, há 28 anos.

Presidente Á volta a se manifestar.

- Preliminar de falta de previsão orçamentária em votação. Quem concorda com o relator permaneça em silêncio, quem discorda se manifeste.

Novo silêncio dos deputados. A plateia, por outro lado, continua a gritar frases de ordem contra o deputado Ésse. Um dos cartazes traz a provocativa frase “Ésse só faz lambança, Cedilha é raça e perseverança”.

Palavra volta ao relator.

- No mérito, senhora presidente, apesar de lamentar, não vejo como ter outra opinião que não seja a de que a PEC é totalmente procedente. Os elementos narrados aqui não deixam dúvida de que a Cedilha, ainda que se possa alegar ter boa intenção, mais atrapalha do que ajuda. As pesquisas juntadas nesse projeto são impactantes e demonstram, de forma cabal, a má influência desse sinal gráfico. Para citar apenas um exemplo, as estatísticas apontam que 71% dos brasileiros escreve o verbo “faço” com dois ésses ao invés de cedilha. O mesmo com o termo

“cansaço” (83%), “exceção” (75%) e “preço” (68%). É uma porcentagem majoritária. Uma porcentagem gigantesca que com base nos princípios da prudência e da segurança alfabética não podemos ignorar.

Não é só. Pela complexidade das regras que permeiam a Cedilha, o inverso também ocorre. Na ânsia de utilizar este sinal gráfico da forma adequada, parcela considerável da população é levada à confusão e se equivocava em outras normativas. A pesquisa juntada aos autos aponta que a palavra “excesso” é escrita com Cedilha ao invés dos dois ésses por 67% dos brasileiros. O mesmo desacerto ocorre com “comissão” (81%), “depressão” (59%) e “pressa” (62%). Isso mesmo. Até a pressa, curiosamente, tem sua grafia e sentido desvirtuado, se transformando na esposa do “preço”, em uma espécie de casamento gramatical forçado. Na pesquisa espontânea sobre quais os critérios usados para escrever com Cedilha e não com outra letra, 82% dos entrevistados disseram se guiar por fatores como “sentimento”, “quando eu vejo que deixa a palavra bonita” ou “uso quando parece que está certo”.

Prestem atenção, excelências. Estamos falando que a maciça camada brasileira não faz ideia de como usar a Cedilha e se guia por subjetivismos dos mais diversos. Podemos culpar a Educação que, de fato, não possui a qualidade desejada. No entanto, se fosse essa a verdadeira causa, veríamos a incidência das inconsistências ligadas à Cedilha nas demais letras. Até enxergamos. Mas, francamente senhores, a escala é infinitamente menor. Há um abismo, e não uma linha tênue, que separa a quantidade de erros cometidos no uso da Cedilha com os dos demais sinais e letras. Culpar a Educação seria dizer que todos os professores do Brasil, ao mesmo tempo e em todas as épocas, atacados por uma histeria coletiva, decidiram ensinar errado a Cedilha aos seus alunos. Não, não podemos acatar esse absurdo. A Cedilha, definitivamente, não foi, não está sendo e certamente não será bem absorvida pela nossa Língua Portuguesa.

Vou citar aqui, para fundamentar essa questão, os ensinamentos do linguista Marcos Bagno, que todos os senhores certamente conhecem. Ele diz o seguinte, abre aspas, “Se milhões de brasileiros de norte a sul, de leste a oeste, em todas as regiões e em todas as classes sociais falam e escrevem Aluga-se salas ou se há flutuação no uso de onde e aonde, o

problema, evidentemente, não está nesses milhões de pessoas, mas na explicação insuficiente (errada, até, nesses casos) dada a esses fenômenos pela gramática tradicional [...] A gramática tradicional tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento — toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. É uma fênix que de tempos em tempos renasce das próprias cinzas”, fecha aspas.

Outra: paremos de hipocrisia. O Conselho precisa voltar a ser ousado, vanguardista. Parece que estamos regredindo no tempo com esse apego preciosista a detalhes, utilizando de qualquer subterfúgio meramente lógico para manter tudo como está, por mais equivocada que seja a sua manutenção. Os elementos estão postos à mesa e são praticamente irrefutáveis. A tradição é importante, mas precisa ter razão de existir. Principalmente, razão de ser mantida no status quo. A língua precisa se adaptar ao povo, e não o contrário. Se não fosse assim, estaríamos ainda hoje escrevendo “farmácia” com Ph ao invés de F. Ou “cousa” ao invés de coisa. Por essas razões, voto pela procedência da PEC, com a extinção da Cedilha e consequente cassação do mandato perante este Conselho.

- Passo a palavra para o deputado Bê.

- Senhora presidente, boa noite. Apesar de eu ter rejeitado a preliminar de falta de previsão orçamentária, gostaria de pontuar algumas coisas. Pela abrangência que essa PEC possui, acredito que houve falta de estudos específicos no que tange aos impactos da medida. Vou citar um: as cidades cujos nomes contém Cedilha. Como ficará Valença, no Rio de Janeiro e Caiçara, no Rio Grande do Sul? Quais serão os prejuízos de cidades turísticas como Foz do Iguaçu, no Paraná, e Barra do Garças, no Mato Grosso?

Presidente Á corta a palavra.

- Desculpe a interrupção, deputado. Mas é por uma questão de fato: o adequado é “em Mato Grosso” e não “no Mato Grosso”. Precisamos dar o exemplo aqui.

- Correto, presidente, peço escusas aos colegas. Retomando o voto, também acho pertinente pensarmos na população que vive nas mais de 15 cidades que possuem “Conceição” no nome. Como fica a autoestima, a história, a cultura desses cidadãos vendo parte disso sendo arrancado à

força? Não vejo como aprovar esse projeto de afogadilho, sem essas discussões. Voto pela improcedência.

- Como vota o deputado Cê?

O auditório, lotado de cedilhetes, se manifesta novamente, aos gritos de “traidor”. Os rumores davam conta de que Cê havia feito um forte lobby nos bastidores para angariar votos ao deputado Ésse, apunhalando pelas costas a própria prima.

Conforme as conversas que circulavam à boca miúda, Ésse havia concordado em devolver 20% dos royalties que receberia com a massificação dos “ésses” substitutos da Cedilha nas palavras. Essa devolução iria para Cê, a título de propina. Isso porque, com a extinção da cedilha, o Cê igualmente perderia muito espaço no vocabulário e precisava de uma “gorda” compensação. Uma fonte próxima do parlamentar havia dito a interlocutores da imprensa que Cê se declararia suspeito em votar por conta de ser primo da Cedilha.

- Senhora presidente, em razão de meu parentesco com a deputada Cedilha, declaro-me suspeito para votar.

O coro de “traidor”, entoado de forma musical com direito a palmas sincronizadas, logo ecoou ainda mais forte, antes mesmo de Cê concluir a última palavra de seu nada extenso voto, voto esse que não chocou absolutamente ninguém. A gritaria irritou a presidente.

- Esse lugar aqui é aberto a todos e estamos sendo muito tolerantes. Mas se essa baderna ocorrer novamente, serei obrigada a retirá-los do local... – advertiu Á. Passo a palavra ao deputado Dê.

Dê era apegado a preciosismos. Pela imprensa, já havia declarado sua posição favorável à deputada alvo de toda a confusão. Contudo, o discurso do relator azedou de vez a relação com os anti-cedilha.

- Boa noite a todos. Indo direto ao ponto, a fundamentação dessa PEC é rasa. A proposta vê o mundo como uma linha reta, sem lados, tampouco dimensões. Vê a Língua Portuguesa como um jogo de damas, simples e preto e branco. Há muito mais cores por aqui, excelências. Já que o deputado Cê se acovardou, e todos sabem o motivo, vou mencionar apenas um exemplo da gravidade do que pode acontecer, inclusive com as palavras em que ele está inserido. Temos “caçar” com cedilha e “cassar” com dois ésses. Com significados totalmente diferentes. Sem a Cedilha, o que faríamos com a “caça”? Se colocarmos apenas um “s”,

ficaria “casar”, de casamento. Com “z”, ficaria com o mesmo som de “casar”, só que escrito errado. Qual a solução? Uma nova letra? Um novo sinal gráfico auxiliar do Ésse, para diferenciar do “s” comum? Pela cara de surpresa de todos, é fácil concluir que ninguém pensou nisso. Aliás, quando o objetivo é puramente político, não se pensa nas consequências, só se pensa em adquirir poder. Desse joguinho de cartas marcadas, eu estou fora. Voto pela improcedência da PEC.

- Como vota o deputado Ê?

- Voto pela procedência. Só o que sofro com os erros em “expressão” e “edição”, já são suficientes para fundamentar meu voto.

- Deputado Éfe?

- Eu queria complementar, senhora presidente, um aspecto muito importante trazido no voto do nobre relator. De fato, não dá para culpar a Educação pela situação discutida nessa Casa. Primeiro, pelos números e pesquisas trazidos no voto do deputado Ésse. Segundo que se a deficiência educacional fosse a verdadeira vilã da história, veríamos os erros grotescos envolvendo a Cedilha serem protagonizados apenas por pessoas de baixa renda e sem acesso ao ensino de qualidade. Mas não é o que ocorre.

É possível até cogitar culpar a Educação quando vemos na mídia a subcelebridade conhecida como Mulher Moranguinho postar a seguinte legenda no Instagram, em 2017. Abre aspas "Sobre ontem? A noite foi maravilhosa! Fui madrinha de casamento do meu irmão casula", fecha aspas. Caçula com um “s”. Errar o termo “caçula” é perdoável vindo de quem ganha a vida para dançar, e não para escrever.

Mas será que podemos dizer o mesmo da polêmica atriz Luana Piovani? Em 2015, de acordo com o portal R7, ela postou uma foto contendo anotações sobre sua rotina de amamentação. Um dos escritos dizia, abre aspas, “comesso às 5h13”, fecha aspas. Começo com dois ésses. Piovani atua há mais de 20 anos, foi protagonista de novelas, filmes e possui ampla experiência no teatro. Pensem em quantas milhares de páginas esta mulher já decorou, já leu, já revisou. Ainda assim não foi suficiente para compreender de maneira satisfatória o uso adequado da Cedilha. É tarefa ingrata, quiçá impossível, enumerar todos os erros, brigas, indiretas, barracos e opiniões questionáveis protagonizadas por Luana Piovani em suas redes sociais, mas certamente a culpa por essa gafe com



a Cedilha ela não merece carregar. Sendo assim, voto pela procedência da PEC.

- Como vota a deputada Gê?

- Me manifesto pela improcedência da PEC.

- Deputada Agá?

- Opino pela improcedência.

- Deputado I?

- Voto com o relator. E complementando a fala do deputado Éfe, temos exemplos ainda mais recentes que comprovam que não se pode jogar a culpa no sistema educacional.

O deputado federal Eduardo Bolsonaro, em tweet postado em outubro de 2018, escreveu o seguinte, abre aspas, “PT e Andrade cada vez mais no fundo do posso”, fecha aspas. Poço com dois éesses. Do outro lado, o candidato à presidência e professor universitário Fernando Haddad, principal adversário do pai de Eduardo, Jair Bolsonaro, não deixou por menos. Tuitou, em agosto daquele ano, abre aspas, “Como é que vão caçar o voto de 50 milhões de brasileiros que querem votar no Lula”, fecha aspas. Caçar no sentido jurídico é com dois éesses, obviamente.

Nesse sentido, até aplaudo a nobre deputada. Esses exemplos mostraram que a Cedilha fez algo que nada nem ninguém conseguiu fazer nos últimos anos, que é achar um ponto unânime entre a direita e a esquerda: ambas não sabem usar a Cedilha.

- Deputado Jota?

- Procedência.

- Deputada Ká?

- Improcedência.

- Como vota o deputado Éle?

- Pela procedência da proposta.

- Deputado Ême?

- Faço coro ao voto do deputado Dê. A proposta não está maturada o bastante. Fico pensando, inclusive, no princípio da proteção da dignidade humana. Quem tem a Cedilha no nome não deveria ser consultado? As Graças e Lourenços da vida, por exemplo. É possível que haja danos psicológicos, danos culturais, problemas de auto aceitação. Cada um tem direito sobre seu nome, é inviolável. A proposta rasga tudo isso sem apresentar nenhum estudo fundamentado ou

preocupação quanto a este tópico. Voto pela improcedência.

- Deputada Ene?

- Procedência.

- Deputado Óh?

- Pela improcedência, presidente. Se admitem até estrangeirismos absurdos aqui nessa Casa, inclusive a inclusão de letras que pouco ou nada acrescentam na nossa Língua. E agora resolvem implicar com a nossa colega Cedilha. Me poupem, essa discussão é o ó do borogodó!

- Deputada Pê?

- Também concordo em gênero, número e grau com o Deputado Dê. Há situações irreversíveis que não foram pensadas. Falta estudo sobre a matéria. Como vai ficar o “poço” de água sem a Cedilha? Não dá pra escrever igual o “posso” do verbo poder. Se a Cedilha traz alguma confusão, a falta dela trará mais ainda. Voto pela improcedência.

- Deputado Quê?

- Procedência.

- Deputado Érre?

- Improcedência, sem sombra de dúvida. Isso está para coisa de reaçã. Aliás, se deixarem passar essa aberração de PEC, “reaça” vai ficar com dois ésses e se transformará em sinônimo de “reuenta”. Nas palavras que eu estou inserido, ninguém vai enfeiar não.

- Como vota a Deputada Tê?

- Pela procedência.

- Deputado Ú?

- Improcedência.

- Deputado Dábliu?

- Procedência.

- Deputada Xís?

- Procedência.

- Deputado Ýpsylon?

- Procedência. Até porque alguns insinuaram que letras estrangeiras não contribuem em nada, mas esquecem que a Cedilha sequer poderia integrar esse Conselho. Voltemos ao básico: esse Conselho só deveria ser integrado por letras do alfabeto. Letras. Ela não passa de um sinal diacrítico que só foi inserida aqui por conta do forte lobby do primo dela, que queria reforço nas votações de seus projetos. Primo esse que, aliás, é

especialista em fazer lobby e depois descartar quando não possui mais interesse ou consegue alguém melhor para se aproveitar. Porque só a Cedilha conseguiu cadeira aqui? O til é menos merecedor? A trema não tem importância? Cassar o mandato da Cedilha, antes de qualquer coisa, é corrigir uma distorção que nunca deveria ter começado. É arrancar pela raiz esse nepotismo escuso que ainda ronda a Casa.

- O deputado Zê não vota por ser o autor do projeto. O meu voto, para encerrar, é pela improcedência. Vamos proceder à contagem de votos.

Murmurinhos por conta das dúvidas e das longas explanações tomam conta do plenário, que não tem certeza sobre o placar definitivo.

- Por 12 votos a 11, o Conselho decide pela procedência da PEC, com a consequente extinção da Cedilha e cassação do mandato. Pelo adiantado da hora, declaro encerrada a presente sessão – decreta a presidente

Inicia um tumulto. A própria Cedilha toma o microfone e pede calma. Ainda com o aparelho sonoro, ela se dirige à multidão, enquanto entoava um poema, com a voz embargada e trêmula. Ela não perdeu a esperança. Se tem lei que pega e lei que não pega, agora era a hora de aguardar o julgamento lá fora, na prática. “Da cabeça e do lápis do povo ninguém me tira”, foi a última frase dita em alto e bom som por ela dentro do parlamento, antes de ser carregada para fora nos braços dos apoiadores.

CLÉLIA JANE DUTRA

Fale com a autora: [cleliajanedutra@gmail.com](mailto:cleliajanedutra@gmail.com)

## UM PRESENTE

Madalena, parteira de longa data, ia caminhando com o seu passo miúdo, cadenciado, apressado. A mulher pequena, duas tranças circulando a cabeça em um coque denso, um sorriso suave iluminando o rosto curtido pelo sol, subia a estradinha ao lado do Rio Piranhas, nos confins de Minas Gerais, em direção à Fazenda Aleluia. Apesar de ter ajudado inúmeras crianças a ver a luz da vida, não se cansava desse trabalho, que para ela era uma dádiva.

Madalena teria muito trabalho pela frente. Seriam dois partos. Foi avisada, no dia anterior, pelo fazendeiro Cristovão Reis, que fosse para a Fazenda Aleluia, pois dona Laura estava nos dias de dar à luz. Na hora, Madalena ficou inquieta, nervosa, coçou a nuca. Cristovão percebeu.

\_ O que é dona Madalena? Não pode ir? Nesse caso, como faremos? Minha mulher

precisa de seu trabalho. Não existe outra parteira, por léguas.

\_ Não é que não posso. É que fui chamada, ainda agorinha, pelo compadre Inácio, aquele capataz da Fazenda Aurora. A comadre Lucinha está para ter criança e ela não tem passado bem. Fiquei de ir para a tapera dele amanhã cedo, esperar o desfecho. Cristovão apertou o chapéu, que segurava junto ao peito, fez muxoxo, pensou.

\_ Acho que tenho a solução. Vou mandar Euclides buscar sua comadre. Ela fica na

fazenda, junto de Laura. Hoje mesmo a carroça leva a mulher para a Aleluia, assim a senhora pode fazer os dois partos e amparar as duas, sem se preocupar.

O sol estava começando a nascer, quando Madalena descia a serra verde-escuro. Nesse ponto, a carroça parou, Euclides estava indo ao seu encontro. A patroa, dona Laura, começara a sentir as dores. Madalena subiu na carroça, se acomodou feliz. Não teria que andar os últimos 4 quilômetros.

A Fazenda Aleluia era imponente. Um casarão branco, incontáveis janelas azuis, cheias de vidros quadriculados e madeira decorada com minúsculos desenhos. Uma beleza! Um jardim com dalias vermelhas, crisântemos e margaridas, margeava as duas portas enormes, e dos lados, algumas palmeiras imperiais. Mais adiante, incontáveis fileiras de

pés de café conilon e arábica.

Madalena entrou em uma sala ampla, com tapetes, espelhos e móveis escuros, de madeira pesada. Caminhou por um longo corredor, cercado por várias portas. Em um dos quartos, estava a comadre Lucinha, deitada em uma cama. Parecia abatida. Ficou feliz ao ver Madalena. Cochichou que estava acabrunhada de estar ali. Tanto luxo... preferia estar em sua tapera. Mas, se era pelo bem do neném...

\_ Isto comadre! Vai dar tudo certo. Daqui a uns dias você volta para lá.

Madalena ouviu, nesse instante, os gritos de Laura. Correu ao quarto, último do corredor. A mulher já estava no ponto.

Madalena quase não teve trabalho, exceto ao pensar que estava finalizando a tarefa, outro bebê surgiu. Dois meninos fortes e chorões acabaram com o sossego da manhã e encheram de orgulho o fazendeiro.

Madalena nem teve uma hora de descanso. A comadre começou a gemer. A diferença foi que o trabalho de parto demorou horas. Não se via abertura. Apesar de experiente, Madalena preocupada estava. Somente ao cair da noite, uma menina escorregou por suas mãos. Pequeninha, fraquinha, mas parecia normal. Chorou um chorinho miúdo. A comadre continuava a gemer e entre soluços, outra menina, igual à primeira, apontou a cabecinha para a vida.

Os dias foram passando e os meninos idênticos, Amaro e Amadeo, ficavam mais fortes e corados. As meninas, Sara e Sira, também idênticas, muito fraquinhas, lutavam pela sobrevivência.

Lucinha queria voltar para a casa, mas não havia forças. Sua recuperação estava lenta e

as meninas não aguentariam a viagem. Por este motivo, foram ficando e uma amizade forte foi brotando entre Laura e Lucinha. Discutiam sobre os filhos, se ajudavam, riam com os progressos deles. Uma empatia e um grande afeto enlaçaram as duas mulheres. Lucinha, antes reservada e envergonhada, foi percebendo que a diferença social não fazia mais diferença.

As meninas foram se fortalecendo e Lucinha já não queria voltar para a antiga vida. Laura fez o marido contratar Inácio e construir uma casa para a amiga, em um lado da propriedade. Assim, poderiam criar os filhos juntas e manterem a amizade, tão restrita para ela, isolada naquela fazenda.

As crianças cresciam, brincavam, descobriam as belezas do rio com suas pedras e cascatinhas, pescavam, nadavam, cavalgavam, corriam pelos labirintos dos cafezais, brigavam como irmãos e estudavam na sala de jantar da fazenda, com uma professora que viera exclusivamente para ensiná-los. Apesar de o ano ser 1932, em que não era importante instruir as mulheres, Cristovão fez questão que as meninas, filhas do seu “braço direito”, Inácio, tivessem a mesma educação que seus filhos. O fazendeiro era um homem íntegro, dedicado ao trabalho e à família, queria o bem de seus empregados e gostava de tomar as decisões e não ser questionado a respeito delas. Era um bom homem, mas bastante prepotente.

Lucinha ficou muito grata com a generosidade de Cristovão. Achava bom as filhas estudarem. Ela mesma sempre teve vontade de aprender a ler, a decifrar os desenhos tão complicados. Pediu à Sara, a mais paciente, que lhe ensinasse, à medida que aprendesse. As crianças estavam com 8 anos e nessa ocasião, já dava para se perceber algumas diferenças. Eram dois pares de jarros idênticos. Duas meninas pequenas, louras, olhos levemente esverdeados e cabelos encaracolados e dois meninos grandes para a idade, olhos amendoados e escuros, pele morena e cabelos pretos lisos. Pela fisionomia, não se viam diferenças e até os pais trocavam os nomes. Eles gostavam disso e muitas vezes, confundiam a professora Ana Rita, mudando de identidade. Mas, as personalidades eram distintas. Amaro e Sira eram impulsivos, explosivos, alegres, riam um riso solto mostrando os dentes, brigavam por tudo e arrependiam-se com facilidade. Já, Sara e Amadeo eram o oposto, introspectivos, contidos, sorriam apenas com os lábios, dedicavam-se mais aos estudos, falavam pouco e observavam antes de falar.

Os anos se passavam. Não havia muitas pessoas para se relacionarem com os meninos, além dos empregados da fazenda, exceto quando havia alguma festa de igreja ou festa junina na cidade, a 20 quilômetros da propriedade. A vizinhança era composta por fazendeiros e ficavam muito distantes uns dos outros.

Em 1939, os meninos estavam com 15 anos e já haviam aprendido o suficiente para serem considerados com uma boa educação. Liam e escreviam com facilidade, além de fazerem contas com desenvoltura e

terem certo conhecimento de História e Geografia. A professora foi dispensada e os meninos passaram a receber instruções do pai, para que num futuro não muito longe, assumissem a direção de outras fazendas. Para isto Cristovão doou a cada um, uma fazenda cafeeira. As fazendas eram vizinhas, cerca com cerca. Cristovão queria preservar a amizade dos filhos e garantir que as famílias, formadas por cada um, mantivessem contato permanente. Até lá, Amaro e Amadeo teriam muito tempo para aprenderem sobre o cultivo, a colheita e a preparação do grão, que dava sabor ao Brasil e a tantos outros países. Entre os ensinamentos, os meninos ainda tinham tempo para brincar e à medida que a adolescência se instalava, outras brincadeiras se tornavam favoritas. Nestes momentos, olhares, cumplicidade e beijos aconteciam, cada vez com maior frequência. Como era de se esperar, Sara e Amadeo, os mais tímidos, foram se afeiçoando. Olhares furtivos faziam com que acreditassem que se entregariam para sempre em um amor platônico. Sira e Amaro não perdiam tempo, beijavam-se em qualquer espaço que acreditassem não serem vistos, atrás das árvores, no galpão de insumos, no labirinto do cafezal, na curva do rio... Era brincadeira de adolescentes, coisa sem grande importância, porém Sira, sempre intensa em suas emoções, começou a amar, intensamente, Amaro. O amor foi crescendo em seu peito, apertando o coração, dentro do corpo franzino, deixando-a sem ar toda vez que Amaro dava seu riso solto, de dentes brancos na boca sensual, apesar de não ser um homem ainda. A vida foi transcorrendo dentro dessa história maravilhosa. Tudo tão bom, tão dentro dos eixos. Amadeo e Amaro aprendendo a arte de exportar o café. As meninas aprendendo com a mãe, a serem boas donas de casa, apesar da relutância de Sira. Sendo instruídas por Laura para serem ótimas anfitriãs, cuidarem com delicadeza e esmero da decoração de um lar e ainda por cima, tinham tempo para lerem os infinitos romances, fartos na biblioteca da Aleluia. Certa noite, Cristovão e Laura convidaram Lucinha e Inácio para jantarem na casa grande. Lucinha, muito acanhada, não ousava olhar o patrão e sorvia pequenas porções de pirão de peixe. Somente os quatro estavam à mesa e a luz de um castiçal criava uma dança de sombras. Quase no fim do jantar, Cristovão limpou a garganta e com um ar pomposo disse:



\_ Inácio, meu velho, precisamos tratar de coisa séria. Temos quatro filhos na idade de se casarem. Conhecemos um ao outro, de longa data. Sabemos que os quatro têm boa educação e que se dão muito bem. Cada um dos meus filhos possui uma fazenda, pequena na verdade, mas que com o tempo e com a experiência que eles ganharão na exploração do café, crescerá, com certeza. Precisamos casar os meninos, eles contam com 18 anos e o principal motivo é urgente e assustador. A Segunda Guerra Mundial está no auge e o Exército Brasileiro precisa cada vez mais de soldados. Alguns filhos de conhecidos meus, já foram convocados. Quem são os convocados? Os homens jovens, perfeitos, com porte físico semelhante ao dos meus filhos e principalmente os solteiros. Casando-os, Laura e eu ficaremos livres dessa imensa dor e suas filhas ficarão amparadas para sempre.

Lucinha se engasgou, começou a tossir. Que felicidade estava sentindo. Suas meninas casadas... e que partidos! Inácio apertou a mão da mulher. Sorriu.

\_ Claro senhor. Faço muito gosto. É uma honra.

Os gêmeos estavam na varanda, jogavam cartas. Ouviram a voz grossa e a urgência do pai.

\_ Amaro, Amadeo venham aqui. Tragam as meninas.

Os quatro entraram no casarão, meio receosos e curiosos. Os pais apresentavam um ar de satisfação e pareciam prestes a revelar uma grande surpresa.

Meus filhos, com a permissão de Inácio, resolvemos que vocês se casarão. É tempo!

Sira se sentiu flutuar nas nuvens. Seu grande sonho estava prestes a se realizar. Casar-se-ia com seu grande amor. Amor para sempre. Seria feliz eternamente! Sira saiu do seu torpor e percebeu que Cristovão continuava a falar.

\_ Sei que vocês são diferentes. Sou bem vivido e a vida me mostrou que tudo tem um equilíbrio. O doce se mistura com o azedo, assim um diminui a força do outro. Para que o casamento dê certo, pensei bem e já formei os pares. Amaro, como é impetuoso, explosivo, intenso, ficará com Sara, a doce Sara. Amadeo precisa de uma mulher que o empurre para tomar decisões na hora certa. Sira é esta mulher.

Sira sentiu as nuvens se esmaecerem, viu-se em um turbilhão. Olhou

para Amaro, pedindo com os olhos que ele falasse com o pai, que mudasse as escolhas. Sua vida não teria sentido, sem o homem que amaria para sempre. O que seria da sua vida com Amadeo? Aquele frouxo? Aquele sem graça? Vida sem sabor, sem emoção, tudo previsível.

Amaro desviou o olhar. Não contestou o pai, não disse que amava Sira. Não ousou, como sempre, ir contra as decisões do pai. Deu um meio sorriso, apenas. Não olhou Sira. Não olhou o irmão. Cristovão e Laura falavam alegremente e descreviam a maravilhosa festa, um acontecimento para comemorar a dupla boda.

Depois daquele dia, os preparativos se iniciaram. Laura e Lucinha saiam para comprar os tecidos, os vidrilhos e madrepérolas, as linhas para os bordados dos vestidos e enxovais. Os ternos seriam feitos por alfaiates na cidade vizinha.

Durante essa ocasião, os quatro companheiros se dispersaram. Sira não andava nem com a irmã. Passou a odiá-la, como se ela tivesse culpa. Desconfiava, que na verdade, Sara também amava Amaro. Claro! Como alguém poderia amar o “sem tempero”? Amaro “desapareceu” na fazenda, não mostrava a cara nos lugares que estavam acostumados a ficar. Parecia que não saía do quarto, de propósito, para não ter que olhar Sira nos olhos. Sira escreveu mais de uma carta, colocou por debaixo da porta do quarto dele, porém não obteve nenhuma resposta. Conversou com a mãe, falou da sua preferência, que amava Amaro, que só se casaria com ele. Pediu para ela falar com dona Laura, para que esta pedisse ao marido para trocar os noivos. Lucinha faltou bater na filha, disse que ela era uma ingrata, que deveria erguer as mãos e agradecer o marido que teria, além do mais, eles eram “cara de um e focinho do outro”, para que trocar?

Uma tarde, a menos de um mês para a cerimônia, Sira estava sentada na beira do rio, os pés na água fria. Pensava em uma forma de se desvencilhar do futuro inquietante. Ouviu as folhas dos arbustos se mexerem. Olhou e viu a figura de Amaro, puxando um cavalo. Sira levantou-se. Aproximaram-se e encostados em um enorme carvalho, beijaram-se ardentemente. Sira confirmou que a paixão era mútua. Olharam-se profundamente e antes mesmo de ela falar alguma coisa, Amaro montou e cavalgou em galope. Sira ficou sem ação. Percebeu que

mais nada poderia ser feito. Viu, adiante, Amadeo se aproximar. Tinha uma urgência no olhar e foi falando sem tomar fôlego:

\_ Não precisa se atormentar! Vamos nos casar. Para mim não será nenhum fardo. Pelo contrário. Tenho paixão por você. Sempre a quis. Deixe Amaro. Ele não tem amor por você... ele só queria se divertir! Você se... Sira não permitiu que ele terminasse. Chorando, correu em direção ao mundo de pés de café.

No dia dos casamentos, uma tarde com um sol morno e uma brisa suave, no terreiro de

terra batida, entre as palmeiras imperiais, foi montado o altar, onde Padre Domingos faria a cerimônia. Tudo enfeitado com um mundo de flores, as mesas com toalhas de linho bordadas, taças de cristal e travessas de prata. Tanto luxo para uma fazenda nos confins de Minas Gerais, mas Cristovão Reis e Laura não deixariam por menos. Queriam impressionar os convidados de diversas partes do Brasil.

Cristovão e Laura pensavam que tudo estava correndo bem. Tudo tão lindo e

requintado, os filhos maravilhosos, dentro dos ternos escuros, as noivas, lindas em seus vestidos rendados, refletindo a luz nos vidrilhos e madrepérolas... Até que Padre Domingos, após concluir o casamento de Sara e Amaro, esperava o “sim” de Sira.

Sira não se moveu. O padre insistiu. A voz não lhe saía da garganta. Tão fácil seria falar um sim, acabar com a agonia dos pais e dos sogros, acabar com a expectativa dos convidados e com o mal estar de Amadeo... mas a sua vida estava em jogo! Sabia que não seria feliz! Sabia que seria melhor o desgosto de todos do que enterrar a sua felicidade.

A decisão veio rápida. Sira jogou o buquê no chão, puxou a grinalda e se enrolando um pouco na barra do vestido, correu em direção à liberdade. Na verdade, ela já havia pensado nessa possibilidade, porém não teve coragem de romper o compromisso. Sabia que os pais não permitiriam. Arrependia-se de ter deixado para a última hora. Sabia que o estrago seria maior. Sira correu à casa. Juntou algumas coisas e roupas. Sua mãe chegou à porta. Chorava, lívida e envergonhada.

\_ Aonde vai?

\_ Não se preocupe mãe! Não vou causar mais aborrecimentos. Sei me

cuidar. Vai para a sua festa. Você casou uma filha, vai desfrutar da felicidade dela!

Sira pediu a Euclides, que a levasse à cidade. Lá, procurou o posto de alistamento do exército e se inscreveu como voluntária na Cruz Vermelha. Iria para a guerra. Se tudo desse errado poderia morrer em um bombardeio, se desse certo, poderia salvar vidas ou amenizar dores. Teve sorte, pois na madrugada seguinte, sairia um grupo de soldados e voluntários, rumo ao Rio de Janeiro. Enfermeiros, de lá, pegariam o navio em direção à Itália.

Sira deixou uma carta à família, explicando a sua decisão e para onde estava indo, pediu

ao dono do único armazém da cidade, que a entregasse a seus pais. Disse que assim que desse, mandaria um endereço para correspondência, caso ainda quisessem notícias.

Assim, uma nova vida começou para Sira. Ela não possuía noções de enfermagem, porém passou por um treinamento de dois meses, com médicos formados, em Barra Mansa, RJ. Então, embarcou em um transatlântico em direção à Itália. O grupo de enfermeiros voluntários, ao contrário do que Sira pensava, era grande. Uns trinta viajaram com esse objetivo. Alguns por pura aventura, outros com um propósito de darem sentido à vida e ainda tinham os que por desilusão, arrumavam um jeito de afogar as mágoas. Este era o grupo de Sira.

Depois da longa viagem, foi atuar em um hospital improvisado da Cruz Vermelha em

Livorno, na região da Toscana, Itália. Não havia tempo para se lamentar. O trabalho era intenso. Desde pequenos curativos e remédios para resfriados, até suturas de grandes cortes e amputações de membros, decorrentes de explosões. Sira cuidava de todos com dedicação e trabalhava até não ter forças. Aí, caía na cama e entorpecida, não conseguia pensar. A única coisa boa é que se considerava peça necessária na engrenagem estúpida da guerra.

Raramente escrevia para saber notícias. Além disso, eram escassas e demoravam a

chegar as cartas da Aleluia. Somente se correspondia com sua mãe. O pai não mandava uma linha. A vergonha acabou com a honra dele. Quis até deixar a fazenda, mas Cristovão não permitiu. Disse que a culpa era

exclusivamente da menina, “uma cabeça de vento”.

Em uma das cartas, seis meses após o episódio, Sira ficou sabendo que Amadeo se

alistou no exército. Segundo sua mãe, estava nas frentes de batalha na França. Aconteceu o que Cristovão mais temia... Disse que se algo de ruim acontecesse ao filho, a culpa seria apenas de uma pessoa. Na mesma carta, a mãe dizia que Sara vivia feliz com o marido e que lhe dariam um neto.

Com a carta, Sira acabou de murchar por dentro. Não era justo ela estar passando por

tanta crueldade, ao passo que sua irmã vivia as delícias do amor. Agora ficariam mais unidos. Sira rasgou a carta em pedacinhos. Quanto a Amadeo, não sentiu remorso. Ele seria mais útil nas frentes de batalha.

No final do ano de 1944, após 1 ano que estava na Itália, sua mãe lhe escreveu uma carta dolorosa. As folhas estavam manchadas, provavelmente pelas lágrimas sobre as palavras mal escritas. Sira custou a entender, porém as palavras não deixaram dúvidas.

\_ Sara morreu durante o parto. O menino é fraquinho, mas vive. Estamos sem norte.

Uma represa de sentimentos se rompeu dentro de Sira. Há muito ela não queria ver nem falar com a irmã, pois se sentia usurpada, traída. Pensou ter ódio dela. Agora, era apenas dor.

Por que agira daquela forma? Na verdade, sabia que a irmã não teve culpa, era tão vítima quanto ela. E agora? Amaro sozinho, com uma criança... Resolveu voltar imediatamente. Já cumprira a sua parte, ajudara muitos soldados, agora outros precisavam dela.

Esperou alguns dias, até que houvesse navio com destino ao Brasil, que levariam soldados que não poderiam mais combater. Voltou à fazenda Aleluia. Seu objetivo era claro. Cuidaria do sobrinho como se fosse seu filho. Seria uma forma de se redimir, ser perdoada pela irmã.

A mãe ficou muito feliz ao vê-la. A presença dela amenizou um pouco a dor da perda da outra. Porém, Lucinha achava que Sira não deveria ir para a fazenda de Amaro. Os empregados iriam falar... viúvo de pouco, com a outra que largara o irmão no altar...

Sira, como sempre repentina e explosiva, disse que pouco se lixava para a língua do

povo, que iria ajudar o sobrinho, que a irmã faria o mesmo se com ela fosse.

A moça chegou à fazenda do cunhado. Muitos pés de café verdejavam ao vento. Estava como Cristovão previra, crescera assustadoramente. Amaro era um bom administrador. Do outro lado, a fazenda do Amadeo também progredia, mesmo tendo o seu dono abandonado tudo a favor da guerra. Dias depois, Sira ficou sabendo que Amaro cuidava das duas fazendas, até Amadeo voltar.

Sira entrou pela varanda, uma chuvinha miúda começou a cair, era junho e o frio era de arrepiar. Amaro estava deitado em uma rede, o chapéu sobre os olhos, um copo de whisky, pela metade, no chão. A moça ficou alguns minutos sem palavras, contemplando o homem que tanto a fez sofrer. Teve ímpetos de se jogar nos braços dele, perder-se em seus lábios. Mas, em silêncio, esperou até que ele tirasse o chapéu dos olhos.

\_ Sara! Como pode?

Amaro assustou-se. Depois percebeu que seria possível só em sonho. Era Sira quem estava à sua frente.

\_ O que faz aqui?

Amaro a fitou com os olhos injetados. Estava bêbado.

\_ Vim para ajudar. Vou cuidar do menino, ele precisa de uma mãe!

Amaro se enraiveceu.

\_ Cuidar do menino! Não precisa! Ele tem muitos para ajudar a criar. Se pensa que será uma substituta...

Sira se preparou para diversas recepções, só não imaginava que passaria por reações de pura raiva.

\_ Minha mãe vai levá-lo daqui, ela já pediu. Agora decidi deixar. Ela criará melhor.

Sira entrou na casa. Foi até o quarto. O bebê dormia tranquilo. Seu rosto lembrava o de Amaro, a pele morena. Deixou a mala em um canto, resolveu descansar e o pensamento voou.

Por que voltou? Por que a urgência? Seria realmente por causa do remorso de ter se separado da irmã, de ter jogado a culpa do destino sobre ela? Ou seria para diminuir a raiva que sentira de Amaro por ele não ter tido coragem de dispensar a irmã e se casar com ela? Amaro pode ter aprendido a amar a irmã ou o que é pior, já a amava desde a adolescência. Parece que ele realmente sofria...

Sira resolveu esperar o tempo necessário para que Amaro se recuperasse. Talvez com a passagem dos dias, a dor diminuiria e ele voltaria a ser o homem que ela conheceu. No fundo, ela admitia que o maior motivo do seu regresso era recuperar o amor que havia sido furtado. Dois dias após a chegada de Sira, Euclides e Lucinha buscaram o bebê. Dona Laura esperava por ele na Aleluia. Sira sabia que não a deixariam cuidar da criança, muita mágoa impediria.

Mesmo sem a criança, Sira permaneceu na fazenda. Tentava se aproximar de Amaro. Ele não dava oportunidade. Acordava antes do raiar do dia, saía a percorrer os cafezais das duas fazendas. À tarde ficava no escritório, negociava a venda e a exportação do conilon. À noite saía para reuniões infundáveis, com outros produtores das cooperativas locais. Chegava noite avançada, abraçava a garrafa de whisky. Muitas vezes Sira o esperava, o sono apertando os olhos, a esperança dando-lhe forças, todas as vezes foi rejeitada. Nada mais existia do antigo Amaro. Buscando na memória, ela comparou o homem que ela amava e o que estava à sua frente. Com certeza não era o mesmo. Este era um poço de angústia, de ressentimentos, mergulhado no álcool. Sira sabia que não havia mais chance. Como poderia um dia ter amado este homem?

No início de uma noite, em agosto de 1945, Amaro chegou feliz. Desceu do cavalo assobiando uma antiga canção. Sira, sentada na varanda, levantou-se e foi ao seu encontro. Amaro sorriu, rodou-a em um abraço. O coração da moça bateu descompassado. Um sabor de esperança percorreu o seu corpo.

\_ Sira, a guerra acabou! A guerra acabou! Meu irmão está voltando! Que desilusão! A alegria não era por causa dela. Foi a gota d'água necessária para ela compreender que perdera Amaro definitivamente. Ele nunca mais seria dela. Pegou suas coisas e voltou para a sua antiga casa, na Aleluia. Passou a viver lá, mesmo sem as palavras do pai. Começou a trabalhar na cidade em uma casa de insumos agrícolas. Levava a vida resignada, conformada com o destino infeliz.

Sua vida entrou na rotina. Acordava cedo, ia para a cidade a cavalo, sozinha. Seu pai acabou por perdôá-la e lhe emprestava um Campolina para que ela tivesse transporte. Ao final do dia, ela retornava exausta.

Em um final de tarde, ao retornar, Amadeo a esperava. Sira pensou ser Amaro. Vacilou,

meio feliz, mas viu quase de imediato que não era ele. Estava mais magro e não tinha aquele olhar injetado, de bêbado. Estremeceu, pensou que ele tivesse vindo falar com ela, jogar em sua cara todo o mal e sofrimento que lhe causara. Ele a olhou nos olhos.

\_ Posso te acompanhar?

Sira deu de ombros. Nada disse. Foram os dois, lado a lado, os cavalos em passos lentos. Subiram e desceram a serra, o anoitecer chegando... Assim que Sira cruzou a porteira da Aleluia, ele acenou e pegou o caminho da própria fazenda.

Assim, foi se repetindo. Um dia ele a esperava após o trabalho. Passava uns dias, ele lá de novo estava. Nunca falava nada a respeito do casamento que quase aconteceu.

Conversavam pouco durante o percurso. No início, mais se olhavam. Depois foram se soltando, riam, os cavalos trotavam...

Sira começou a desejar, ansiosa, o fim do expediente. Ansiosa ficava na esperança de

ele estar esperando por ela. Aos poucos veio a entrega, a conquista. Dividiam segredos, como no tempo de adolescentes. Às vezes um roçar de mãos, um brilho mais forte nos olhares, sorrisos...

Amadeo a convidou para visitar sua fazenda. Sira sentiu uma coisa tão boa... Então, em uma tarde de sábado, ele a esperava na porteira. Apesar de saber que ele a esperaria, o coração dela se sobressaltou, batia descompassado, a boca seca. Um ventinho frio mexia com as folhas das árvores, balançou seus cabelos encaracolados. Amadeo segurou as rédeas do cavalo, Sira desceu. Foram caminhando até o cafezal. O labirinto de folhas verdes a fez voltar muitos anos. Um prazer percorreu seu corpo, uma felicidade que há tempos não sentia. O café explodia em frutos vermelhos, maduros. Amadeo colheu um, mordeu um pedacinho, com o 10 restante do fruto, traçou o desenho da boca dela. O olhar doce e ao mesmo tempo, provocante...

\_ Como você é linda... Senti tanto a sua falta...

Sira sentiu as pernas bambas. Amadeo se aproximou, olhava para ela com deleite, com paixão. Levantou o seu queijo e pousou um suave beijo em seus lábios. Depois veio um beijo ávido, urgente, cheio de desejo.



Um formigamento percorreu Sira e a entrega foi total. Há algum tempo ansiava por isto. Amadeo a abraçava forte, a beijava com sofreguidão. Ela sentia que finalmente sua vida retornava aos trilhos, encontrava o caminho. Pensou a vida toda que amava um e que somente ele a faria feliz. Enganara-se. Entregava-se, agora, por inteiro a outro. Sua vida ganhava novamente, cor e sabor. Deixaria o tempo se encarregar do resto, recolocar as pedras no lugar. O fio da paixão começava a se enrolar. Quando achou que havia perdido tudo, o destino lhe dava uma nova chance, lhe trazia um presente.

RAFAEL ALVARENGA

Fale com o autor: [maisumrafa@gmail.com](mailto:maisumrafa@gmail.com)

## BOMBOM DE MARACUJÁ

Como lhe impressionava a moça. E nem era um tipo que esbanjasse destaques na sua constituição. A pele cor de âmbar derramando-se por unhas e lábios sem nenhum vermelho. Os cabelos diáfanos e finos, embora compridos. E os olhos apoucados que pareciam não aguardar ninguém. Mas ele lhe adorava os modos bucólicos e também as empresas que dava cabo. Pois ela trazia à escola, durante o recreio, uma pequena cesta, na qual se depositavam os bombons feitos por aquelas mãos pálidas. Tinha dia certo a venda dos quitutes. E outros meninos, mais abastados, já haviam comprado a iguaria tendo adquirido oportunidade de se aproximarem para conversar. Talvez sem nenhum interesse pela moça indestacável. Mas que importava isso? Não a queria rodeada por esses zangãos de cabelos bem penteados.

Precisava arrumar dinheiro para um bombom. Mas em casa acreditavam não haver motivo. A escola dava lanche, diriam. Estava disposto a roubar até as moedas depositadas no pires do obeso Buda de louça. Pois se aquilo servisse para sorte, que então lhe trouxesse sorte com a moça! Quanta humilhação por uma mísera moeda! Pensou depois que o pai ordenara a mãe que desse uma moeda ao menino. Precisava para levar à escola! Gritou com a boca orgulhosa a todos os ouvidos da casa. A mãe não entendeu de pronto. Mas acatou. Depois perguntaria a causa de tamanho contentamento em ceder uma moeda. O menino, de sua parte, experimentou denso embaraço. Tivera que contar o caso da menina que vendia os bombons. E expor suas intenções amorosas. Até acreditou em alguma delicadeza do pai; pediu-lhe que guardasse segredo. Em vão. Daí a pouco e a mãe queria saber o nome da menina. E o avô e a irmã reagiam também. O primeiro ávido por narrar uma de suas primeiras histórias amorosas. Talvez empolgado mesmo com a hipótese de um interlocutor atento e interessado. O que não encontrou no neto àquela altura dos acontecimentos. A outra, para contar às amigas o romance do irmão com a moça vendedora de bombons.

Embora o garoto atravessasse atravessar o vale sombrio da vergonha da exposição pública de seus sentimentos íntimos, ele sobreviveu. E melhor, tinha a moeda. Agora, inclusive, dormindo sob o seu travesseiro. Em seu sonho passeava de mãos dadas com a moça. Ela segurando a

cesta de vime repleta de quitutes. Ele orgulhoso. Cumprimentando com um satisfeito abano de cabeça aqueles que lhes cruzavam o caminho. As janelas, as calçadas e as praças todas aprovando o namoro. Belo casal! Diriam sentenciando as mãos dadas. Podia ser só isso naquela noite de sonhos. Mas que nada! Lá se intrometia o pai cobrando a conquista. Afinal, o que fez com a moeda? Perguntaria. E ficaria à espera da resposta. Doido a lhe dizer o quanto suara por ela. Já o sorriso desfeito. A decepção anunciada. A mãe secando as mãos no avental não saía da cozinha para dizer que avisara. Rabo de saia não traz fortuna. Completando a reclamação ao dizer que paixão é como domingo, dura pouco, não se adianta enganar. E, além disso, depois dela vem a segunda-feira, a terça, a quarta... Paixão é como domingo, não se adianta enganar. Dura pouco na vida da gente. Repetia. Depois são dias e dias de todo o resto. Que pesadelo! Havia nele ainda o avô ávido por relatar as histórias de suas conquistas. Dom Juan! Não vivera um desengano amoroso sequer. Dizia altivo encostado num braço da cadeira. Motivo suficiente para somente poder auxiliar em caso de sucesso nos romances do neto. Se você falhar, ele dizia franzindo ainda mais a testa envelhecida, não posso lhe ajudar. Não tenho experiência com fracassos. Todos lhe penetravam pelo pesadelo. Até a irmã. Mas essa nunca sozinha. Sempre em companhia das amiguinhas. Em bando. Rindo como hienas famintas. Apontando com os dedinhos. Em galhofa, escárnio. Cruéis como ninguém. Uma delas perguntava: E ele comprou o bombom? Ao que a irmã respondia que sim, pedindo para que falassem baixo.

Acordou no meio da noite. Pôs a mão debaixo do travesseiro. Puxou a moeda e pensou na menina dos bombons. Seus olhos sem qualquer cor. Seus gestos de donzela. As mãos finas entre os papéis coloridos que embrulhavam os doces. Ansioso não dormiu. Também não rolou na cama com irritação e queixumes. Ficou ali prazeroso dos seus pensamentos. Vá lá que também receoso do sono com seus pesadelos recentes.

Quando a mãe lhe arrombou os ouvidos aos gritos o rapaz não entendeu nada. Mais um sonho? Duvidou. Não era isso. Ficara sonhando acordado. Pegara no sono já quase pela manhã. E se não fosse a mãe perderia o ônibus o recreio e o bombom. Pulou da cama e só não a

agradeceu porque não havia motivo da campainha soar tão bruta, como se dali a pouco o mundo viesse a acabar num terremoto. Foi ao banheiro, lavou a cara arrumou o cabelo, vestiu o uniforme e se olhou mais vezes no espelho que de costume. Observou-se de perfil. Ajeitou a gola e saiu. Quase não tomou café. Não tinha fome e não podia perder o ônibus. Chegou ao ponto. Esperou atento. Chegaram os outros meninos. Preocupados com o teste. Um inquirindo ao outro se estudara. Se conseguira resolver o problema da questão número tal. Ele aéreo. Superior àqueles assuntos vulgares e meramente racionais. Sua questão era muito mais complexa que uma equação de segundo grau. Não estudara nada. Motivo tal que também o fazia não desejar participar daquele assunto ignorado. Para ter sorte no amor valia até sacrificar o sucesso no teste de matemática. E depois a moça estava um ano acima. E ele tiraria suas dúvidas entre carícias. Quão aconchegante não poderia ser o aprendizado!

Na escola a viu de longe subindo as escadas para o segundo andar acompanhada por uma amiga. Seria durante o recreio. Neste dia nenhuma matéria lhe entrara pelos ouvidos. Cada soada do sinal que anotava um tempo de aula era a melodia de uma corneta suave marcando a ocasião do amor.

Minutos antes do recreio esteve nervoso. Não desceu correndo ao pátio. Procurou o que guardar do parco material trazido. Conferiu a moeda no bolso e saiu. Chamavam-lhe para o futebol. Vinham-lhe à companhia, mas ele ia encontrando formas de se desvencilhar. Precisava agir sozinho. E, inclusive, deveria se aproximar dela e dos bombons quando não houvesse tanta gente ao redor. Podia ser que, entretida entre escolhas de sabores e trocos, sequer o olhasse. Claro, por motivos exclusivamente comerciais, o que era justo.

Ele ficou à espreita. Chegavam um e outro. Perguntavam o que fazia, chamando novamente para o futebol. Não poderia ser grosseiro. Podiam ficar-lhe no calção a guisa de gozação. Portanto disse não se sentir muito bem e saiu ao banheiro. Deu volta e quando retornou nem os amigos nem os fregueses marcavam território. Tremeu, mas caminhou em direção à menina. Ela deu bom dia, ele também. Ela esperou, mas ele emudeceu. Ela, com a experiência de uma boa vendedora disse logo: Quer ajuda? Quero. Fiquei olhando com dúvida. Ele respondeu. E era

tudo tão rápido. Tem de abacaxi, maracujá, coco, morango, amendoim, doce de leite e brigadeiro. Ele ainda pensando. Olhando para a cesta de vime. Para as mãos dela. Sem jeito de lhe encarar o rosto. Talvez despreparado porque nada acontecia. Acreditava o tempo inteiro que algo aconteceria a seu favor. Alguma coincidência aproximando-os para além dos bombons. Qualquer coisa a fazer dele não somente mais um freguês, e sim aquele menino com quem trocara olhares para além do comércio de chocolate.

Como ele não tinha visão periférica alguma naquele momento, não percebeu a chegada de outras pessoas à beira da cesta. No entanto eram todas muito diferentes dele. Pois vinham com gostos bem definidos. Pediam um sabor já conhecido pelo paladar. Exceto àqueles que ouviam a menina dizer que justamente aquele hoje já acabara. Outros saíam contentes, pois haviam comprado o último do seu sabor preferido. Todos iam e vinham ligeiros. A fim de aproveitarem o recreio tão curto. Porém ele continuava ali. Por isso a menina confessou que o de maracujá era o seu preferido. Como um todos os dias. Disse sorrindo sincera. Sugerindo confissão feita a uma pessoa de confiança. Por conta disso, ele se empolgou tanto que sorriu também decidindo pelo de maracujá. As mãos se tocaram durante a troca da moeda pelo bombom. Era a coincidência da qual tanta precisava. Pronto! Alvorecia o dia deles! Todo o colégio fala bem dos seus bombons. Ele começou dizendo. Mas fora interrompido por algumas crianças atrás de bombons de brigadeiro. Nem todas conseguiram. Pois a cesta ia esvaziando. Chegaram as amigas da vendedora sussurrando namoros não sei de quem. Ele sem saber o que fazer. Não podia sair tão naturalmente como se a moeda lhe custasse nada. Como se não sonhasse acordado. Como se não tivesse pesadelos. Como se a irmã já não lhe espiasse com as amiguinhas por um canto escondido do povoado pátio. Esquecia até de comer o bombom. E as amigas da moça o olhando com desconfiança. Que fazia ele ali?

Até que veio o golpe mortal. O nocaute aplicado pelo sinal levando todos de volta para as salas de aula. A menina foi se levantando. Se despedindo. A multidão de alunos gritava e se empurrava. Ele, num arroubo de coragem a fim de evitar o fracasso completo gritou à moça: Depois lhe digo o que achei. Apontou para o bombom. Ela abanou a cabeça, talvez não tenha ouvido.

Resolveu esperar que a multidão subisse as escadas e deu a primeira mordida no bombom. Achou péssimo. O sabor do maracujá aliado ao tanto de açúcar do leite condensado formava uma mistura sem nenhum casamento. A boca encheu d'água. Engolir aquilo era difícil e as escadas iam esvaziando. O inspetor já rodeava pelo patamar pronto para lhe chamaria a atenção. Não ouvira o sinal? E depois a hora do lanche já se fora. Deu outra mordida no bombom mesmo sem ter engolido a primeira.

Ranço de maracujá! Um azedume disfarçado pelo açúcar; um gosto acre a envolver todo hálito de forma desagradável. Não podia jogar fora o bombom. Podiam ver. E se ela soubesse não teria o que lhe falar. O inspetor olhava pronto a ordenar a subida sem o bombom. Sem ter engolido a primeira e a segunda mordida enfiou todo o resto na boca. Subiu para não ouvir nenhuma repreensão. Boca cheia de um sabor que revirava o estômago e saia pelas narinas esverdeando o ar com uma fedentina insuportável.

Chegou à sala com a professora à mesa, separando as folhas do teste a ser aplicado. Sentou no seu lugar. Separou lápis, caneta, borracha. A boca cheia de maracujá. Pois o chocolate fino que envolvia o recheio tombara ao primeiro golpe de saliva. A professora foi entregando o teste. Deu algumas instruções. Exigiu silêncio. Se alguém tivesse alguma questão que levantasse o braço e ela iria ter com o requerente. Viraram o teste. Podiam começar. Ele olhou as questões. Talvez não soubesse nada. Talvez estivesse tonto. Deveria cuspir o bombom. Mas como pedir para sair ao banheiro agora? Acabara de entrar. Acabara de voltar do recreio. Além do mais, com a boca abarrotada não poderia dizer nada. A boca inchando como incham os defuntos por afogamento. O maracujá lhe enjoava. A única solução era engolir o maracujá morto. Afogado na saliva que abundava pela boca, prestes a romper a barreira dos beiços e esparramar esverdeado sobre o teste alagando todas as equações.

Os outros alunos já mergulhavam na resolução dos problemas matemáticos. O tempo passando, como sempre ignorando a vida e a morte. Respirou fundo enchendo o peito. Tomou força para sepultar o maracujá morto a sete palmos de estômago. Empurrou com a língua. Fechando os olhos. Mas como um gêiser o corpo cuspiu tudo. Emporcalhavam-se o teste, o colega da frente, o chão, as calças, os

sapatos. Vieram limpar a sala. O menino foi ao banheiro. Depois à diretoria onde ligaram para sua casa. Passara mal durante a aula, explicaram.

A notícia correra as salas de aula antes do próximo sinal e a menina dos bombons empalidecera ainda mais. O que havia acontecido com o recheio de maracujá? Pela escola a freguesia ficou alerta. Poderia acontecer com eles também. A direção ficara burocraticamente em dúvida. Deveriam proibir a venda de bombons? Talvez. Mas a diretora lamentava. Os de maracujá são os meus preferidos, confessou.

Em casa o menino ouviu de tudo. Desde bem feito até: mas e aí? Na escola os meninos falavam de um Branco de neve. Não diziam quem seria a princesa a lhe dar o beijo salvador, mas se referiam a menina dos bombons como a bruxa má, disfarçando feitiços em guloseimas. A menina soube. E se acanhou em continuar vendendo os quitutes. Dia seguinte ele enfrentou o ônibus, a sala de aula e o recreio, buscando se esconder até dele mesmo. Impossível. Foi chamado à diretoria, onde lhe tinham a dizer. Começaram perguntando se se sentia melhor. Sim, disse ele. Depois deram a notícia de que faria o teste de matemática na próxima semana. Menos mal, pensou. E como julgamos ter sido uma fatalidade o seu mal estar, não proibiremos a menina de continuar vendendo os bombons. Que bom! Ele pensou em dizer, mas era melhor entrar e, principalmente, sair calado.

No pátio viu a menina que também o viu. E se demorou a caminhar em sua direção. Chegou sem a cesta. Disse que lamentava e comentou o quanto se sentira mal. Pois o maracujá fora indicação dela. Eu é que não sabia que não gostava tanto assim de maracujá. Mas deve haver outro sabor que eu goste, não é possível que todos me caiam mal, explicou e sorriu.

Semana seguinte ela lhe ofereceu, por conta da casa, um bombom de brigadeiro: Afinal, esse não haveria de fazer mal a ninguém.



MARCUS VINICIUS GOMES SILVA

Fale com o autor: [mvgs@openlink.com.br](mailto:mvgs@openlink.com.br)

## FIM DO MUNDO

Como fazia todos os dias bem cedo, enquanto saboreava o seu apetitoso café da manhã, Eutalino ligou o rádio da cozinha para ouvir as mais recentes notícias do dia que se iniciava para ele. Esse era um hábito antigo que ele repetia metodicamente todos os dias a vários anos e, ele gostava muito. Por isso, agora, não estava sendo nem um pouco diferente, estava sendo igual a todos os dias da sua vida.

Eutalino era uma pessoa curiosa, queria sempre saber de todos os acontecimentos, todos eles, tim-tim por tim-tim, do país, do estado e da sua cidade. Assim, dizia ele, estaria sempre bem informado, transformando-se em um cidadão responsável e participativo como sempre fora e fazia questão de ser. Todos que o conheciam o admiravam por esse comportamento, por esse interesse dele.

Entretanto, naquele dia especificamente, enquanto ele saboreava o seu apetitoso café da manhã e ouvia as notícias, repentinamente e sem qualquer aviso ou explicação o rádio “ficou mudo”, a transmissão cessou. Aquilo era bastante incomum, nunca havia acontecido. Em princípio Eutalino não se preocupou muito, pensou primeiramente que era um problema com o seu rádio. Mas logo ele descobriu que não era. Nesse caso e, com toda a certeza seria um problema da transmissão, um problema da estação de rádio.

Ficou claro para Eutalino que a programação da rádio havia sido interrompida na sua origem, quer dizer, na própria estação de rádio. Nesse caso, a melhor coisa a fazer seria aguardar um pouco, esperar tranquilamente até a transmissão ser reiniciada, o que para ele não seria problema, pois se considerava um homem bastante calmo e paciente. Enquanto isso ele continuava tranquilamente a saborear o seu apetitoso café.

Enquanto aguardava o retorno da transmissão ele se perguntava o que estaria acontecendo na estação que justificasse aquela interrupção abrupta? Isso nunca havia acontecido antes. Ele nunca deixou de ouvir as notícias matutinas no café da manhã, pois o rádio nunca havia “ficado mudo”.

Mas, para a felicidade de Eutalino o rádio ficou mudo só por alguns poucos minutos. Não demorou muito, o locutor, o apresentador do

jornal da manhã cuja voz Eutalino conhecia muitíssimo bem e há anos, em alto e bom som, com a sua poderosa voz impostada de sempre, anunciou em edição extraordinária em alto e bom som para ser perfeitamente ouvido e entendido por todos que estavam sintonizando aquela estação:

- Atenção, atenção, atenção.

Mas alguns segundos de silêncio se passaram e, o locutor voltou a falar.

- Por favor, prestem muita atenção ao que vou dizer, pois é de fundamental importância para todos, na verdade é importantíssimo que todos prestem muita atenção com muita calma e entendam o que vou dizer e, por favor nada de pânico.

Mais uma vez uma pequena pausa foi feita e novamente o “silêncio se fez ouvir”, o rádio voltou a “ficar mudo”. Aquilo começou a incomodar Eutalino.

Mas logo o locutor voltou e prosseguiu com um tom de voz mais severo que o anterior:

- Temos aqui uma notícia de última hora.

- Um meteoro de grandes proporções, muito grande, imenso mesmo, de um tamanho como nunca se viu antes se encaminha em direção ao planeta e, meus amigos, vai se chocar contra a Terra. E tem mais, o ponto de impacto desse monumental meteoro, infelizmente, será aqui, ou seja, ele cairá justamente em nosso país.

Novamente e mais uma vez ocorreu uma pequena pausa na transmissão da notícia, o rádio voltou a “ficar mudo”. Mas, não demorou muito e o locutor continuou a divulgar a notícia.

- Não há mais qualquer dúvida sobre esse acontecimento, pois, a informação foi checada, várias e várias vezes e, ela é verdadeira. A notícia inclusive já foi confirmada pelo governo e está sendo também divulgada por todos os meios de comunicação não só em nosso país, mas também em todo o planeta Terra. É inegável, vai acontecer, não tem jeito, o impacto afetará a vida em todo o planeta e muito provavelmente esse impacto fará a cessar a vida humana no planeta Terra. Quer dizer, a aventura humana chegou ao fim. Portanto, não há nada mais a fazer.

Eutalino arregalou os olhos, não acreditou no que acabara de ouvir. Aquilo não era possível, aquilo não era real. Ele só podia estar sonhando? Estaria ele ainda dormindo. Era simplesmente impossível acreditar em

uma notícia tão catastrófica como essa. Esse tipo de notícia era um verdadeiro absurdo, inaceitável.

Inegavelmente aquela notícia mexeu com Eutalino, deixando-o paralisado. Quem o visse naquele momento pensaria estar diante de um ser humano que tinha virado pedra, pois ele estava por assim dizer petrificado e, assim ele ficou durante alguns minutos.

Mas, aos poucos Eutalino se recuperou do choque daquela notícia, mas, mesmo assim não se conteve, perdeu a calma, caiu na real.

- Não, não, não, não e não.

Gritou ele desesperadamente e sem parar enquanto andava de um lado para o outro da cozinha e com as mãos na cabeça sem saber o que fazer.

- Quer dizer que esse meteoro vai cair logo aqui na Terra ?

- E vai cair bem aqui no meu país ?

- Por qual motivo isso vai acontecer ?

- Quer dizer que o mundo vai acabar ?

Gritou Eutalino ao ouvir aquela notícia estarrecedora que o tirou do sério e, sem exceção estava sendo repetida exaustivamente por todas as rádios por ele sintonizadas.

Eutalino tentava encontrar uma explicação, qualquer uma que fosse para toda essa inaceitável tragédia.

Tentando ser um pouco racional ele se perguntava:

- Se existem milhões de planetas nessa galáxia para o meteoro escolher cair por que ele escolheu cair justamente no planeta Terra ?

- Se existem vários lugares no planeta Terra para o meteoro cair por que ele escolheu cair bem aqui no meu país ?

- Isso é inacreditável !

- Isso é inacreditável ! Repetia Eutalino sem se conformar com aquela notícia para ele estarrecedora.

- Não, não, isso não é possível, ele continuava gritando.

Eutalino não queria aceitar, não se conformava.

- Essa notícia não pode ser verdadeira !

- Não pode ser verdadeira !

- Essa notícia deve ser brincadeira de alguém, deve haver algum erro.

Eutalino gritava o tempo todo sem conseguir mais se controlar.

De fato a notícia foi para ele devastadora, e muito.

Mas, para a tristeza e infelicidade de Eutalino a notícia era de fato

verdadeira e ele pode constatar a sua veracidade não só nas rádios, mas em todos os demais meios de comunicação consultados, pois a notícia continuava a ser repetida exaustivamente e sem parar. Todos os meios de comunicação estavam divulgando aquela notícia.

Desta forma, não havia mais dúvidas, aquilo ia acontecer. Era só uma questão de tempo e mais nada. Assim, não havia o que fazer.

De fato, um meteoro iria cair na Terra e o país era o seu ponto de impacto. Essa era a verdade. Era inevitável, mas era a verdade.

- Mas quando isso vai acontecer? Perguntava Eutalino.

- E quanto tempo ainda falta para o impacto desse fatídico meteoro? Dias, semanas, meses, perguntava Eutalino ao rádio como se estivesse conversando com ele e esperando resposta as suas perguntas.

Mesmo estando atordoado com aquela notícia Eutalino procurou se acalmar com o primeiro impacto que ela havia causado. Ficou pensando que uma notícia tão estarrecedora como essa poderia até mesmo não ser verdadeira, talvez, quem sabe, houvesse um engano, um engano qualquer. Mas, pensou ele, como disse o locutor à notícia foi confirmada pelo governo e como todos nós sabemos e há muito tempo, o governo não mente para o povo, o governo só diz a verdade. Logo e infelizmente, a notícia só poderia ser verdadeira. Era triste, mas era verdade. A confirmação pelo governo colocava ponto final em qualquer discussão sobre a veracidade do assunto.

Assim, Eutalino continuava procurando se acalmar e minimizar o impacto daquela notícia pensando que eventos como esse, a queda de um meteoro na Terra, acontecem todos os dias e se aquele não era o primeiro meteoro a cair na terra, com certeza não seria o último e, portanto, seria mais aconselhável se acalmar e esperar para os próximos dias maiores informações.

Apesar de querer aparentar calma Eutalino não conseguiu. No fundo, no fundo ele não se conformava com aquela notícia, afinal, poderia ser o fim da vida dele. Poderia não, pelo tamanho do meteoro com certeza seria o fim da sua vida e é claro, o fim de todos os planos feitos para o futuro. Logo ele, tão preocupado com os destinos do mundo, do país, do estado e da cidade e, agora, tudo ia simplesmente acabar. Ele não se conformava com isso.

Mas, o pior de tudo era que a notícia não era só aquela, tinha mais, tinha

outra notícia pior ainda do que a primeira, essa sim, com certeza muito mais grave. Conforme explicou o locutor da rádio, foi necessário divulgar a notícia em duas partes para que todos pudessem se adaptar a ela, se acalmassem e se convencessem que ela era verdadeira.

Em complemento a notícia da queda do meteoro no planeta Terra com o ponto de impacto no país, pouco tempo depois, o mesmo locutor voltou para noticiar a preocupação do governo com toda a situação social a ocorrer em consequência do impacto daquele meteoro de grandes proporções no país, razão pela qual e para evitar pânico antecipado da população decidiu divulgar a notícia só no dia da queda do meteoro e não antes, e isso ia ocorrer dentro de alguns minutos, ou seja, em breve, muito breve.

Quer dizer, pelas palavras do locutor logo logo a vida chegará a seu fim.

Como não poderia deixar de ser essa notícia então foi mais arrasadora ainda para Eutalino do que a primeira notícia. Certamente que ele não esperava por mais essa nova, terrível e impactante notícia. Ele ainda estava tentando se recuperar e digerir a primeira notícia sobre a queda do meteoro na Terra quando essa segunda notícia foi divulgada.

- O quê ?

Perguntou Eutalino aos berros.

- O quê ?

Ele não se conteve.

- Nãããããããããããããããããããã, isso não é possível ! Gritava ele desesperado.

- Dentro de poucos minutos ? Nãããããããããããããããããããã isso não.

- Se já sabiam de tudo por qual motivo não disseram logo toda a verdade para a população ?

- Por qual motivo não divulgaram logo essas notícias ?

- Como puderam fazer isso com a população ?

- Nós não merecemos respeito do governo ?

Eutalino entendia que a população, assim como ele, não podiam ser enganados daquele jeito como estavam sendo. Todos tinham o direito de saber de tudo, e antecipadamente, pois quanto mais cedo à notícia fosse divulgada seria melhor para todos.

- Quer dizer que o mundo vai acabar e vai acabar hoje e bem daqui a pouco ? Eutalino não se conformava com aquilo.

Assim, com essa segunda notícia Eutalino ficou simplesmente desolado, inconformado e ensandecido. Ele perdeu o rumo da vida. Aliás, na verdade, ele iria perder a própria vida, era só uma questão de tempo.

Desorientado, Eutalino, então jogado na cadeira da cozinha foi aos poucos conseguindo se acalmar e, não tendo mais nada a fazer a respeito do assunto, pois nada podia ser feito mesmo, concluiu que nada poderia ser mudado. Assim, partindo do princípio de que o que não tem remédio remediado está ele então decidiu que iria morrer com toda a calma, tranquilidade e na maior classe possível. Partiria dessa vida para uma vida melhor com certeza em grande estilo e com muita elegância, é claro, como era do seu costume. Nesse caso, mesmo naquelas condições não poderia ser diferente.

Sua esposa, Eulália, ainda estava dormindo, melhor para ela, pensou Eutalino, assim, dessa maneira ela não sofrerá muito, talvez, quem sabe, nem mesmo sofra, nem saberá o que aconteceu. Assim será bom, pelo menos isso o tranquilizou, o deixou mais calmo.

Eutalino então resolveu que tomaria uma cerveja bem gelada, talvez tomasse duas ou três cervejas, quem sabe, e assim ficar bem relaxado, deitaria ao lado de sua esposa. Morreriam juntos e de mãos dadas, pois, no seu entendimento tudo ocorreria muito rápido pensava ele. Tudo seria muito simples, suave e sem dor.

Assim ele planejou e assim ele fez.

Eutalino bebeu calmamente suas cervejas enquanto apreciava a vista da janela, certamente pela última vez e, depois, deitou na cama ao lado da sua esposa. Não pensou em mais nada e nem queria, afinal não tinha porquê. Fechou bem os olhos que ele não abriria mais de jeito nenhum não importando o que acontecesse, e ficou aguardando a onde de choque que o impacto do meteoro provocaria.

Ele Sabia que com o violento impacto do meteoro na Terra e no país, a onda de choque não tardaria a atingir o prédio onde ele morava. Seria violentíssima, é claro. Sim, seria sim e muito. Seria igual a um tsunami ou uma bomba atômica, muito mais violento, forte e devastador e muito mais rápido. Ainda bem, pensou ele, nesse caso uma pancada só acabará com tudo. Nada de sofrer lentamente.

Assim, passaram-se alguns minutos e enquanto aguardava a onde de choque Eutalino foi ficando sonolento.

Mas, foi aí que aconteceu.

Como Eutalino esperava a onda de choque não demorou muito a chegar e ela foi chegando devagar, devagarinho. Em princípio muito fraquinha, ele sentiu o seu corpo começar a balançar, um balanço bem leve e suave, até mesmo agradável, pensou ele. Mas, depois, começou a sacudir e a sacudir cada vez mais, sacudiu muito, muito forte e pior de tudo, ele começou a ouvir a voz da sua esposa, e ela gritava muito:

- Acorda, acorda, acorda Eutalino, está na hora de levantar e ir trabalhar. Você vai chegar atrasado ao trabalho.

- O que ? Perguntou Eutalino se recusando a abrir os olhos.

- Você tá louca mulher ? Perguntou Eutalino ainda de olhos fechados.

E ela prosseguiu:

- É isso mesmo, vamos levantando que está na hora. O batente te espera. Hoje é segunda-feira, dia de trabalho. Disse sua esposa.

- Mas Eulália, o mundo não está acabando ? Perguntou Eutalino a ela e ainda de olhos bem fechados e sem querer abri-los.

- Que estória é essa Eutalino ? É Claro que não. De onde você tirou essa ideia de jerico ? Levanta-te e anda, vá ver na janela.

Se sentindo muito estranho, desconfiado e enganado com tudo aquilo ele abriu primeiro um só olho, e o abriu bem, olhou para um lado e para o outro do quarto, olhou para cima e para baixo e, depois, abriu o outro olho e, como não poderia deixar de ser em seguida os arregalou, e arregalou bem. Curioso, levantou da cama e como se fosse um astronauta andando na Lua, lentamente ele foi até a janela. Lá chegando viu que tudo estava tranquilo e sereno como costumava estarem todos os dias pela manhã. Nada havia mudado e nem parecia que ia mudar, até era possível ouvir o canto dos pássaros e sentir no ar o cheiro de café sendo feito.

- Ué, mas como é que pode ?

- Então eu estava sonhando ? Perguntou Eutalino a sua esposa.

- Com toda a certeza. Disse ela.

- Mas que sonho foi esse ? Perguntou ela a ele.

E ele contou o sonho:

- Sonhei com uma notícia divulgada pelo rádio, após ser confirmada pelo governo, avisando que um meteoro ia se chocar com a terra e o ponto de impacto seria no nosso país e tudo seria destruído, não sobraria



nada.

Foi então que a sua esposa disse:

- Ora Eutalino, você não está vendo que tudo isso jamais seria possível acontecer !

- É ? Por quê ? Perguntou Eutalino a ela.

- Por uma razão muito simples. Meteoros nunca se chocam contra o planeta Terra, isso é impossível. Os meteoros se incendeiam quando entram em contato com o ar e os gases na atmosfera da Terra e nesse processo deixam um rastro de luz que é conhecido popularmente com o nome de estrela cadente. O que sobra do meteoro e aí sim pode atingir a superfície do planeta e com ele se chocar, é apenas um meteorito, mas nunca um meteoro.

- Poxa, quer dizer então que a notícia era falsa ? Perguntou Eutalino a sua esposa.

- Era sim. Disse a sua esposa.

- Quer dizer então que o governo não disse a verdade ao afirmar nas rádios e nos meios de comunicação no meu sonho que um meteoro iria se chocar com o planeta Terra ?

- Não. Disse sua esposa.

- Poxa, quer dizer que até mesmo nos sonhos da gente o governo se intromete, mente e mente descaradamente ? Perguntou Eutalino a ela.

Sua esposa balançou a cabeça afirmativamente e disse:

- É né, fazer o quê ? Você já devia estar acostumado com isso.

- Mas que desgraça, assim não é possível. Mas que país é esse em que o governo mente para o povo ? Perguntou Eutalino.

O jeito pensou Eutalino, é ir trabalhar.

Vida que segue.

LUIZ SÉRGIO DE CARVALHO

Fale com o autor: [luisergio@yahoo.com](mailto:luisergio@yahoo.com)

## ADESPEDIDA

Naquela manhã de terça-feira eu estava atrasado para a reunião semanal e com medo de ser repreendido. Haveria perguntas sobre o andamento dos projetos e eu não atualizara os dados de duas semanas passadas. Por um momento admiti a ideia de faltar ao trabalho e fazer uma caminhada: - O prédio deve estar frio e o sol de primavera tão claro!

Ouvia-se o canto dos bem-te-vis pousados nos beirais; adiante, no gramado além da portaria, os quero-queros faziam o alarido habitual para afastar predadores de seus filhotes. Tudo isto me tentava muito mais que falar sobre porcentagens de progresso, dificuldades e perspectivas do projeto em curso; contudo, tive a força de resistir e, depressa, me pus em direção ao dever.

Já no prédio, ao passar diante da copa, vi que ali havia um grupo de pessoas próximas ao pequeno quadro de avisos. Há anos, é dali que nos vêm más notícias: ordens com alteração de rotinas, ínfimos percentuais de aumento salarial, transferências para locais indesejados e as temíveis demissões. - O que há agora? Pensei, sem me deter.

Subi as escadas correndo e um colega, o Meada, que estava na copa lendo os avisos, gritou para mim: - Não se apresse tanto, Luizinho Vigamestra, de todo jeito vai chegar cedo demais!

Eu não gostava do apelido de viga-mestra, empregado pelas chefias para adular os técnicos mais experientes. Certo de que o Meada zombava de mim, segui adiante e entrei esbaforido na sala.

Em geral, no começo das reuniões há um grande alarido que pode ser ouvido da rua: agendas e cadernos atirados sobre a grande mesa, cadeiras arrastadas, discussões em que todos falam ao mesmo tempo e, por fim, o chefe a espancar a campainha com o martelo de madeira torneada para dar início aos trabalhos. Contudo, o que encontrei? Silêncio! Apenas silêncio!

Eu contava com o desarranjo inicial de sempre, que retarda o começo das arguições, para ganhar algum tempo, preparar respostas, ainda que sofríveis, às perguntas que não tardariam; mas, justamente naquele dia, estava tudo tão tranquilo na sala como numa manhã de feriado. Meus colegas, silenciosos, já estavam em seus lugares. O chefe, pensativo, segurava com a mão direita o martelo de conduzir as reuniões e o batia,

compassada e suavemente, na palma da mão esquerda. Imaginem se ao entrar atrasado em meio a essa grande calma eu estava apreensivo, com medo... Mas, não! Ele me olhou sem rancor e disse com muita paciência: - Sente-se, seu Luiz, nós já íamos começar sem você.

Depois de uns minutos em que me refiz do medo que sentira, notei que o chefe abandonara o terno e a gravata habituais e vestia roupa informal. Meus colegas, no entanto, aparentavam um ar solene, incomum; e mais surpreendente foi ver ao fundo, em cadeiras extras afastadas da grande mesa, a secretária e os funcionários da administração.

Enquanto eu buscava uma razão para o que ocorria, o colega ao lado apontou o lado oposto da mesa chamando-me a atenção para o engenheiro Mota. Talvez cansado por uma noite mal dormida - fato comum a quem, como ele, tem prole de tenra idade -, estava alheio ao seu entorno, porém não escrevia, não estudava, nem organizava a agenda.

Mota é um ótimo sujeito, calmo, pesado, dono de um grande e belo nariz; esses atributos físicos renderam-lhe o apelido de elefante desde o serviço militar no Centro Preparatório de Oficiais do Exército. Imóvel em sua cadeira ligeiramente afastada da mesa, o suficiente para que seu rosto não pudesse ser observado pelo chefe, o Elefante apenas segurava o lápis em posição de escrever. Apreensivos, observamos a cena por alguns minutos e, embora o nosso colega se mantivesse absolutamente imóvel, como se em eterna dúvida sobre o que redigir, era certo que acabaria sendo apanhado em falta. De repente, notei que seu lábio inferior pendia; um fio contínuo de saliva viscosa escorria até o peito e já era possível ouvir o som abafado do seu ressonar. O sono do engenheiro logo seria notado por todos e, com certeza ele seria punido; por isso decidi acordá-lo.

Primeiro, um levíssimo chute e... nenhum efeito! O pontapé deve ter acertado a perna da cadeira. Na segunda vez, com maior potência, atingi em cheio a canela do Elefante e o resultado não se fez esperar. Mota pôs-se de pé, como se molas o impelissessem, atirando sua cadeira ao chão com estrondo. A seguir, possivelmente um reflexo do seu passado no Exército, perfilou-se em continência e gritou em tom alto e claro, típico dos quartéis: - Às suas ordens, senhor comandante!

Passado o susto, as risadas tomaram a sala e o chefe, com inesperada tranquilidade, perguntou:

- Pode me explicar o que aconteceu, engenheiro?

Mota explicou-se com sinceridade e, ainda sonolento, aguardou a pior das penas. Contudo,

contrariando as previsões pessimistas, o chefe apenas comentou: - Tendo sido um militar você deve saber que o inimigo sempre se aproveita das nossas fraquezas, foi surpreendido em pleno sono e teria posto uma batalha a perder. Saia, molhe o rosto para despertar e alinhe-se, está desgrenhado.

E surpreendeu a todos, mais uma vez, ao acrescentar paternalmente: - Quem tem filho sabe certamente o que é uma noite insone.

Eu procurava um motivo para a mudança de comportamento, quando ele levantou-se e discursou:

- Meus companheiros, esta é a nossa última reunião. Ontem, ao final do expediente, fui demitido e hoje é meu último dia de trabalho. Amanhã de manhã os senhores terão um novo líder. Gostaria de agradecer a colaboração de todos pelo tempo em que estivemos juntos e lhes pedir para que atuem sempre com o mesmo empenho profissional com que atuaram sob minhas ordens. Agradeço a presença dos funcionários administrativos, a quem peço que voltem aos seus afazeres. Os demais permaneçam...

E tudo continuou quase como se não fosse sua última reunião, o dia da despedida. A cada subordinado o chefe fazia perguntas a respeito do andamento do respectivo projeto, enquanto os que aguardavam a chamada de seus nomes dedicavam-se a seus passatempos prediletos: ler, escrever, desenhar, ou mesmo cochilar com a máxima discrição.

Ensimesmado, eu não conseguia exercer nenhuma atividade. Quais teriam sido as razões da demissão? Idade avançada? O modo autoritário de conduzir a equipe teria sido reconhecido como improdutivo?

Imerso em pensamentos, quase nem percebi o apelo: - Seu Luiz, por favor, sua vez de comentar o andamento do seu projeto.

Tentei falar e me atrapalhei já nas primeiras palavras. Com o coração apertado, acabei confessando não ter me preparado: - Sinto muito! Peço-lhe desculpas. O pior é que sendo hoje o seu último dia na empresa não terei uma outra oportunidade, não haverá redenção para o meu erro.

- Não vou repreendê-lo. Sua aparência de arrependimento e desconforto evidencia que o senhor foi suficientemente punido. É o mal do nosso

tempo, sempre adiamos tudo. Sou o único culpado...se eu tivesse sido mais duro, mais exigente do cumprimento das regras...

Ter sido mais duro? Impossível! Entretanto, na sua despedida o chefe surpreendia pela

flexibilidade, pela complacência quase paternal. Pobre homem! Deve estar próximo aos 70 anos, achar um novo emprego não será fácil...espero que possua recursos para a sobrevivência futura e, acima de tudo, tenha família e amigos que o apoiem na busca de uma vida nova...

Ora! O que estaria acontecendo comigo? Na primeira, na única vez em que o chefe foi compreensivo e demonstrou alguma benevolência, esqueci todo o seu passado de desconfianças ranzinzas, de insana obsessão com aumentos de produtividade e cobranças insistentes, quase sempre fundadas em suposições inconsistentes!

Hesitante, em dúvida quanto aos meus sentimentos, não percebi o encerramento da reunião, nem participei da alegre algazarra dos colegas deixando a sala, indiferentes a eventuais dramas alheios. Saí também. Ao passar pelo chefe, notei suas mãos sob o queixo e os olhos que miravam o vazio. Desejoso de confortá-lo, todavia inseguro, temendo parecer tolo, retornei à sala e escrevi uma frase na lousa...a mesma frase que, há tanto tempo, o adolescente Luizinho criara para amenizar a própria tristeza ao deixar seu primeiro colégio: “O recanto por mais belo que seja deve ser abandonado alegremente; no caminho adiante haverá outros recantos ainda mais belos...” Em seguida, com sorrisos tímidos e um singelo aperto de mãos, despedimo-nos.

JOSÉ LUIZ GOMES DA SILVA

Fale com o autor: [jluizpesquisas8@gmail.com](mailto:jluizpesquisas8@gmail.com)

## SEVERINO BUCHO-AZUL

Pouco tempo depois que chegamos à Vila, bateu uma curiosidade enorme em conhecer um cidadão com uma alcunha engraçada: Severino Bucho Azul. Menções ao seu nome eram recorrentes entre os garotos, ora por seu conhecido mau humor, ora em razão do boato que corria, dando conta de que ele era o lobisomem que circulava na Vila nas noites de lua-cheia. Isso sem falar nas famosas goiabeiras e pés de manga espada que existiam no seu sítio. Recluso, morava com a esposa e dois filhos num arrabalde do lugarejo, numa casa relativamente afastada das demais, normalmente casas conjugadas, num arquitetura típica de vilas operárias. A cicatriz abdominal, supostamente de cor azulada, teria sido o resultado de uma intervenção cirúrgica à qual foi submetido, depois de um atentado sofrido.

Severino Bucho-Azul era vigia da Companhia de Tecidos Paulista, como eram conhecidos os milicianos de então. Apesar dessa cicatriz de cor azulada, bastante comum nas anedotas locais, poucas pessoas a teriam constatado. Além de recluso, Severino Bucho-Azul andava frequentemente com uma indefectível camisa, que não tirava nem nas horas de trabalho duro, sob calor intenso. Não seria uma tarefa das mais simples, portanto, matar essa curiosidade de criança, algo que aguçava nossa fantasia desde o momento em que chegamos àquele lugarejo. Havia outros tipos esquisitos sim. Nem um deles, porém, com uma enorme cicatriz azul no abdômen, depois de se submeter a uma cirurgia que quase o levou a óbito.

A cidade se resumia a uma pracinha, o prédio da prefeitura, a igreja, a fábrica de tecidos e o famoso jardim do coronel, um enorme casarão localizado próximo à fábrica, num enorme terreno, com diversas árvores e alguns animais - uma espécie de zoológico - aberto aos domingos para as crianças. O casarão dos Lundgren era uma fortaleza inexpugnável, cercada por um muro alto e milicianos armados. Na realidade era uma espécie de olho do dono. Normalmente, a casa dos industriais das companhias de tecidos obedecia sempre essa arquitetura característica. Quando os futuros operários chegavam do interior do Estado - transportados num ônibus conhecido como Sopa - eram separados por sexo e mantidos em alojamentos que, segundo relatos, mais pareciam



com hospitais. Por vezes, esses futuros operários eram recebidos pelo próprio coronel Frederico Lundgren, que examinava suas mãos, determinando onde eles deveriam ser alocados nas atividades da companhia de tecidos.

Um dos melhores momentos na localidade - depois das festas religiosas e profanas realizadas em meses específicos do ano - era a feira-livre, que acontecia sempre aos sábados pela manhã, onde os compadres e comadres costumavam trocar um dedo de prosa, na medida em que tomavam as providências para abastecer a dispensa. Nessas ocasiões, além do famoso homem da cobra, outra figura esquisita se fazia presente, conhecido como Mestiço. Desfilando pelas ruas, impecavelmente trajado com seu uniforme de ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, uma espingarda e uma espada. Fazia discursos desconexos, mas inflamados, normalmente com duras críticas aos políticos locais. Chegou à cidade na década de 50 do século passado, morava sozinho e pouco se sabia sobre a sua família. Apesar do comportamento estranho, era uma figura pacata, que não metia medo em ninguém.

As lendas ou crendices circulam nas rodas de conversas - talvez com uma velocidade menor do que as fake news de hoje em dia, em razão do aparato tecnológico das redes sociais - mas circulam do mesmo jeito, de boca a boca, quando as fofoqueiras se reúnem nos quintais nos finais das tardes. Assim era em relação a Severino Bucho-Azul virar lobisomem nas noites de lua-cheia. Tonha da Porca, por exemplo, o vira rondando o seu cercado de porcos, logo nas primeiras horas da manhã, ao acordar para alimentá-los. Mané Vê-Dois, num dos raros momentos de lucidez, o viu perambulando, madrugada a dentro, com sua indefectível camisa banhada em sangue, com dentes enormes e o rosto desfigurado. Bio Boião precisou fazer uso de sua espingarda para expulsá-lo de sua propriedade, depois do alarido dos seus cachorros.

E assim, antes como hoje, lendas, fofocas ou mentiras assumem o caráter de verdades absolutas, consoante esta ou aquela conveniência. A avó do xilogravurista Jota Borges proibia-o de ir à escola em razão da lenda do papa-figo que comia criancinhas que circulavam na cidade de Bezerros, onde ele nasceu. Em noites de lua-cheia, as pessoas da Vila, por precaução, tomavam suas providências, trancando bem as portas,

não saindo depois da meia-noite. Nas peladas dos finais das tardes, Gilvan, seu filho, jogava que nem parecia um filho de lobisomem. Um craque de bola.

Todo esse folclore em torno da figura de Severino Bucho-Azul apenas contribuía para aguçar nossa curiosidade de criança. Por esses idos, depois dos banhos de riachos, as peladas de finais de tarde com a turma, as famosas corridas nos carrinhos de rolimãs, havia, agora, duas missões em mente: checar as profundas cicatrizes do seu abdômen – que lhes conferiam o apelido – e, finalmente, vê-lo transformado num lobisomem, embora, em princípio, a ideia fosse um tanto quanto apavorante. Em ambos os casos, não seria uma tarefa das mais simples.

Amigo do seu filho Gilvan, dava sempre um jeitinho de procurá-lo em horários bem inconvenientes, onde fosse possível, quem sabe, um flagrante. Por meses a fio nessa pisada, logo cedinho, ao cair da tarde, nas noites de lua-cheia, para acompanhar suas reações. Como água encanada era coisa rara por aqueles tempos, as pessoas tinham o hábito de escovar os dentes de posse de algum vasilhame, num local específico do quintal. Numa dessas manhãs, finalmente, o encontrei sem camisa. De fato, era uma enorme cicatriz, que ia de uma extremidade a outra da barriga, mas, contrariamente ao que se dizia, não era azul, mas esverdeada. Nas noites de lua-cheia, ficávamos de butuca, de reca, uma vez que ninguém teria coragem de enfrentar um lobisomem sozinho. O tempo se passava, tomamos alguns sustos, muitas reprimendas dos pais, mas nada de concreto sobre a comprovação dessa lenda do lobisomem. Mesmo crianças, resolvemos considerar a hipótese de tratar-se de uma mentira, algo fantasioso, que não corresponderia à verdade.

Depois de longas vigílias - numa dessas noites de lua-cheia, repletas de estripulias incontáveis - os cachorros sinalizaram algo estranho no quintal de Dona Chocha. Mesmo apavorados, fomos verificar as razões daquela algazarra - hoje o nome mais apropriado seria balbúrdia. Ao nos aproximar, observamos um vulto correndo no escuro, embreando-se na mata que ficava nas cercanias do sítio. Nunca saberemos com certeza do que se tratava, mas isso pouco importa. O fato concreto é que acabávamos de comprovar uma lenda, a lenda do lobisomem. No dia seguinte, a notícia se espalhou por toda a Vila, confirmando que as crianças haviam avistado o tal lobisomem. A associação imediata com

Severino Bucho-Azul veio como consequência de um possível envolvimento amoroso deste com a dona do sítio. Severino Bucho-Azul era sim o lobisomem. Não mais havia qualquer dúvida sobre isso.

MAISA GOMES BRANDÃO

Fale com o autor: [maisa.brandao@hotmail.com](mailto:maisa.brandao@hotmail.com)

## AMORES EM SEGREDO

Esta história tem início nos anos de 1950. Época em que viver era muito diferente dos tempos atuais. A vida era mais calma e tranquila e os amores eram mais intensos e sofridos. Não havia exibição de sentimentos porque tudo era vivido apenas pelos envolvidos no afeto. Hoje tudo é público, mostrado nos meios de comunicação e a privacidade a muito se foi.

Ao fazer este mergulho no tempo, as lembranças afloram eivadas de sentimentos, paixão e doces recordações. São saudades!!! Exatamente isto, saudades de amores vividos, alguns em segredo até para um dos envolvidos no manto da paixão. Outros vividos de forma real, intensa e guardados a sete chaves pelo receio da publicização e até da descoberta pelo amante ou outras pessoas.

Ao voltar no tempo surge a lembrança do primeiro amor, objeto de desejos ainda desconhecidos, onde um afago e um abraço tinham tanto significado... velhos tempos que não voltam mais... desejos nunca realizados e sorrisos roubados, olhares furtivos e, quando muito um toque sutil de um aperto de mãos, de um abraço rápido. Ah, anos 60. Quando, numa festa de escola, éramos escolhidos para formar os pares das danças juninas.... que alegria poder dar a mão ao nosso amado secreto. As fotos da época são a prova de que tudo existiu e não foi apenas um sonho.

Mas, a entrada na adolescência era o momento em que o amor se instalava no coração. A vida era bela, tudo tinha mais encanto e assim, os arroubos da juventude, mesclados com os primeiros olhares mais profundos, a possibilidade de estar junto dos meninos, provocava um frenesi e um calor à vida. Ah, meus 13 anos! Ah, a descoberta da relação homem – mulher ainda caracterizada pelo romantismo e encantamento. Um amor platônico, um amor que fazia o coração acelerar e bater forte ao ver e encontrar o objeto amado. Nada acontecia fisicamente, tudo se resumia a olhares furtivos. Quanta saudade deste tempo! Quantas lembranças guardadas no fundo do coração e que, até hoje alegram a alma. Recordações de um tempo que ficou para trás e que foi o início dos amores proibidos e secretos.

São estas recordações suaves, puras, de encantamento e de saudades que

são guardadas no mais profundo das lembranças e que fazem fluir a entrada na vida adulta, quando os amores se tornam reais e físicos. É neste momento que se instala o segredo, a preocupação com a descoberta e publicização destes romances.

Anos 70 e aí acontece a primeira grande paixão física de um amor tornado real. Amor proibido, amor secreto, amor doído e dolorido. Um amor que carregava consigo as marcas do domínio e da dor, da opressão. Foram anos de submissão até o grito de liberdade e o adeus à submissão. Retomada do crescimento, busca de maturidade pessoal e crescimento profissional e, portanto, voo para a liberdade sem o jugo do amor como elemento capaz de tolher a capacidade de sentir e viver.

Descoberta do mundo, dos prazeres e a busca intensa da realização pessoal, profissional e sexual, com uma entrega absoluta aos amores encontrados pelo caminho. Os amores platônicos, vividos em segredos me fizeram muito bem e me ensinaram a entender a dinâmica do amor e da dedicação e, inclusive, o valor da amizade.

Meu primeiro grande amor aconteceu nos anos 60 ainda, período de plena adolescência, de descoberta do mundo e do valor da amizade. Meu amor era meu colega de classe e nunca me viu além da amiga que eu era. Foi um amor de entrega e, até hoje, é um grande amigo por quem tenho imenso carinho. Não sei se poderia ter se transformado em algo maior, nunca tivemos a chance, a não ser quando, nos meus 40 anos o convidei para almoçar e confessei o quanto o amava e continuava amando-o. Ele se assustou com a revelação e eu me senti livre para seguir em frente. Recentemente, há alguns anos, num encontro da turma de colégio, descobri que os colegas sabiam que eu o amava, menos ele. É bom ter um amor assim, calmo, tranquilo, sincero, amigo e eterno. Sou feliz por isso. O primeiro amor real e concreto aconteceu nos anos 70 quando eu já estava na faculdade e trabalhando. Era um colega do trabalho, professor, conhecido por ser um “pegador”, alguém que gostava de seduzir e abandonar as suas vítimas. Foi um amor abusivo, de excessivo controle e domínio, mas do qual me libertei porque não admito este tipo de amor. Amor precisa de leveza, de companheirismo, de cumplicidade, de bom humor. Foi pensando assim que rompi com todas as crenças nas quais fui criada e parti para outros horizontes.

Ah, o final dos anos 70 e início dos anos 80. Que época grandiosa, de

liberdade absoluta, de puro encantamento. Tive vários amores, passageiros, fugazes, sem apego, sem compromisso, mas muita entrega e alegria. Viver o início dos anos 80 no Rio de Janeiro era privilégio para poucos. Mas, me apaixonei perdidamente por um jaleco branco que fazia residência médica e o ponto de encontro era o meu apartamento que pertencia ao meu professor do mestrado e muitos e muitos amores ocorreram ali. Nomes são proibidos, mas sentimentos, não. Fui feliz, me encontrei, vivi intensamente cada momento na cidade maravilhosa e, como não poderia deixar de ser conheci alguém que veio a se tornar o homem com quem vivi por um período. Muito amor, muita sensibilidade, muita cumplicidade, mas ainda não era o homem da minha vida, porque este amor que parecia tão forte, não resistiu às intempéries da vida e à rotina da vida cotidiana. Este amor se foi, reconstruiu sua vida e já não está mais neste mundo físico.

Fiquei sozinha nos anos 80 e decidi que iria viver o que me acontecesse, sem expectativas e sem mais o desejo de viver junto com alguém. Amo a liberdade, o direito de ir e vir, a possibilidade de sair sem destino e não dar satisfação a ninguém nem pedir permissão para viver e existir. Que período rico! Nesta época conheci o poder da sedução, ser seduzida, paparicada,

bajulada, que delícia! Vivi por 3 anos um amor assim, de puro encanto. Esta pessoa que me fez tão feliz me encontrou num momento em que eu andava tão desligada comigo, mal me olhava como mulher e ele me trouxe de volta à vida. Sou eternamente grata a esta pessoa que já não está mais nessa dimensão, mas que teve um papel fundamental na minha vida e me tornei uma nova mulher, mais segura e consciente do meu papel feminino. Muito obrigada, onde quer que você esteja, meu amigo.

Os anos 80 foram marcados por amores diversos, mas sem grandes significados que mereçam ser comentados. E chegamos aos anos 90. Há este foi o meu período mulher inteira, plena, realizada, apaixonada. Me apaixonei completamente aos 35 anos de idade, um amor que já começou diferente de tudo o que já vivi na minha vida. Um amor de muita química e de muita afinidade.

Ah, criatura linda! Você fez o meu mundo voltar a florir, sentir o coração bater no peito, sentir emoção e entrega durante o amor. Com você não foi um simples caso, foi um amor intenso e apaixonado que durou 14 anos.

Como fui feliz. Quanta emoção! Encontros marcados por muito prazer, sorrisos tolos, olhares furtivos, lugares escondidos, e muita, muita paixão. Voltei a ser menina, voltei a ser mulher, porque você me fazia sentir assim e muito mais. Descobrir a beleza do sexo pleno, inteiro, realizar fantasias e viver intensamente o amor. Hoje somos bons amigos, e nos olhamos com muito carinho e afeto porque o que vivemos está marcado em nós como tatuagem. Jamais esquecerei você, meu amor, meu galego lindo, minha grande paixão.

A entrada no novo século, anos 2000 foi uma verdadeira loucura em minha vida, tanto pessoal quanto profissional, mas nunca deixei de viver minha vida enquanto mulher, amante e apaixonada.

Neste novo período de vida, me deparo com a entrada nos 50 anos e ao olhar para trás percebo quanta coisa já vivida, quantas realizações, quantos sucessos e quantas perdas aconteceram na minha vida. Mas, assim é o nosso caminhar, perdas e ganhos, vitórias e derrotas, lutas e conquistas. Chego à maturidade como uma mulher plenamente realizada e feliz por ter vivido cada etapa da vida de forma consciente e plena. Bom fazer esta avaliação. Ser feliz não é um destino nem um fato, mas uma conquista diária, um viver de maneira inteira.

E é, nesta fase da vida, que inicio o meu mais novo romance, aquele que posso dizer que é o amor da maturidade com todos os arroubos da juventude e com toda a experiência de quem muito amou e muito foi amada. Encontro de vidas! Foi assim, de forma inusitada, como algo que não seria uma história, mas apenas um momento. E, aos poucos, este amor foi tomando forma, foi se tornando algo estável, seguro, e hoje tenho um amigo, um amante, alguém com que sou capaz de viver fantasias antes nunca imaginadas.

Assim, de amores em amores, e de amores em segredo, pois nenhum deles pode ser falado, uma vez que cada um também tem sua vida privada e, uma coisa que sempre prezei e que, cada vez mais reafirmo, é a necessidade de se manter em segredo aquilo que muito amamos. A vida não é para ser contada nas redes sociais, alardeada em fotos de cinema. A vida é para ser vivida na

privacidade do encontro, na alegria do reencontro e na beleza da serenidade. Sou feliz, inteira, única, plena, amada e desejada e, é assim, com este espírito de aventura e de conquistas, que vivo a minha



maturidade já perto dos meus 70 anos. Viver é uma arte, ser feliz é uma conquista e ser amada, é um privilégio. Como diz Vinicius de Moraes, em seu poema, Poética: Ando onde há espaço: — Meu tempo é quando. E assim, eu possa lhe dizer do amor que tive, que não seja imortal posto que é chama, mas que seja infinito, enquanto dure. Assim, desta forma, vivendo a vida intensamente, quero chegar aos 100 anos, sempre mantendo a atividade de ser feliz e sempre amando em segredo para não tornar comum os meus amores vividos.

EDER DUARTE LIMA

Fale com o autor: [ederdlcoach@gmail.com](mailto:ederdlcoach@gmail.com)

## O SENHOR DUARTE

Mais um dia começava naquele pequeno município brasileiro do estado de Minas Gerais. Santo Hipólito, um lugarzinho gostoso e pacato de um pouco mais de 3.500

habitantes. O homem era aposentado e por isso como de costume, já fazia muitos anos, o Senhor Duarte acordava bem cedo, até mesmo antes dos galos darem o seu imponente canto matinal, na sua pequena e aconchegante roça. A sua fortaleza isolada, mas completa.

Fazia um breve, mas sempre eficaz, alongamento, abria as duas janelas do casebre, respirava bem fundo o ar puro do campo, que lhe enchia agradavelmente seus já muito cansados porém sadios pulmões. Aquele ar era seu combustível secreto! Os raios solares penetravam deliciosamente, energizando aquele humilde recinto.

Tomou banho, fez o café e todas as demais atividades que seu corpo envelhecido sugeria. Colocou seu surrado chapéu de palha. Seu inestimável companheiro de longa jornada. Abriu a porta e saiu.

Os animais sentiam a presença do amigo e tão logo vinham ao seu encontro e eram recebidos com um largo e sincero sorriso. Os cães latiam em festa. Um som grave e harmonioso que se juntava ao balançar das incontáveis folhas que dançavam ao leve toque da brisa. Seu cavalo corria em círculos. As vacas gentilmente davam seu farto e suculento leite para seus desajeitados e graciosos filhotes. O velho sorria. Era feliz no seu pequeno mundo. Seu paraíso natural.

Pegou as variadas rações e alimentou seus amigos. Varreu o quintal, que curiosamente

nunca ficava sujo demais. Andou alguns passos, mata adentro para pegar alguns troncos. Já não possuía sua força de jovem que lhe fora tirada ao longo dos anos, por isso, não carregava e sim arrastava. Apenas um de cada vez. Dessa forma demonstrava até certa facilidade.

Resultado de sua rotina saudável de um velho homem da roça. Depois de arrastar quatro pequenos troncos, de aproximadamente uns dois metros cada, parou para um breve, mas sempre revigorante descanso. Sentou em uma pedra e tirou o chapéu. No bolso da camisa havia um lenço todo remendado. Tirou e limpou o excesso de suor da sua enrugada face. Assistia, contente as formigas trabalhando felizes e satisfeitas. “Hmmm,

se parecem comigo”, pensava. Fechou os olhos e respirou fundo. Absorveu a brisa que o revigorou em poucos minutos. Levantou. Caminhou até um quartinho que ficava nos fundos da singela casa.

Dentro do quarto havia caixas, sacolas, um par de botas, uma sela de cavalgar e ferramentas. Muitas ferramentas de todos os tipos e tamanhos. Estavam espalhadas por todos os cantos. Não demorou muito para encontrar o que precisava. Um magnífico machado com um longo cabo de madeira maciça. Voltou para onde havia deixado os troncos e pôs-se a cortá-los.

Percebeu a posição do Sol e a direção que as sombras apontavam no chão. Não precisava de relógio para saber as horas. Possuía uma formidável noção do tempo e o gerenciava como poucos. Voltou para o quartinho, apanhou a sela e foi até o seu fiel cavalo. Colocou a sela com a mesma atenção e assertividade de sempre. Montou e partiu em direção ao centro, que era discretamente urbanizado.

Era um caminho longo, e algumas poucas vezes, até desconfortável. O velho matuto já

estava bem acostumado e curiosamente até achava graça de uns calos aqui e umas dores ali. Afinal, era o preço a ser pago para o seu parque de diversões particular.

À medida que se aproximava do centro as pessoas iam surgindo. Idosos como ele, jovens e crianças como ele já fora há muito tempo. Alguns conhecidos. Outros não. Eram turistas ou comerciantes de cidades vizinhas. O velho adorava aquilo tudo. Ser recebido com incontáveis sorrisos e ainda as crianças apontando para ele. Sentia-se como Dom Quixote de la Mancha, seu fictício herói da infância. Nessas horas sentia muito orgulho de si mesmo, afinal, ainda não tinha perdido o juízo como o cavaleiro andante da famosa criação do escritor espanhol Miguel de Cervantes.

Como de costume, passou na frente do minúsculo, mas sempre atraente botequim bem tradicional daquele lugar. Ali, havia alguns homens conversando. O clima era de festa! Um tocava violão. Um outro sua gaita de boca. Na mesa havia copos espalhados. Alguns já vazios e outros ainda mostravam o líquido transparente. Cachaça da boa.

— Velho companheiro! Gritou um senhor negro de cabelos e barba

brancos. — “Ô”

Dedé, traz um copo com aquela água geladinha pro nosso amigo aqui! A cachaça era da boa mesmo, pra quem gostava. O Senhor Duarte nunca consumiu bebida que levasse álcool. Uma água geladinha já era outra história. Desceu do seu cavalo. Sorriu para os amigos e antes que pegasse o copo “matou” a sede do animal e em seguida refrescou a garganta. Depois, foi convidado a se sentar.

Todos conversaram e riram muito. Cantaram algumas músicas, acompanhados

pelo violão e a gaita. Alguns minutos o velho se levantou, despediu dos amigos, montou no seu cavalo e foi embora. Não pagou a água. Ali, pasmem! Não se vendia água. Era cortesia!

Chegando à cidade, amarrou o cavalo em um local destinado para tal. Coberto pela sombra de uma gigantesca árvore e com algumas bacias cheias de água para saciar a sede dos animais. Cavalos, cães ou qualquer outro animal que se aventurava para mais perto da civilização.

Aquele lugarzinho simples tinha de tudo um pouco. Dava pra surpreender os mais desavisados. Pessoas que rotulavam o local, antes mesmo de fazer qualquer tipo de pesquisa. Tinha um mercadinho, com seus insumos e produtos para limpeza. Uma farmácia, um salão de cabeleireiros, uma igrejinha e até um posto de combustíveis. Mais adiante ficava a escola. Do lado, as obras já declaravam a construção de um enorme (ao menos para o lugar), posto de saúde.

Na pracinha, pessoas praticando atividades físicas e um vendedor de pipocas, completavam a paisagem. Cada vez que ia ao centro, o Senhor Duarte tinha a impressão de que visitava outro lugar. Mas isso, até ver os rostos familiares lhe encarando com o mesmo carinho de sempre.

Atravessou a rua. A garotada que jogava bola, percebendo a presença do senhor, imediatamente e gentilmente interrompeu a diversão para que a bola não o acertasse.

Chegando do outro lado em segurança o senhor se virou com um largo sorriso e acenou em tom de agradecimento. A bola voltava a rolar!

— É GOL! Gritou um dos moleques. O goleiro fez cara feia, mas a pelada seguia divertida. — Senhor Duarte! Há quanto tempo, hein!? Falou Dona Mirtes, proprietária da farmácia. — Veio pegar os remédios? — Sim senhora! Este “véio” aqui continua com a cabeça boa

para as datas.

O homem da roça, apesar de sua idade já avançada, estava muito bem de saúde. E também sabia como poucos, viver uma boa vida. Mas até alguns atletas precisam de cuidados médicos de vez em quando.

Dona Mirtes puxou uma cadeira para o idoso e tão logo chamou por Andréia, que era a farmacêutica. Todos nas redondezas tinham muito carinho e respeito por aquela moça. Sempre foi uma jovem responsável e prestativa.

Vinte minutos de uma boa conversa. Notícias em dia e o mesmo bom atendimento concluído. Lá vai o velho. Agora, carregando um saquinho contendo seus valiosos e indispensáveis remédios.

Caminhou um pouco e percebeu uma senhora lhe acenando. Era dona Hilda, uma

antiga colega dos tempos de escola, acompanhada por seu sobrinho, Humberto, que morava em Belo Horizonte, mas como estava de férias do trabalho, fez uma visita. Com um largo sorriso ele acenou de volta. “Puxa vida! Quanto mais os anos passam, mais rápido esta mulher anda!” Ele pensou, sem conseguir esconder o espanto da face enrugada.

Hora de almoçar. Seu estômago sempre lhe avisara desse momento único. Andou até o restaurante dos irmãos Lima. Um lugar onde a modernidade havia chegado já há algum tempo. Apesar da aparência estrategicamente e, devo confessar, desnecessariamente rústica, afinal, era o único restaurante dali. O estabelecimento tinha o melhor maquinário em quilômetros.

Naquele dia, optou por comer um delicioso frango ao molho pardo, com arroz e batata doce. Na salada havia tomate, cenoura e alface. Para acompanhar a saborosa refeição

pediu uma deliciosa limonada. Pronto, a fome foi saciada! Agora faltava a sobremesa. Ficou na dúvida entre o pudim, cremoso, com sua esplêndida cor dourada e calda de caramelo escorrendo nas beiradas. Ou o arroz doce igualmente cremoso coberto por uma fina camada de leite condensado e salpicado de canela. Não demorou muito para tomar uma sábia decisão: Comeu as duas!

Daí por diante o dia seguiu seu curso natural e o Senhor Duarte andou, conversou, reviu velhos amigos e conheceu novos. Hora de voltar para a roça. Ele e o seu fiel cavalo. Montou no animal e se despediu daquele que

ele considerava o seu segundo lar. Enquanto cavalgava pensava em como era um homem de sorte. Seus dois filhos cresceram e constituíram novas famílias, mas sempre o visitavam. Traziam presentes, histórias da cidade grande e suas respectivas esposas e filhos. Um casal para cada casal.

Quatro adoráveis netos! Naquele momento também se deu conta de que dentro de dois dias, sua amada esposa estaria de volta. Seu nome, Luzia. Ela tinha ido a Belo Horizonte para realizar alguns exames de rotina. Nada com que se preocupar. Novamente passou em frente ao botequim. Dessa vez estava vazio. Não desceu. Continuou o percurso ininterruptamente.

De longe já se ouvia os familiares e agradáveis latidos de boas vindas dos seus amigos caninos. Seus cães também conheciam o som do galope do seu cavalo de uma maneira que só os cães sabem e podem fazer! Chegou e desceu do cavalo. Mais sorrisos. Os cães quase o derrubam por manifestar o amor pelo dono. Percebeu a porta da casa aberta. “Uai sô! Não deixei aberta!” Pensou.

Antes que pudesse chegar à porta se surpreendeu com quatro crianças correndo para abraçá-lo. Em seguida, quatro jovens, duas moças e dois rapazes e uma distinta senhora.

Todos repetiram os gestos das crianças eufóricas. Eram seus netos, filhos, noras e esposa. Fizeram uma surpresa. Naquele dia, o velho completava mais um ano de vida. Seu dia não poderia ter terminado de maneira mais feliz.

A cabeça do Senhor Duarte funcionava de forma a dar inveja a muitos jovens, mas felizmente, de certa forma, esqueceu-se do próprio aniversário. Naquele final de tarde, todos comeram, dançaram e cantaram. Sentaram-se na sala. As crianças no chão. Os adultos se distribuíram entre cadeiras e o apertado sofá de dois lugares, que, magicamente, sempre cabia três pessoas. O idoso contava suas histórias que todos adoravam ouvir. Algumas sempre repetidas, mas sem perder o entusiasmo. Outras eram novas e igualmente encantavam seus ouvintes. E veio o sono. Barrigas cheias, sorrisos à mostra e corações transbordando felicidade.

A hora de dormir havia chegado. O Senhor Duarte mal podia esperar para que amanhecesse.

Havia tanto a ser feito no outro dia. Fazer o seu tradicional alongamento, abrir as janelas, tomar banho, fazer o café, alimentar os animais e colher mais troncos. Só que, dessa vez, teria nove amáveis companhias humanas com ele e juntamente com seus adoráveis animais, o velho tinha certeza de que era o homem mais sortudo do mundo. — Boa noite a todos! Exclamou o Senhor Duarte, um pouco emocionado — Durmam com Deus!

— Boa noite! Sua família respondeu.



MARA PAULINA WOLFF DE ARRUDA

Fale com o autor: [rosa207agua@yahoo.com](mailto:rosa207agua@yahoo.com)

## RIO INTERIOR

No dia 12 de março do ano de 2000 Virna saiu de seu apartamento, 12º andar de um prédio nobre. Entrou no elevador com seu bichinho de estimação guardado numa sacola. Tuti. Os olhos do bichano espiando o movimento das pessoas e de Virna que fazia de tudo para que ele não fosse notado. Os vincos no rosto dela. Olhos azuis, sobrancelhas pintadas, lábios finos. Do signo de peixes e ascendente em aquário o lenço que tinha sobre os cabelos esvoaçava.

Cumprimentou o guarda no Hall de entrada. Abriu o jornal. Chacoalhou as águas que corriam nas suas letras. O majestoso rio Uruguai havia sido marcado para morrer, em decorrência das usinas projetadas para serem nele construídas. As notícias! O rio, uma entidade. Criança, pés descalços, águas cristalinas, riachos, banhos de cachoeira.

Virna voltava ao rio da infância. Correnteza. Voltas de barco. O murmúrio das águas. 400 milímetros de chuva. Enchente. Poças d'água. Linha de precipício. Durante trinta anos exerceu a profissão de professora. Por que não escreveu contos? Por que não escreveu poesias? Protelou... Sua vida foi ministrar aulas. “Bom dia. Vamos começar pelo rio Amazonas. Boa tarde; no segundo bimestre o assunto é o rio Tietê. Boa noite; falaremos sobre as águas que banham o rio São Francisco.”

Decepções com o contexto. Quisera o infinito e foi o finito que se mostrou. Tuti foi comprado num Petit Shop assim que recebeu o documento de aposentadoria. Um cachorrinho pequinês que era levado pela manhã a tomar um pouco de sol, receber um afago das crianças, encontrar com outros cães, correr na pracinha. O mundo resumido nela e Tuti. Tuti e Ela.

Dia 12 de março. Um dia normal como outro qualquer. Esticou o lençol na cama. Estendeu a colcha. Afofou os travesseiros. Escancarou a janela. Tirou do criado-mudo uma caixinha com fotografias ensopadas. Estendeu-as no varal. Trancou a porta que dividia a área de serviço com a cozinha. Trancou-se por dentro. Arrumou-se para passear com Tuti. Ajeitou-o na sacola. Saiu. No elevador encontrou-se com um pescador desaparecido. Braçadas de nadador.

O mesmo pescador que um dia reivindicou a posse das suas águas. Fez passeata em prol do ambiente. Projetaram petições, seminários e ações

pelo mundo. Sonhos perdidos na névoa do tempo. No Hall de entrada, peixes no aquário. Corpos na água vislumbraram outros rios: Nilo, Reno, Yangtzé, Mississipi... Nas cartas geográficas ele estava ligado às usinas hidrelétricas. Sonhos que seguiram por outras correntes marítimas.

O dia passou. Ao voltar para o apartamento encontrou tudo alagado. As águas que verteram das fotografias estendidas no varal não pararam de sangrar. Transbordamento. Um barco atracado na beira da porta. Ventania. Fugiu da parte do rio que lhe tocava. Na escada tirou Tutti da sacola para que ele também corresse daquelas lembranças.

O que será que aconteceu no dia 12 de março do ano de 2000 em Pequim? Neste dia Virna caminhava de manhã com seu cachorrinho pequinês. Trazia um sorriso triste; filete do rio que vazou na sua vida.

LENA LUIZ

Fale com o autor: [helenabluz@gmail.com](mailto:helenabluz@gmail.com)

## O CÃO DE BASQUEVIL

— Oi, desculpe não ter atendido quando você ligou. Eu nem tinha percebido que o telefone estava sem bateria. Não descarregada, ela saiu pra fora quando o telefone caiu e eu só fui lembrar disso agora. Nem lembrava que alguém tinha pegado ele do chão pra me entregar.

Essa foi a singela introdução do telefonema de Teodolinda para Justino, às dez horas da noite daquela segunda feira. A melhor resposta possível seria, como foi:

— Caiu?

— Cara, você não vai acreditar! Mas não precisa ficar preocupado. Agora já está tudo resolvido, mais ou menos, e eu vou dormir até o cú fazer bico. Nós não tínhamos combinado nada, né?

Melhor resposta?

— Não.

— Aí, amanhã, na hora que eu acordar, tem de ser antes do almoço, eu escrevo tudo explicadinho. De tarde eu tenho ensaio. Não dá pra falar agora porque ia parecer muito confuso. Não foi, realmente, confuso. Surpreendente, estranho, mas não confuso. Explicação não tem, até agora. Você podia procurar. Explicação. Acho que pode ter uma matéria aí, sabe?

Justino, ao ouvir isso, passou a prestar atenção. Dolinda tinha um bom faro para matérias. Ela tinha muitos talentos, apesar de não se expressar oralmente de forma muito lógica.

— É mesmo? — foi a forma de manifestar seu interesse. Não que ela precisasse de incentivo para continuar, como continuou:

— Com certeza! — ela sempre tinha certeza. — Mas é melhor eu escrever, tudo bem? Estou mesmo exausta. Não sei nem se agüento tomar banho. Se quiser matar a curiosidade antes, fala com aquele Mello. Ele estava lá na 14ª quando eu fui para prestar declarações, ou depoimento, sei lá. Beijo!

Agora, sabendo que o evento surpreendente, estranho e sem explicação levava a namorada até uma delegacia, Justino não tinha alternativa a não ser ligar para o Delegado Mello, da 14ª Delegacia da Capital, com quem fizera amizade na época em que trabalhava no jornal.

— Alô, Mello? Aqui é o Justino...

Não precisou usar todas as fórmulas sociais de praxe, nem mesmo dizer o motivo do telefonema. O amigo adivinhou:

— A Dolinda já ligou pra você, então?

— Ligou, mas não explicou absolutamente nada. Não tenho idéia do que aconteceu.

— Aconteceu que ela salvou uma pessoa que estava sendo atacada por um cão, levou para o hospital e lá insistiu que avisassem a polícia. Mas já está tudo certo. — A voz do amigo mudou para um tom de deboche, e ele continuou como se estivesse narrando uma história. — A equipe forense chegou imediatamente ao local, levou o cão para nossa imaculada morgue, que, como você sabe, tem sempre local sobrando. Como havia ali um legista disponível, ele imediatamente abriu o animal e mandou o conteúdo de seu estômago para nossos equipadíssimos laboratórios, onde capacitadíssimos e motivadíssimos cientistas descobriram, no tempo de uma música pop, que o fabricante da ração da última refeição do animal vendeu trocentas toneladas do produto no último mês, para todos os Estados do país.

Justino interrompeu a cantilena:

— Mello, olha a bandeira! Você ta chapado?

— Merecidamente, gloriosamente chapado. Depois de um dia exaustivo no trabalho passei no supermercado, fiz compras, cheguei em casa a tempo de beijar a mulher que estava saindo para o plantão dela, botei as crianças na cama, acendi um saudável charuto de cannabis e estava pronto para colocar um segundo vinil do Zappa na vitrola. E bem nessa hora você me liga para falar de trabalho? Você, o cara que virou frila porque ganhou uma herança? Você, que mora sozinho e não tem filho? Vai tomar no seu cú, cara. Se quer falar de trabalho passa na delegacia amanhã, no final da tarde.

“Passa na delegacia” e “falar de trabalho” eram o melhor resultado possível, para quem tinha incomodado um homem cansado perto das onze da noite. O jeito era segurar a curiosidade e esperar até o dia seguinte.

—

De: doli@....br

Para:justino@....br

Assunto: A notícia

Data: 0x/xx/20xx 11:28

Oi.

Me desculpe por ter deixado você falando sozinho no telefone, ontem.

Aconteceu assim:

Estou eu ali quase na esquina da Cristiano Viana, perto da escadaria, o telefone na mão, já nem me lembro o porquê, e vejo aquele cachorrão assustador pulando DE DENTRO DE UM PORTA-MALAS para cima da moça! Dá pra acreditar? Nem parei pra pensar, corri. Quando cheguei perto ela já estava no chão, ele por cima, os dentes cravados no braço que ela tinha levantado pra proteger a cara. Agarrei as pernas de trás do cachorro e levantei, dizem que assim ele abre a boca, para poder respirar. Mas não fiquei sabendo se abriu a boca por isso ou porque o cara que estava passando do lado meteu a bengala com toda a força na cabeça da fera. Acho que a palavra certa é muleta, né? Quando usa duas embaixo do sovaco, porque está com gesso no pé? Acredita que quebrou? O cara bateu tão forte que quebrou a muleta! E entrou uma ponta no pescoço do bicho!

Justino, eu vejo tudo tão claro! Poderia descrever o rapaz, a namorada dele, a ponta da bengala de madeira enfiada no pescoço do cachorro, o sangue escorrendo... Mas, você sabe como eu sou. A moça estava sangrando, não dava para saber se alguma artéria mais importante tinha sido atingida. Parti para a ação. Tirei as chaves do carro da mão dela, joguei para a namorada do rapaz e disse para ela dirigir o carro. Fui no banco de trás com a vítima, estancando o sangramento da melhor forma possível.

No hospital, depois de conseguir o atendimento, insisti que comunicassem a ocorrência à polícia. O cão não pertencia à moça, e ela não o conhecia. Que não era dela eu sei porque perguntei, e ela conseguiu responder. Se conhecesse, teria gritado o nome dele, é instintivo. Então, alguém trancou um animal feroz, enorme, dentro do carro de outra pessoa! Não há como negar a intenção de causar algum mal, não é mesmo? E se a lesão corporal foi causada por um ataque intencional, se há indícios de crime, o hospital tem obrigação de comunicar, não tem?

Não foi muito fácil, como você pode imaginar. Mas consegui, mandaram uma pessoa pra lá, depois me chamaram para a delegacia.

Felizmente eu tinha falado para a garota que dirigiu o carro para nos deixar na porta da emergência e voltar com o carro para o mesmo lugar. Ela iria odiar se eu a tivesse feito passar por tudo aquilo. Já vão me odiar se os encontrarem. Querem falar com o cara que matou o cachorro, imagina! Daqui a pouco o pessoalzinho dos direitos dos animais vai querer crucificar o coitado.

Enfim, o Mello acho que vai poder dar mais detalhes, mas fiquei, mesmo, com a pulga atrás da orelha. Não tem lógica, tem? E, mesmo que não haja intenção criminosa, o quê eu não acredito, tem a possibilidade de uma matéria a respeito da falta de qualquer controle sobre a propriedade de animais domésticos.

Tenho a tarde e a noite cheias, se quiser liga pra mim lá pelas nove. Quem sabe dá pra você vir pra cá.

Beijo.

Doli.

—

Na noite anterior, depois dos dois telefonemas malucos, Justino foi para a academia e malhou até sentir que conseguiria dormir. De manhã fez feira e, depois, o almoço. Só perto da uma da tarde foi ler o e-mail da Dolinda.

O combinado era ir até a Delegacia no final da tarde; o que poderia fazer até lá, para conseguir maiores informações? Não sabia em qual hospital a pobre moça tinha sido atendida e, mesmo que soubesse, não sabia seu nome.

Lembrou que ao lado da escadaria da Cristiano tinha uma lojinha baterias de carro, e decidiu ir bater um papo com o pessoal do lugar, assuntar se tinham visto alguma coisa, tentar a sorte. Pois não é que, ao descer a escadaria, a sorte lhe sorriu?

A sorte usava bigode e cavanhaque, cabelo curto com topete, camiseta do Frank Zappa, calças justíssimas nas pernas, calçava AllStars e estava fumando um fininho. Tentou desbaratinar, mas ficou sossegado quando o jornalista disse:

— De boa.

— Vai um tapinha? — foi a resposta amistosa.

— Nem. Mas gostaria de saber se você costuma circular aqui pela escada.

— Todo dia. Eu trabalho ali na frente. Lá não pode fumar. Nada, nenhum



tipo. Por isso eu venho aqui toda tarde. Você perdeu alguma coisa?  
Todas as tardes! Quem sabe o carinha não teria visto algo na tarde anterior. Fez a pergunta e, bingo!

— Vi sim. Olha, cara, na verdade, eu vi duas coisas. A hora do pânico, mesmo, que foi quase em frente do salão, e antes.

— Antes? — Justino tentou manter uma atitude cool, mas estava quase dançando, tamanho o entusiasmo.

— É, umas duas horas antes. Nesse horário, mais ou menos. Eu aqui só na brisa, apreciando, e aí parou aquele carro bem ali. — o rapaz apontou, indicando um ponto perto da esquina, do outro lado da rua. — Pequeno, de carroceria fechada pra levar coisas, saca? Com porta de escorregar pro lado.

A narrativa prosseguiu detalhada: o utilitário havia parado em fila dupla, emparelhado com um carro estacionado, e da porta lateral descera um homem carregando um cachorro muito grande, aparentemente desacordado.

— Eu estava bem distraído, mesmo. Tava vendo mas não tava, mas daí achei estranho o cara abrir o porta-malas do carro escuro, botar o cachorro lá dentro e fechar. Mas acho que nem isso ia fazer eu lembrar de tudo se não fosse a placa, sabe?

O jornalista não podia acreditar no quê estava ouvindo. Definitivamente desta vez ele estava virado pra lua. Encontrar, por puro acaso, uma testemunha que assistira a tudo de camarote E lembrava a placa de um carro da cena só acontecia em seriado estadunidense.

— Você lembra da placa?

— Não tem jeito de esquecer, né? Era FZP1940, acredita?

Não, o Justino não acreditava e, muito menos, entendia. Se fosse o Mello, teria entendido, mas ele precisou da explicação:

— FZP, cara, de Zappa, Frank Zappa. Ele nasceu em 1940, percebe? Viagem!

—

O Delegado Mello estava, como sempre, bastante ocupado quando Justino chegou, lá pelas quatro, mas mesmo assim recebeu o amigo com um grande sorriso e o convidou para conversarem na padaria da Omaguás. O jornalista teria percebido a estranheza disso, se não estivesse, ele mesmo, tão entusiasmado com tudo o quê tinha para

contar.

— Como é que vai a vida boa?

— Muito parecida com a do tempo em que eu tinha patrão, com a diferença de não saber se o meu trabalho vai ser publicado ou se vou ganhar algum dinheiro com ele. Gastar, continuo gastando igual; na verdade, até mais. Mas não é com farra, mulherada, esbórnica, carrão, não. É que agora eu mesmo tenho de bancar meu transporte, hospedagem, essas coisas.

— Reclama, reclama, mas tá com uma cara ótima — respondeu o Mello. — E ela vai melhorar muito quando eu lhe contar umas coisinhas.

— Pois eu é que quero ver a sua, quando eu contar as minhas coisinhas. Os dois estavam parecendo porcos na lama. Aquilo não era normal, e eles mesmos acabaram por perceber. O Delegado, que era o mais azedo, logo baixou o tom:

— Tô sacando qual é a sua, você tá é querendo gritar seis pra mim, pra ver se eu mostro as cartas. Elas são boas, mas vou querer ver as suas, antes.

Justino não queria outra coisa. Estava doido pra contar que tinha uma testemunha disposta a colaborar (“Só não precisa dizer o quê eu estava fazendo na escada, né?” — preocupara-se o Greison, sem desconfiar quantos litros cúbicos de boa fumaça o homem da lei tinha aspirado antes que o moleque sequer pensasse em nascer.). Sem contar, claro, com a jóia da coroa, que ele deixou pro final:

— Sabe por qual motivo ele memorizou tudo? Por causa da placa do carro. Podia ser seu filho, Mello. Veja você, além de maconheiro, o cara é fã do Zappa, e a placa do carro era FZP1940!

O “PUTAQUEOPARIU!” ecoou por toda a padaria e atraiu olhares, alguns recriminadores, outros divertidos.

— E, depois que eu prometi que não ia dizer o quê é que ele estava fazendo na escada, até aceitou conversar com você, caso seja necessário. Só não vai confiscar o banguinho do menino, ein?

— Você sabe que eu não gosto que brinque com isso. Eu sei que tem fardado que, quando está sem, dá geral em moleque só pra descolar um fino; tem colega da civil que fuma apreensão, também, mas eu, nunca. Nem um único tapa, nesses anos. Sério. Você sabe. Só fiz o concurso porque minha mãe garantiu que nem comprar eu precisaria, nunca mais. Eu fumo o que ela planta. Se ela não plantar, ou não colher, eu não fumo.

— Sua mãe é a mulher mais legal do universo, Mello. Se ela aceitasse casar comigo eu largava a Doli.

— Ih, vai começar com besteira, vamos voltar pro assunto. É o seguinte: o caso vai bem, muito bem, apesar de nem ser exatamente oficial, ainda. As pessoas estão vindo trazer informações na bandeja, como essa aí.

Comentando que o amigo jornalista, por não depender de papéis oficiais, protocolos, regras e nem mesmo de autorização de patrão, agora que estava trabalhando por conta própria, poderia agilizar ainda mais as investigações a partir das dicas que tinha para dar, o delegado contou o que lhe tinha dito a gerente da loja onde trabalhava a vítima do ataque e passou o número do telefone do intérprete que estava com o cliente da compra “fatal”.

— Conversando com esses dois acho que você termina de escrever a matéria e consegue trazer informações que eu demoraria para conseguir oficialmente — finalizou o policial.

E assim foi.

—

Na quarta-feira Justino chegou à loja de artesanato logo às dez, e foi super bem recebido pela gerente que, genuinamente preocupada com sua funcionária e com as possíveis implicações trabalhistas, havia ido até a delegacia na manhã anterior oferecer colaboração. Afinal, ele não só vinha com recomendação do delegado como era o namorado da heroína que havia, literalmente, salvado a Marie.

Fez questão de começar explicando o motivo pelo qual a funcionária tinha ido levar as compras até o carro do cliente.

— Ela que se ofereceu. Ela é muito prestativa. Esperta. Entende que um gesto desses custa pouco e impressiona muito. Levar as compras, sabe? Colocou tudo num carrinho de supermercado e perguntou se eles queriam dar a chave para ela ir ajeitando tudo no porta-malas enquanto eles tomavam o último cafezinho comigo. Perguntou onde tinham estacionado e foi se adiantando. E foi bom, porque era cliente novo, fez uma compra boa, e pode comprar mais por internet, sem ter de viajar. E o rapaz que estava de intérprete nunca tinha vindo aqui antes, é bom motivar para trazer outros viajantes que ele vá atender no futuro, né? Fiquei o celular dele, e os telefones da agência com as quais ele trabalha. Ele ficou abaladíssimo, coitado!

Conversando com o Clemente, pouco depois, o jornalista compreendeu sua comoção. Havia ligado para o rapaz assim que saiu da loja, e ele mostrou que estava ansioso para conversar. Mas tinha um compromisso de trabalho após o almoço, poderia dividir um sanduba agora mesmo?

Enquanto comiam o sanduba, Justino ficou sabendo que o choque do intérprete não vinha apenas de ver alguém sofrer um ataque que aparentemente era dirigido a ele. Na verdade, o próprio fato de estar com aquele cliente já vinha de uma situação perturbadora anterior.

— Não costumo trabalhar muito com essa agência. São meio... Não estou afirmando nada. Nem é que desconfie, entende? Mas eles mesmos se apresentam com essa história de oferecer serviços para senhores. Não sei que tipo de serviços. Quando me chamam, deixo claro que só trabalho até 21:00 horas, como fiz desta vez. O Wander fazia de tudo, qualquer hora, ia a qualquer lugar. Mas daí me ligaram com essa emergência – o cara morreu quando estava indo pegar o cliente! E eu por acaso estava livre. Tinha trabalhado o final de semana inteiro, doze horas por dia, ia tirar o dia de folga, pra descansar, mas vi que a situação deles era difícil. E a do cliente, né? O cara perder o dia, com vôo marcado para a noite?

Simpático, o Clemente. Fez o quê pode para conseguir o telefone da Marie, mas teve de se contentar com a promessa de Justino de dar a ela o recado e o número dele. Se ofereceu para acompanhar o jornalista até a IGST e para ajudar no que fosse preciso:

— Pode me ligar. Mandar mensagem. E me dá notícias. A coisa toda é muito esquisita, eu quero saber a explicação. Liga mesmo, falou? E dá o recado pra moça, fala que a culpa não foi minha. Pra me desculpar. Eu sinto muito, não era para ela estar lá. Mas não era para eu estar lá, também, né?

Era para o Wander estar lá. E por qual motivo o motorista da van do Frank Zappa desejaria que um cão danado atacasse o tal Wander? O tal que morrera esmagado por um caminhão frigorífico!

Da lanchonete, Justino seguiu direto para a IGTS, para saber mais a respeito de um intérprete que aceitava todo tipo de serviço que fosse solicitado por uma determinada agência de acompanhamento e serviços “para senhores estrangeiros”. E soube.

—

Justino vendeu a matéria. Mello solucionou um caso com importantes desdobramentos. Hoje vai ter comemoração.

Dolinda convidou Marie, que vem com o Clemente.

— Ela me perguntou se podia — comentou Doli, acrescentando: — Disse que ele também ajudou a solucionar o caso. Parece que os dois estão super in love. Não tem problema, né?

O delegado vai fazer as pizzas. Uma, com “orégano” especial, colhido no sítio da mãe dele, será preparada para o Greison, que vai trazer alguns vinhos raros do Zappa. Os dois prometeram só ouvir depois que as pizzas ficarem prontas, com fone de ouvido, no escritório fechado, e ter conseguido vender para uma revista não-porca deixava Justino com humor suficiente até para tolerar Frank Zappa.

—

## O CÃO DE BASQUEVIL

Os incríveis desdobramentos de um incrível ataque de cão.

Reportagem especial de Justino H.

Um cão furioso salta de dentro do porta-malas de um carro e ataca a jovem funcionária de uma loja, que ali iria guardar as compras de um cliente. Este fato inusitado que poderia, no máximo, se tornar uma reportagem de programa policial escandaloso na TV, caso estivessem sem pauta, acabou apresentando desdobramentos inesperados.

Após ter realizado uma grande venda de produtos artesanais indígenas para um cliente estrangeiro, Marie, 24, ofereceu a cortesia de levar até o carro as mercadorias, enquanto o cliente e seu intérprete tomavam um café com a gerente da loja e trocavam as últimas gentilezas, cartões, endereços. Ao abrir o porta-malas, foi atacada por um cão, que ali se encontrava trancado.

Passava pelo local uma atriz circense, com formação em enfermagem, que acorreu e levantou as pernas traseiras do cão, que já se encontrava por cima da vítima, dentes cravados no braço com que ela protegia o rosto. Tão rápido quanto a atriz foi um rapaz que passava pela mesma calçada, apoiado em bengalas. Com uma delas, atingiu a nuca do cão, nocauteando-o.

Esta reportagem, no entanto, não é sobre os desdobramentos do incidente para Marie ou para o cão, mas por caminhos inesperados. As

investigações para localizar a pessoa que teria trancado o animal, conduzidas pelos investigadores da delegacia..., sob o comando do delegado Mello, levaram até uma empresa suspeita de ligações com contrabando, assunto que passa agora para o âmbito da Polícia Federal. A Polícia Civil prosseguirá com inquéritos a respeito de pessoas que teriam contratado os serviços de um canil, cujo proprietário já foi localizado, para a prática de crimes de intimidação, lesão corporal e, até mesmo, homicídio, usando como arma cães treinados para ataque. As informações conseguidas até o momento pelo Delegado Mello e pela reportagem podem parecer ter sido tiradas de páginas da literatura policial, mas são apenas a realidade.

- Quem planejou –

Na manhã dos fatos, Wander Dengxian, um intérprete poliglota, dirigia-se em sua moto para uma agência de locação de automóveis. Dali, deveria dirigir-se para um hotel do centro da cidade, onde um cliente o aguardava para sair em compras.

Wander era filho de um nigeriano de ascendência inglesa e de uma chinesa. Passou a infância aqui no Brasil, onde nasceu, morando com a família da mãe, que usava o chinês como idioma doméstico. Na adolescência foi morar no Chipre com o pai, com quem, mais tarde, voltou para a Nigéria, onde cursou alguns anos de faculdade. Falava chinês, grego, inglês e um pouco de iorubá.

Não se sabe o motivo de seu retorno ao Brasil. Os colegas da agência onde trabalhava - agência de serviços para senhores estrangeiros – dizem que a empresa foi idealizada por ele, e só não era sócio porque, segundo suas palavras “não queria a responsabilidade nem o compromisso”. A secretária/recepcionista não entende o motivo:

- Não sei para quê ele queria liberdade, se não fazia nada além de trabalhar. Não tinha amigos, família, nem nada. Trabalhava até de madrugada, levando os clientes para noitadas, para qualquer lugar. E indicava clientes, fazia contatos com o exterior, tudo.

Naquele dia Wander não trabalhou. Um caminhão o esmagou contra o solo ao tombar sobre sua moto.

- Quem executou –

João Basque foi quem revelou ter sido de Wander a idéia de usar o cão para atacar o cliente da loja de artefatos indígenas – cujo nome não será mencionado.

- Eu treino os cães para fazerem o quê os clientes pedem, mas isso de trancar o animal no carro foi idéia dele.

João, que é solteiro, não bebe, não fuma, e em seus momentos livres pratica artes marciais, trabalha muito, a exemplo de Wander. Ele é proprietário de um canil clandestino onde treina cães para ataque. As técnicas de treinamento João aprendeu com um primo, um ex-policia que foi assassinado a tiros por pistoleiros alguns dias depois de ter sido expulso da corporação, onde trabalhava com cães.

A empresa, que não tem CNPJ nem qualquer tipo de registro, se chama Canil do Basquevil. Não é uma piada. João é fã de literatura policial. No imaculado quitenete onde mora, e que ele próprio construiu no terreno onde vive com os cães, há uma estante repleta de livros de Conan Doyle, Edgar Wallace e Maurice Leblanc.

- Eu sei que esse não é a escrita correta, mas se escrevesse como no inglês as pessoas daqui iriam falar “vile”, e daí não dá rima. De qualquer maneira, a primeira parte eu ia mesmo adaptar para o meu nome, então ficou assim.

João não acha que o adjetivo ‘vil’, que ele acrescentou ao seu sobrenome, qualifique suas atividades. Ele só cuida dos cães, com higiene e boa alimentação, e os ensina a atacar e obedecer. Quando um cliente precisa de um serviço, ele treina a pessoa junto com o cão, de acordo com a necessidade: só amedrontar, ou atacar, ou matar. Ensina todos os comandos, mas ele só acompanha a ação.

- Nesse caso aí o China me deu uma cópia da chave do carro, com o botão de desligar o alarme, tudo certinho. Ele já pegou na agência que sempre aluga os carros pra ele. Eu só tive de dar um lolózinho pra o Cagnazzo cheirar, na hora de mudar ele de um carro para o outro. Ele falou que na hora ia estar com as mãos cheias de pacotes, e daí falava para o homem abrir. Depois que o Cagnazzo fizesse o serviço eu não sei, dessa vez não foi aluguel. Ele pagou para ficar com o cão, não ia me devolver. Uma pena, era um bom amigo.

O amigo dos animais, que não tem passagem anterior pela polícia, e protegido pelo instituto da delação premiada – benefício legal concedido a um criminoso delator que aceite colaborar na investigação –, provavelmente não cumprirá qualquer pena pelos crimes que cometeu. No entanto, nada impede que seja acionado civilmente pela senhorita Marie, pelas lesões corporais que sofreu.

- Quem contratou –

No curso das investigações a Polícia Civil localizou o senhor Arsênio, 59. Nascido grego, naturalizou-se brasileiro e atualmente é proprietário de uma empresa de importação-exportação que realiza muitos negócios com empresas nigerianas e cipriotas, entre outras.

O senhor Arsênio confessou ter contratado Wander para “dar um jeito” em seu desafeto.

- Ele sempre colaborou muito com a gente. Conhece muitas pessoas e não recusava serviço. Uma pena, esse acidente.

O empresário já era investigado pela Polícia Federal, mas também não tem passagem anterior pela polícia. Assim como João, fará uso da delação premiada e provavelmente não cumprirá qualquer pena em função dos indiciamentos que possam advir deste caso específico. No entanto, outras investigações terão curso; e delas poderão resultar prisões e, talvez, o desmonte de quadrilhas e redes de contrabando e tráfico.

Marie, a vítima do ataque do bom amigo Cagnazzo, pode mover ação cível contra o senhor Arsênio, pelas lesões corporais que deixaram em seus braços cicatrizes indeléveis e, na memória, para sempre, o trauma.



HANNAH CARPESO

Fale com o autor: [anamariapsouza@yahoo.com.br](mailto:anamariapsouza@yahoo.com.br)

## QUE A TERRA TE SEJA LEVE

“Que a terra te seja leve” era a maneira que ela tinha de desejar um arrependimento ao morto, que, depois de uma vida inteira de ações egoístas, recolhia-se ao seu eterno sepulcro.

Dizia ela: “Sepulcro”, porque todo carneiro tinha uma pedra a cobri-lo, após a descida do caixão, banhado pela pá de cal.

Abandonado o cemitério, em casa, não conseguia parar de pensar no que sentiria ao chegar a sua hora.

Sentimento estranho: ficar ali deitado – inerte aos olhos humanos –, frio, vestido com a roupa que alguém escolheu para a última saída de casa. Talvez, dependendo de quem o amasse (ou não), escolheria o melhor vestido e, com certeza, não levaria joias, bijuterias, meias e sequer sapatos. Então para que comprava tantos sapatos?

Quem teria a audácia de acompanhar sua última caminhada e ainda balbuciar: “Que a terra te seja leve”!

Ficou a lembrar de quem poderia repetir a frase que ela cunhara para si... para seus inimigos...

Pensou em alguns nomes... Os primeiros a ser lembrados foram os desamores, que ofereceram promessas e, depois, não as cumpriram; em seguida, os competidores profissionais que compartilharam caminhos e que, muitas vezes, colocaram pedras para que tropeçasse, ou falsos abraços, com os quais sussurravam ideias fadadas ao fracasso, abusando de sua boa fé.

Verdade... em algum momento, fora pessoa de boa fé. Quase não podia acreditar no que pensava, de tão longínquas que estavam a lembrança e a ingenuidade. Mas somos ou fomos ingênuos e virgens em algum momento da vida.

Permanecia sentada, folheando, na memória, cada ano, com a avidez de um investigador policial, a fim de descobrir culpados de crimes contra si. Vasculhou a família – sempre há um canalha! –; partiu para a vizinhança – algum fofoqueiro? –; buscou entre amigos recentes, mas nada encontrou.

Deveria relaxar para se considerar uma boa pessoa. Logo, sua frase morreria consigo.

Levantou-se para pegar uma cerveja. Mas a mente continuava a

tagarelar.

Interessante... Culturas... Na América, costuma-se discursar sobre o defunto – obviamente, ninguém sobe à tribuna para dizer o quanto o morto não prestava –; também comemora-se, de certa forma, com comes e bebes, ao dizer adeus.

No Oriente, choram e lamentam o nascimento, já que, aí, começam as privações. O povo oriental é sábio! afinal, ao morrer, entende-se que a missão deve ter sido concluída, então, festa é razão de cumprimento do dever.

Mas, no Brasil, o tropicalismo surreal faz com que alguns comemorem o nascimento e a morte (dependendo de quanto vão herdar); outros choram o nascimento e a morte, tendo em vista que a gente brasileira não desapega – e se mostra ciumenta, por pior que seja o sujeito.

E chegadas e partidas... quem pode prever o porquê?

Ela volta para a sala com a garrafa de cerveja. Senta-se novamente na poltrona, não percebendo que anoitecia e a sala começara a ficar na penumbra. Pensa: – Como me sentiria enclausurada? – Sabe que o apartamento é pequeno, ainda assim abre a janela e o sol entra quando ela quer. Mas, ali, num caixão – onde as medidas são exatamente o necessário para caber o corpo –, ao fechar a tampa, o escuro vai aparecer. E o ar? Quanto tempo duraria o ar se não se respira?

Deve durar para sempre, então... ar não faltará!

Mas, se alguém balbuciar: “Que a terra te seja leve”?

Ela para, petrificada, e promete: “Vou ouvir... Só não sei se poderei identificar. Terei que reconhecer a voz e, aí, prometo que vou assombrar”.

Mas... quem sabe se esse negócio de assombração é mesmo real? Uns dizem ser coisa de Stephen King. Em todo caso, que ninguém se aventure, porque, em vida, vou perceber e, aí sim, assombrarei até meu último suspiro.

Mulher austera, cobradora de seus erros na busca por perfeição, incomodada com a ideia de passar por tal situação. Agora lhe vem à mente outra questão...

Mas o que ainda não se sabe bem é sobre a decomposição do corpo... se dá coceira. Toda vez que um mosquito pica, ou qualquer outro inseto, pode provocar alergia. Uhm... esses vermes são os mesmos que dão na

lata do lixo ou são como o bicho-de-pé que coça e come a carne sem aparecer? Coceira é coisa que incomoda. Mas que defunto reclamou? E, num momento de lucidez kafkianiana, supõe ser cremada, e, assim, ficar longe dos comentários, para não ouvir o que dissera a alguns.

E o fogo lava a alma, é purificador.

Sem coceira, sem odor, nem ficaria muito tempo no escuro e em espaço apertado. Uma saída honrosa para o seu medo de ser considerada como mais um personagem de terror.

Percebe a noite dominando. Levanta, mostrando cansaço. Acende a luz e liga a televisão.

De volta à vida, esquece o defunto enterrado. Também esquece os seus medos em sua batalha travada. Mergulha no noticiário que avisa que o mundo continua com suas guerras, suas conquistas, atrações e fascínios. Então, ergue a garrafa gelada e brinda.

“Que a terra te seja leve” também faz parte da vida.

MARINALDO LIMA

Fale com o autor: [am91lima@gmail.com](mailto:am91lima@gmail.com)

## QUANTO É TREZE MAIS DOZE?

Ela tinha feito nove anos em um sábado, dia 1º de fevereiro. Estudava em uma Escola Municipal pela manhã, onde novamente fazia a 1ª série e passava o resto do dia pelas ruas. Seu pai estava no presídio há três anos por tráfico de drogas e latrocínio e sua mãe era faxineira em algumas casas. Os dois eram analfabetos e não davam a mínima importância para a educação dos filhos. Sua mãe, dona Alice, falava que não tinha cabeça para estudar e dizia que sem ter aprendido a ler, tinha criado seis filhos com trabalho e esperteza. Em relação ao trabalho, dona Alice esforçava-se para conseguir faxinas, pois era disposta para o serviço. Contudo, nem sempre conseguia e sua situação econômica era de muita pobreza. Em relação à esperteza, só lamentava ter vacilado ao se juntar com o tal do Zé Piranha, pai de Vitória e do irmão mais novo dela, Scanner de sete anos. Os outros quatro, eram filhos do falecido Catuaba, que morrera bêbado.

Vitória morava em um casebre com sua mãe, suas irmãs Ladydi de dez anos e Sábata de treze e seus irmãos Kid, de dezesseis anos e o Scanner. A garota ainda tinha um irmão mais velho, Durango, de dezenove anos. Porém, este Durango já morava em outro barraco com a namorada, grávida de quatro meses.

Vitória ficava muito chateada quando sua mãe dizia que já havia criado seis filhos. Ela ainda era uma criança e sentia muita falta da companhia e dos cuidados da mãe! Percebia que a mãe gostava mais dos outros filhos e era muito ruim com ela e Scanner. Ladydi, nascida no dia do casamento do príncipe Charles com a princesa Diana, era a queridinha da mamãe e ficava em casa pela manhã. Só saía à tarde para a escola. Sábata estudava de manhã e depois ia ajudar na casa de uma tia paterna, dona Éster. Almoçava lá e só voltava para casa à noite. Kid abandonara os estudos e já trabalhava como ajudante de pedreiro. Durango catava lixo reciclável para vender em uma cooperativa.

Vitória acordava às 7 horas da manhã, colocava a farda e ia para escola com o irmão mais novo. O café da manhã era a merenda, servida às 9:30. Depois da aula eles desciam o morro e iam para o centro comercial do bairro trabalhar. Olhavam os carros dos comerciantes, dos clientes das lojas e dos professores de uma escola do Estado que ficava ao lado de um

supermercado. Quando chegava um carro eles corriam para dizer: “Patrão, vou olhar seu carro. Pode deixar”. Nem todos os donos de carro davam alguma moeda; alguns até os enxotavam. Entretanto, às vezes recebiam R\$ 0,10 de um, R\$ 0,25 de outro, no máximo R\$ 0,50, e assim iam levando a vida. Em dias de muito movimento cada um deles ganhava em média de R\$ 2,00 a R\$ 3,00. Isto por que, além deles, muitas outras crianças já trabalhavam na área e a concorrência era grande.

Com certeza Vitória e o irmão já haviam herdado a esperteza da mãe, pois conseguiam comida, ou restos de comida, nos restaurantes e barracas do mercado público. Também, além de tomar conta de carros, Vitória e Scanner foram incumbidos pela mãe de levarem para casa todos os dias, verduras que caíam dos bancos da feira. A mãe dizia que desta forma, estava garantida “a sopa nossa do outro dia”. Vitória e Scanner ficavam pelas ruas até 8 horas da noite, às vezes mais. Aproveitavam até o último comércio fechar e só ficarem os taxistas que faziam ponto próximo da Escola Estadual. Tinham que chegar em casa com uns bons trocados se não eram castigados. A ida para casa era uma das coisas das quais ela mais gostava na vida. Mesmo tendo que subir todos aqueles degraus, ela sabia que ao chegar em casa, iria comer um prato de sopa, tomar banho e dormir.

Vitória esforçava-se para aprender a ler e escrever, mas de tanto ouvir a mãe falar, pensava que também não tinha cabeça para os estudos. Gostava mesmo era de contar as moedas que recebia pelas ruas e queria aprender matemática. Dizia que era boa em matemática e quando a professora colocava os números no quadro ela esforçava-se e já estava aprendendo a somar e a subtrair. Contudo, havia abandonado a escola várias vezes e naquele início de ano já estava apática com as aulas. Preferia ficar na cama mais um pouco, pois se sentia imensamente cansada. Todavia, não adiantava faltar à escola, que não tinha moleza. Se não fosse, a implicante da Ladydi mandava logo ela e o irmãozinho descerem o morro para irem trabalhar pelas ruas. Além disto, o que a movia para a escola era o estômago, ávido pela merenda. Às vezes chorava de tristeza, mas não tinha coragem de contar para ninguém; muito menos para sua mãe. Somente Scanner, seu companheiro de peripécias pelas ruas, compartilhava com ela os mesmos sentimentos. Eles também queriam ver o pai, de quem se lembravam pouco; aliás,

Scanner quase não lembrava. Mas, dona Alice não deixava eles tocarem neste assunto.

No dia 1º de abril de 1992, uma quarta-feira, Vitória estava muito cansada. Sentia uma forte dor de cabeça e muita febre. Mesmo assim, após a aula desceu o morro e foi para o centro comercial. Contudo, passou o tempo quase todo sentada na entrada do mercado público, jogando para cima e apanhando uma moeda de R\$ 0,25. Aquela fora a única moeda que ganhara no dia e não parava de pensar na forma como a conseguira. Aquela moeda era um verdadeiro troféu e sentia-se orgulhosa de ter dado a resposta certa.

De vez em quando Scanner vinha e colocava a mão no rosto da irmã para ver se a febre havia baixado. Por volta das 4 horas da tarde uma garota conhecida passou por ela e gritou: “Ei, eu ouvi falar lá em cima, que tua mãe morreu!” Vitória quase desmaiou com o susto. Porém, logo se levantou e em lágrimas começou a gritar pelo irmão. Correu como uma louca pelo mercado, atravessou a rua e encontrou Scanner recebendo uma moeda do dono de um carro. Puxou-o pela mão e começou a gritar: “Vamo pra casa, que mamãe morreu!” Scanner não entendeu de imediato, mas quando percebeu do que se tratava também abriu o berreiro. Os dois foram em direção à escadaria e começaram a subi-la. Na metade do caminho pararam ofegantes e sentaram-se chorando. Algumas pessoas que passavam quiseram saber do que se tratava para ajudá-los, mas eles nem percebiam. Apenas choravam e queriam chegar em casa. Levantaram-se e continuaram a subir a escadaria. Ao chegarem em casa bateram, mas a porta estava fechada. Àquela hora da tarde Ladidy estava na escola, Sábata na casa da tia e Kid trabalhando. O que eles iam fazer? E a mãe deles, onde havia morrido? Vitória e Scanner ficaram na porta de casa chorando até que uma vizinha, Maria Leitão, levou-os para casa dela. Eles disseram que a mãe havia morrido e a vizinha consolou-os dizendo: “Dona Alice morta? Quem inventou esta mentira? Isto só pode ter sido alguém maldoso para enganar vocês. Hoje é o dia da mentira e alguém fez esta maldade com estas crianças! A mãe de vocês já veio do trabalho e foi na casa de dona Elza passar a roupa dela. Eu vou levar vocês lá agora!” Maria Leitão levou Vitória e Scanner à casa de dona Elza e chegou lá gritando por dona Alice. Queria mostrar logo que a mãe das crianças estava viva. Dona Alice veio correndo e não



entendeu por que Vitória e Scanner estavam ali àquela hora a ainda por cima, chorando. Só quando compreendeu o que os filhos falavam é que achou graça. Vitória e Scanner choravam dizendo: “Mamãe, disseram que a senhora tinha morrido. Não morre não, mamãe, pra cuidar da gente!”. Dona Alice deu uma gargalhada e disse: “Eu, morta? Quem inventou esta mentira? Estas crianças acreditam em tudo! Esqueceram que hoje é o dia da mentira, o dia dos bobos? Eu já vivi 47 anos e espero viver outro tanto.” Entretanto, o abraço dos filhos compungiu dona Alice. Ela, sendo tão durona e sem nenhuma afetividade, sentiu-se incomodada ao ver que era querida pelos filhos. Além disso, ao colocar a mão em Vitória teve um susto e disse: “Meu Deus! Esta menina está queimando de febre! Dona Elza, vou levar Vitória e Scanner pra casa agora e venho mais tarde terminar de passar sua roupa. A bichinha está doente!”

Ao chegar em casa, dona Alice verificou que a febre de Vitória havia aumentado. A menina também se queixava de dores de cabeça e de barriga e tinha manchas vermelhas na pele. Vitória também estava com fome, muita fome, pois não tinha almoçado naquele dia. Sua mãe resolveu leva-la para policlínica do bairro, próximo do centro comercial. Vitória estava tão mole que queria cair na cama; porém foi convencida por dona Alice. Contudo, antes de saírem de casa, Vitória guardou a moeda de R\$ 0,25, que ganhara naquele dia, em sua gaveta na cômoda do quarto. Ela sentia-se feliz e orgulhosa por ter dado a resposta certa.

Dona Alice pegou Vitória pela mão e começaram a descer a escadaria. Ao chegarem embaixo, atravessaram a avenida, passaram ao lado do mercado público e da Escola Estadual e dobraram à direita. Era a rua da policlínica. Vitória quase não podia mais andar, até que desmaiou. Um homem que passava pela calçada, colocou-a nos braços e levou-a até a entrada da policlínica, deixando-a sentada em um banco. Dona Alice chorava e pedia pelo amor de Deus que atendessem a filha. Foi justamente o grave estado da menina que apressou o atendimento. Foi colocada em uma maca no corredor e aplicaram soro nela, tendo sua mãe passado a noite na policlínica. Vitória só acordou no outro dia, sentindo-se ainda muito debilitada. Ficou internada até o domingo.

Na quinta-feira Vitória passou o dia sem acompanhante, pois a mãe foi fazer uma faxina. Dona Alice explicou que tinha de trabalhar para não

perder a cliente. A menina conformou-se. Afinal de contas, passava o dia quase todo com o irmãozinho pelas ruas. Nunca tinha a companhia e a proteção da mãe. À noite, Vitória também ficou sozinha. Só na sexta-feira às 9 horas da manhã é que chegou uma tia, irmã de dona Alice, para cuidar dela. Amara gostava muito de Vitória e só não havia pegado ela para criar por que a irmã não deixara. Disse à sobrinha que à noite dona Alice ficaria com ela.

Vitória ficou feliz em saber que novamente iria ter os cuidados da mãe. Naquela sexta-feira acordara melhor e já não sentia dores de cabeça. Contudo, ainda estava no soro e sentia as pernas fracas. Ficou pensando na sua moeda de R\$ 0,25 guardada em sua gaveta na cômoda. Era uma cômoda velha que dona Alice tinha comprado a um carroceiro. Fora encontrada em um lixão. Contudo, Vitória, mesmo sem ter muito tempo, zelava pela cômoda, que dividia com as duas irmãs. E aquela gaveta, a sua gaveta, era o único lugar deste mundo que poderia ser considerado somente seu. E ali estava a moeda ganha por ter dado a resposta certa.

À noite dona Alice não veio e Vitória desiludiu-se. Não entendera por que a tia Amara havia saído às pressas por volta das 5 horas da tarde sem dar explicação. No sábado pela manhã, quem chegou para ficar com ela foi dona Éster. Ela gostava muito daquela senhora, que sempre lia textos da Bíblia e lhe falava do grande amor de Deus. Às vezes, a chamava de tia. Porém, sabia que dona Éster, irmã do falecido Catuaba, era tia apenas de Durango, Kid, Sábata e Ledidy. Vitória perguntou pela mãe e pela tia Amara, mas dona Éster disse que estavam muito ocupadas. Vitória ficou aflita e seu coração encheu-se de tristeza. Tinha a impressão de que algo terrível havia ocorrido e voltou a ter febre.

Às 6 horas da noite do sábado a tia Amara chegou para ficar com Alice até o domingo. Alice percebeu que a tia estava triste e perguntou o motivo. Recebeu apenas evasivas, como dívidas para pagar e problemas com os filhos. Alice adormeceu preocupada e teve pesadelos. Sonhou com cobras entrando em sua casa a noite toda. No domingo pela manhã a tia Amara disse-lhe que só estava esperando o médico dar alta para levá-la para casa. Somente por volta das 9 horas da manhã o médico passou na enfermaria infantil e liberou Vitória. A menina sentiu-se feliz. Seu instinto de liberdade, de viver solta pelas ruas, não estava gostando daquela prisão do internamento. Também, queria ver se sua moeda de

R\$ 0,25, ganha por ter dado a resposta certa, ainda estava no mesmo lugar. Contudo, ao chegar em casa recebeu uma notícia terrível e desabou em um choro desesperado. Foi o dia mais triste da sua vida.

O dia 11 de fevereiro de 2008 foi o mais feliz da vida de Vitória. Estava iniciando o curso de Licenciatura em Matemática na Universidade Federal. Completara 25 anos no dia 1º daquele mês e trabalhava como operadora de telemarketing em uma empresa de telefonia desde novembro de 2006. O salário era pequeno, mas podia ajudar a mãe, já cansada de tanto trabalho. Ela e a mãe ainda moravam na mesma casa e a vida tinha melhorado. Os outros irmãos já haviam constituído famílias e moravam em suas casas.

Quando largou do trabalho no final da tarde no centro da cidade, Vitória pegou o ônibus e foi para a Universidade. Queria chegar bem cedo no primeiro dia de aula. Para ela era um mundo deslumbrante e desconhecido, desejado e desafiador. Contudo, ia dar de tudo para estudar e tirar boas notas. Depois de tanto esforço, não iria jogar aquela oportunidade fora. Já conhecia o campus universitário das vezes em que fizera vestibular e sabia onde era o Departamento de Matemática. Chegou precavida e desconfiada, temendo os trotes dos veteranos. Por isto, refugiou-se na Biblioteca do Departamento onde se sentiu segura. Pegou um livro e começou a folheá-lo. Desejava aprender e superar suas dificuldades do ensino fundamental e médio. E então veio à lembrança aquele longínquo 1º de abril de 1992, quando tinha 9 anos.

Lembrou-se de como sua cabeça doía ao sair da escola. Ela e Scanner desceram a escadaria e foram para o centro comercial. Assim que chegaram viram um monte de meninos ao redor do professor Manoel Ivo da Escola Estadual. Ela o conhecia e já tinha ganhado algumas moedas dele. Ele era professor de Matemática, tinha um jeito calmo e sério. Às vezes conversava com as crianças que viviam por ali, perguntando onde estudavam e dando conselhos para não abandonarem a escola. Também se mostrava indignado com as mães por deixarem seus filhos soltos pelas ruas durante quase todo o dia, explorando-os em busca de uns trocados. Vitória lembrou-se que naquele dia o professor inovou. Quando ela chegou junto do grupo de meninos, eles estavam desapontados por não terem respondido a uma pergunta. Foi aí que ela ouviu o professor dizer: “Vamos, quem vai responder quanto é treze mais doze?”. Vitória fez um

esforço e pensou os números na sua cabeça. Depois de alguns segundos respondeu: “Vinte e cinco, professor!” O professor deu-lhe uma moeda de R\$ 0,25 enquanto lhe dizia: “Você ganhou por que deu a resposta certa. Continue assim. Neste mundo o conhecimento é de grande importância. As oportunidades chegam e devemos estar preparados. Você está de Parabéns! Deu a resposta certa. Como é o seu nome?” A menina ficou encabulada diante dos olhares invejosos dos meninos e falou bem baixinho: “Meu nome é Vitória.” O professor então continuou: “Que nome bonito Vitória! Faça da sua vida uma vida vitoriosa. Estude, aprenda e siga em frente, buscando seus objetivos. Busque o conhecimento e acima de tudo confie em Deus. A Bíblia diz: O temor do Senhor é o princípio da sabedoria. Que Deus te abençoe, Vitória!”. Vitória sentia-se tão mole que nem conseguia andar direito. Sentou-se na entrada do mercado e ficou pensando na vida. A febre fez com que ela divagasse bastante. E, jogando a moeda de R\$ 0,25 para cima e apanhando-a no ar desejou ser vitoriosa. Mas, como vencer se tinha tantas dificuldades e vivia pelas ruas?

Aos poucos muitos outros alunos foram chegando na biblioteca e despertaram a atenção de Vitória. Ela viu no relógio da biblioteca que eram 18: 25. Faltavam cinco minutos para iniciar sua vida acadêmica. Pegou a bolsa e foi para a sala de aula. Estava escrito no cartaz: 1º período de Matemática. Sentiu-se orgulhosa e feliz, e com um friozinho na barriga. Aos poucos outros alunos foram chegando como que pisando em ovos. Eram os calouros de 2008. Naquele primeiro dia o Coordenador do Curso foi dar as boas-vindas a eles e mostrar-lhes a estrutura do curso. Depois houve apenas uma aula de Matemática I, na qual a professora apresentou o currículo da disciplina e conversou com os alunos sobre as expectativas que eles tinham do curso.

Ao voltar para casa naquele dia, Vitória foi pensando no ônibus sobre a sua vida. Em 1992 finalmente terminara a 1ª série, mas no ano seguinte abandonou a escola no meio do ano. Sua mãe estava muito doente e ela começou a trabalhar como empregada doméstica. Pelo menos, não tinha mais o perigo das ruas! Também, em 1999 foi reprovada na 7ª série, tendo que repeti-la no ano seguinte. Com isto, só terminou o ensino fundamental em 2001, com 18 anos. Em 2002 foi reprovada no 1º ano do ensino médio e pensou em desistir dos estudos. Contudo, foi persistente

e matriculou-se em 2003, tendo concluído o ensino médio em 2005. Naquele ano fez uma boa prova no Ensino Nacional do Ensino Médio, mas só conseguiu uma bolsa de 50% no Programa Universidade para Todos. Entretanto, não podia pagar os 50% restantes. Também, não passou no vestibular da Universidade Federal. Tentou novamente no ano seguinte sem sucesso. No final de 2007 passou no vestibular e estava iniciando seu curso superior.

Ao chegar em casa tomou banho, jantou a sopa que dona Alice sempre fazia e deitou-se. Outras lembranças da sua infância vieram-lhe à mente. Entre elas a mais dolorosa foi de quando chegou em casa naquele domingo, após receber alta do hospital: seu irmão, seu irmãozinho Scanner havia morrido! Na sexta-feira, ele fora atropelado por um ônibus ao atravessar a avenida para tomar conta de um carro que estava estacionando ao lado do supermercado. Naquela batalha pela vida ele sempre corria para chegar primeiro e dizer: “Patrão, vou olhar seu carro. Pode deixar.” O enterro foi no sábado à tarde e sua mãe não quis que ela soubesse no hospital. Somente no domingo, ao chegar em casa, recebeu a notícia. Vitória lembrou-se que chorou compulsivamente enquanto ia sendo tomada por uma raiva enorme. De repente, mesmo debilitada pela doença, arrancou forças do fundo da sua alma e atracou-se com a mãe, derrubando-a no chão e gritando: “A senhora é culpada, a senhora matou meu irmão e quer me matar também!” A tia Amara conseguiu puxar Vitória e colocou-a no colo. Foi então que percebeu que a mãe também chorava e dizia: “Perdão minha filha! Perdoa tua mãe! Como eu queria que meu filhinho estivesse aqui comigo! Eu só pedia que vocês trabalhassem pelas ruas por causa da nossa pobreza. Mas eu juro, que nunca mais vou deixar você descer este morro para ficar pelas ruas atrás de dinheiro. Eu só queria teu perdão. Eu só queria Scanner!”

Vitória não conseguiu dormir logo. Lembrou-se também da morte do seu pai em uma rebelião no Natal de 1995 e de ter chorado muito. Sua mãe não foi e nem a deixou ir ao enterro. Depois vieram as lembranças do dia em que fez 13 anos: 1º de fevereiro de 1996. Estava começando a 4ª série e viu que muitas meninas da sua idade já estavam na 6ª ou na 7ª série do ensino fundamental. Naquele dia parou em frente à Escola Estadual onde o professor Manoel Ivo ensinava e ficou olhando. Era uma escola grande e tinha uma quadra coberta. Sabia que tinha de

terminar a 4ª série naquele ano para estudar ali em 1997. Lembrou-se da pergunta do professor Manoel Ivo: “Quanto é treze mais doze?” E naquele dia, ao fazer 13 anos ela perguntou a si mesma e respondeu, pensando em sua vida: “Quanto é treze mais doze? É vinte e cinco. O que será da minha vida daqui a doze anos? Eu sou Vitória e vou lutar para vencer na vida. Treze mais doze é vinte e cinco. E eu quero completar 25 anos como uma vitoriosa!” Por fim, Vitória lembrou-se daquele seu primeiro dia de aula na Faculdade e dos novos colegas da turma. Particularmente lembrou-se de um rapaz que passou o tempo todo olhando para ela e na saída perguntou seu nome. Ao responder que era Vitória, ele disse-lhe que era um nome muito bonito e que ela seria vitoriosa. E antes de adormecer, alternando reminiscências de sua infância e adolescência com as recentes lembranças daquele primeiro dia de Faculdade, Vitória estendeu a mão, abriu a gaveta e sentiu-se vitoriosa. Aquela moeda de R\$ 0,25 ainda estava ali guardada.

ANA PAULA DE SOUZA LIMA

Fale com a autora: [anaplima360@gmail.com](mailto:anaplima360@gmail.com)

## CARTA ÚNICA, PARA MARIA

Cara Maria,

Se está lendo isto é porque já parti.

Meu avião decolou dois dias atrás e te escrevo do último país europeu que passo. A carta vai levar algumas semanas para chegar em tuas suaves mãos, mesmas mãos que tanto me consolaram.

Estou de ida para um país em guerra e eu sou o inimigo central, entretanto, devo ir fazer a minha parte, aliviar a dor e levar a paz.

Só o Eterno sabe se retorno, ou não. Posso morrer no primeiro dia ou voltar sem um arranhão.

Tu fostes de extrema ternura para comigo, não me humilhaste quando lhe disse do passado, não me tornou uma criatura mitológica, apenas me amou quando eu só esperava teu desprezo.

Deixo agora para ti, meus três mais amados pertences neste mundo.

Um chapéu Fedora

O livro de histórias do meu pai

E o anel de esmeralda da minha mãe

Se meu prognóstico não fosse tão incerto eu correria até tua casa, bateria ansioso na porta e com este mesmo anel te pediria em casamento, pois, sim minha bela Maria, hoje eu posso dizer que a amo. Mas porque a amo e por ao mesmo tempo ter de sacrificar meu tempo ou quem sabe uma vida inteira ao teu lado é a razão que eu não farei o pedido, nem por escrito por mais que este seja meu desejo natural.

Aproveito para agradecer todas as vezes que não riu de mim, por todas as vezes que riu comigo e que me fez sorrir. Esta mera carta não pode expressar tudo o que sinto...

Quanto ao anel que te dou, se usá-lo ao menos uma vez enquanto eu estiver fora meu coração há de sentir uma pontada de alegria.

Mande lembranças minhas a toda tua família, especialmente para o teu pai, ele é um homem bom. Tu não poderias ter crescido com um melhor guia.

Por favor, leve nosso caro amigo Júlio ao cinema por mim, caso eu não retorne em seis meses todo o meu dinheiro é de vocês dois. Meus únicos amigos.

Despeço-me agora, Maria, apenas formalmente, porque em minha



mente tu sempre estarás comigo. Se eu sobreviver saiba que foi só pra poder lhe trazer, na bolsa, um souvenir.

Até algum dia!

Paulo Ortiz

A publicação da Antologia de Contos Seleccionados reafirma o papel institucional da Academia Penedense de Letras, Artes, Cultura e Ciências de difundir a cultura nacional e a literatura brasileira, reconhecendo, valorizando e promovendo não apenas o livro e a leitura, mas também novos autores que nos brindam e nos encantam com suas histórias.

Os contos seleccionados nesta obra abrangem as mais diversas temáticas de forma criativa e inspiradora. Todos os textos que compõem a Antologia de Contos Seleccionados da foram submetidos por seus autores ao VII Concurso Literário Cidade do Penedo de Poesia e Conto e receberam menção honrosa por parte da Comissão Avaliadora da APLACC.

